

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED**

**CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA**

**NICOLAS FERNANDES GONSALVES**

**MEMÓRIA E TESTEMUNHO SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA EM  
OBRAS DE FERNANDO GABEIRA (1979 – 2012)**

**FLORIANÓPOLIS**

**2023**

**NICOLAS FERNANDES GONSALVES**

**MEMÓRIA E TESTEMUNHO SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA EM  
OBRAS DE FERNANDO GABEIRA (1979 – 2012)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História, área de concentração em História do Tempo Presente. Orientadora: Prof. Dra. Caroline Jaques Cubas.

**FLORIANÓPOLIS  
2022**

Gonsalves, Nicolas Fernandes

Memória e testemunho sobre a ditadura militar brasileira em obras de Fernando Gabeira (1979 – 2012) / Nicolas Fernandes Gonsalves. -- 2023.99 p.

Orientadora: Caroline Jaques Cubas

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2023.

1. Memória. 2. Literatura de testemunho. 3. Fernando Gabeira. I. Cubas, Caroline Jaques. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

**NICOLAS FERNANDES GONSALVES**

**MEMÓRIA E TESTEMUNHO SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA EM  
OBRAS DE FERNANDO GABEIRA (1979 – 2012)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História, área de concentração em História do Tempo Presente. Orientadora: Prof. Dra. Caroline Jaques Cubas.

**BANCA EXAMINADORA**

Caroline Jaques Cubas, Dra.

Universidade do Estado de Santa Catarina

Cristiani Bereta da Silva, Dra.

Universidade do Estado de Santa Catarina

Maria Teresa Santos Cunha, Dra.

Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 28 de novembro de 2023

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram com este trabalho. Primeiramente à minha família, em especial minha mãe, Lúcia, e minha tia Elvira, que sempre me incentivaram a estudar e, sobretudo, estudar o que eu tivesse vontade. Também agradeço a elas pelo sustento material por tanto tempo, o que me permitiu chegar até aqui.

Agradeço à minha esposa, Caroline, que chegou a minha vida quando este trabalho estava sua fase final, mas foi essencial para a sua conclusão. Obrigado pelo apoio emocional e por me motivar a estudar e escrever nos fins de semana em que eu queria assistir televisão.

Agradeço às minhas amigas e aos meus amigos que, além da parceria e momentos de diversão - que todos precisam - sempre me ajudaram diretamente com a escrita, às vezes lendo trechos para opinar, às vezes debatendo textos teóricos, me motivando nos momentos em que não me acreditei capaz de construir uma dissertação, ou até mesmo dividindo o lanche e o café na universidade.

Por fim – mas longe de ser a menos importante -, agradeço à minha orientadora, Caroline Cubas, pela compreensão, atenção e dedicação sempre. Obrigado por ter sido paciente nos meus momentos de desmotivação e, conseqüentemente, demora para entregar as partes do texto, pelas sugestões sempre muito boas e pela abertura ao diálogo. Em resumo, obrigado por ter orientado tão bem a mim e ao meu trabalho.

Esto que estas oyendo / Ya no soy yo / Es el eco, del  
eco, del eco / De un sentimiento / Su luz fugaz /  
Alumbrando desde otro tiempo / Una hoja lejana que  
lleva y que trae el viento (Jorge Drexler, 2004)

São tantas lutas inglórias / São / histórias que a história /  
Qualquer dia contará / De obscuros personagens / As  
passagens, as coragens / São sementes espalhadas nesse  
chão (Gonzaguinha; Luiz Gonzaga, 1981)

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como proposta analisar a memória e o testemunho sobre a ditadura militar brasileira a partir das obras *O que é isso, companheiro?* (1979) e *Onde está tudo aquilo agora?* (2012), de Fernando Gabeira. Os livros foram selecionados por possuírem relatos sobre as vivências do autor durante a ditadura militar e por terem sido escritos em momentos distintos. Desta forma, será analisado como a narrativa testemunhal de Gabeira foi transformada com o passar do tempo, buscando compreender quais são as permanências e as rupturas presentes, bem como a influência das vivências do autor e dos contextos de publicação na escrita. O objetivo principal é entender como o tempo age sobre as memórias dos indivíduos. As obras serão analisadas sob a perspectiva da História do Tempo Presente, para, assim, compreender também como os eventos do passado afetam o nosso presente e como a ditadura militar deixou marcas no Brasil até os dias de hoje.

**Palavras-chave:** Memória; Literatura de testemunho; Fernando Gabeira.

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze the memory and the testimony about the Brazilian military dictatorship by the books *O que é isso, companheiro?* (1979) and *Onde está tudo aquilo agora?* (2012), by Fernando Gabeira. These books were selected because they have reports about the experiences of the author during the military dictatorship and because they were written in distinct moments. In this way, it will be analyzed how Gabeira's testimonial narrative was transformed over time, aiming to comprehend what are the permanencies and the ruptures present in his writing. The main objective is to understand how time acts over the individuals memories. The works will be analyzed by the perspective of the Present Time History in order to understand also how past events affect our present and how the military dictatorship left marks in Brazil until nowadays.

**Key words:** Memory; Testimonial literature; Fernando Gabeira.

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AI-5	Ato Institucional nº5
AI-13	Ato Institucional nº 13
ALN	Aliança Libertadora Nacional
CNV	Comissão Nacional da Verdade
Colina	Comando de Libertação Nacional
DIs	Dissidências estudantis
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
HTP	História do Tempo Presente
LGBT+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e mais
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
Mercosul	Mercado Comum do Sul
MR-8	Movimento Revolucionário 8 de Outubro
Oban	Operação Bandeirantes
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PE	Polícia Estadual
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNDH-3	Terceiro Plano Nacional de Direitos Humanos
PPS	Partido Popular Socialista
PRN	Partido da Reconstrução Nacional
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
PV	Partido Verde
UDN	União Democrática Nacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>UMA VIDA EM NARRATIVAS: APRESENTAÇÃO DE FERNANDO GABEIRA E SUAS OBRA.....</b>	<b>22</b>
2.1	FERNANDO PAULO NAGLE GABEIRA E SUAS OBRAS: UMA BREVE APRESENTAÇÃO.....	30
<b>3</b>	<b>"JOVENS COM NERVOS DE AÇO E LOURAS COM METRALHADORAS.....</b>	<b>43</b>
3.1	“OFICIALMENTE, ENTREI PARA UMA ORGANIZAÇÃO LENINISTA NA PRAÇA ANTERO DE QUENTAL NUMA TARDE MUITO BONITA”.....	47
3.2	“DALI POR DIANTE, TUDO SE FARIA NUM OUTRO RITMO”.....	52
3.3	“PERGUNTAVAM: VOCÊ TERIA CORAGEM DE NOS TORTURAR? RESPONDIA: NÃO”.....	58
3.4	“AGORA, TODOS OS DIAS, ME INTERROGO SOBRE QUEM EU SOU”.....	63
<b>4</b>	<b>“NÃO PRETENDO CONCLUIR, APENAS FECHAR UM CICLO”.....</b>	<b>68</b>
4.1	“TINHA UMA IDEIA NA CABEÇA: A REVOLUÇÃO”.....	72
4.2	“OS LENÇÓIS DE AGORA TINHAM O LINHO DA HISTÓRIA”.....	76
4.3	“COMEÇAVA ALI UM NOVO CAPÍTULO”.....	80
4.4	“UM MERGULHO GRADUAL EM OUTROS MUNDOS”.....	81
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>87</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A escrita é um campo em que a memória pode ser expressa, sendo possível encontrar relatos de diversas pessoas sobre diversos eventos, em diversos períodos. Sendo assim, este também pode ser um campo de construção testemunhal. Os testemunhos têm ligação direta com a memória, já que são narrativas pessoais de quem viveu eventos traumáticos, construídas a partir de sua memória sobre eles. Ao longo do tempo, narrativas memoriais são ressignificadas, já que as pessoas mudam com o tempo, assim como suas memórias, como afirmou Michael Pollak (1989):

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. (POLLAK, 1989, p. 8).

A forma que vemos e narramos o passado muda conforme o presente e conforme a intenção de cada um no presente. Nas obras de caráter testemunhal não é diferente, já que sendo elas narrativas retrospectivas e, como apontado por Aurell e Silva (2014), resultados da memória (ou mesmo esquecimentos) não apenas individual, mas também coletiva, são constantemente negociadas e processadas, não são simples atos de resgate, mas de reconstrução do passado a partir do presente. (AURELL; SILVA, 2014, p. 340). Portanto, duas narrativas da mesma pessoa escritas em momentos diferentes, serão constituídas através de elementos e de atribuições de sentidos distintos. Isto ocorre porque a forma que a pessoa enxerga seu passado muda constantemente, assim como a forma como ela o quer projetar no presente.

Com a análise da memória, os historiadores podem ter uma melhor compreensão sobre como o passado é visto no tempo presente, de que forma ele afeta pessoas na atualidade e como ele faz parte da construção de identidades. O historiador Henry Rousso (2016) afirma que “As noções de memória ou de patrimônio invadiram o espaço público e científico. O testemunho tomou o aspecto de um imperativo social e moral.” (ROUSSO, 2016, p. 29). A História do Tempo Presente traz contribuições fundamentais para o estudo da memória pela historiografia, isto porque como ela surgiu a partir da necessidade social de reparações históricas com vítimas de catástrofes, como a Segunda Guerra Mundial e as ditaduras militares na América Latina, ela valoriza o que as testemunhas destes eventos têm a dizer. Devido a isso, a memória tem papel central na HTP, pois para que estes reparos ocorram, é

preciso ouvir as pessoas que sofreram com estes eventos e que ainda sofrem com os traumas deixados por eles.

O autor Fernando Gabeira é um exemplo de sujeito que construiu narrativas memoriais, com caráter de testemunho, sobre um mesmo evento, em momentos diferentes. Em *O que é isso, companheiro?*, publicado originalmente em 1979 (mesmo ano que o escritor retornou ao Brasil após ter sido exilado), pela Editora Codecri, Gabeira narra sobre sua atuação política durante as décadas de 1960 e 1970, quando participou do Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8), organização política que atuou na luta armada contra a ditadura militar brasileira (1964 – 1985). A narrativa é focada no sequestro do então embaixador estadunidense, Charles Burke Elbrick, na posterior prisão do autor e em seu exílio. Mesmo não se propondo a ser uma autobiografia, mas sim uma narrativa sobre estes eventos, elementos autobiográficos estão presentes na obra, pois há uma construção de si mesmo feita pelo autor, mesmo que este não seja seu objetivo central.

Já em *Onde está tudo aquilo agora?*, publicado originalmente em 2012, pela editora Companhia das Letras, Fernando Gabeira constrói uma autobiografia, também escrita a partir de sua memória, contando sobre sua vida desde sua infância até o ano em que o livro foi escrito. Nele o autor traz novas reflexões sobre os acontecimentos narrados em *O que é isso, companheiro?*, partindo de sua visão atual para falar sobre este período. As vivências do autor durante a ditadura militar brasileira, sua participação no processo de redemocratização e sua atuação na política posteriormente, ganham destaque na obra, ocupando sua maior parte.

Fernando Gabeira, foi um preso político, sofreu perseguições e torturas durante a ditadura militar. Nestas obras, escreveu em tempos diferentes (durante e após a ditadura militar) sobre sua vida e sua atuação política a partir de suas memórias, de seus testemunhos e de seus presentes. Com este trabalho, busca-se responder às seguintes perguntas: de que forma o autor apresenta o seu testemunho sobre a ditadura militar nestes dois livros? Quais são as permanências e rupturas nas narrativas? Como elas mudaram ao longo dos 33 anos que separam a publicação dos dois livros? Este trabalho busca responder a essas perguntas, trazendo um debate historiográfico sobre memória, testemunho, literatura e sobre os contextos que permeiam as obras selecionadas, em especial a ditadura militar.

A minha motivação para realizar esta pesquisa, inicialmente, foi continuar a pesquisa iniciado em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação, intitulado “A memória é uma mágica não desvendada”: trauma e reconciliação sobre a ditadura militar brasileira em obras de Marcelo Rubens Paiva (1982 – 2015), concluído em 2020, também na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). As professoras presentes em minha

banca de defesa<sup>1</sup> sugeriram que eu desse continuação a pesquisa, a qual eu gostei de fazer, então decidi aceitar a proposta e seguir pesquisando sobre literatura, memória e ditadura militar brasileira.

A ideia inicial era focar em como a memória e as construções de identidade se alteram com o tempo, como foi sugerido pela professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha. Portanto, tendo esta ideia em mente, busquei autores que escreveram sobre a experiência da ditadura militar em diferentes momentos da vida. Primeiramente, foram selecionados dois autores: Fernando Gabeira e Frei Betto. Eu já conhecia os livros *O que é isso, companheiro?* e *Batismo de sangue*. Durante as pesquisas de possíveis obras para utilizar como fonte, encontrei *Onde está tudo aquilo agora?* e *A Mosca Azul* e percebi que elas se encaixavam no tema que eu estava pensando em estudar. Com isso, decidi pesquisar sobre como as construções de identidade dos dois autores foram feitas e transformadas de formas distintas.

A escolha pela redução da quantidade de fontes foi feita após a banca de qualificação, onde foi sugerido que isso fosse feito e que o foco do trabalho fosse mudado para a questão do testemunho nas obras, em vez da questão de identidade. Este era um caminho que, pelas leituras feitas e por afinidade minha com os assuntos, já estava sendo percorrido de forma não intencional, portanto, as sugestões foram acatadas. A decisão por manter os livros de Fernando Gabeira como objetos do estudo foi feita por dois motivos: a minha maior familiaridade com os temas abordados nestas obras, em comparação com os temas abordados por Frei Betto, e o fato de que os meus estudos sobre *O que é isso, companheiro?* e *Onde está tudo aquilo agora?* já estavam mais desenvolvidos em comparação à minha pesquisa sobre *Batismo de sangue* e *A Mosca Azul*. Desta forma cheguei à pesquisa que se resultou no presente trabalho.

O recorte temporal que a pesquisa abrange é entre os anos de 1979 e 2012, ou seja, o ano de publicação de cada obra. Porém, o período sobre o qual Fernando Gabeira fala nos livros é mais amplo e também foi abordado no trabalho. Em *Onde está tudo aquilo agora?*, o escritor narra desde seu ano de nascimento, 1941. Portanto, o recorte temporal das obras é entre 1941 e 2012, mas é necessário ter em mente que mesmo os eventos anteriores às publicações são narrados sob o ponto de vista do autor no momento da escrita. Como o objetivo é estudar o testemunho de Gabeira sobre suas vivências, considera-se que a pesquisa teve a abrangência de tempo dos anos de publicação das obras.

---

<sup>1</sup> Dra. Maria Teresa Santos Cunha, Tâmyta Rosa Fávero e Dra. Ana Luiza Mello Santiago de Andrade.

Este trabalho busca analisar de que forma Fernando Gabeira escreveu sobre a ditadura militar nestes diferentes momentos, buscando encontrar aproximações e distanciamentos entre suas narrativas. A preocupação é observar como a violência de Estado afeta sujeitos e suas narrativas, bem como compreender como seus testemunhos se transformam em função do presente em que são elaborados. Também se busca compreender como os eventos e processos vividos pelo autor fazem parte desta mudança, refletindo sobre os contextos individual e coletivo em que ele está inserido. Por fim, este trabalho pretende problematizar sobre os usos da literatura pela História, a partir das obras selecionadas, suas relações e as possibilidades que as fontes literárias e a memória nelas presente nos trazem para pensar sobre o passado e o presente.

A escolha de obras que possuem como foco o período da ditadura militar e da redemocratização, se deu pois ele afetou o Brasil de diversas formas e deixou feridas que continuam abertas, com violações de direitos humanos, como prisões arbitrárias e torturas. Rodrigo Patto Sá Motta, Daniel Aarão Reis e Marcelo Ridenti (2014) dizem que,

[...] ao contrário do que muitos têm apregoado, o melhor não é ‘virar a página’ no que se refere ao período da ditadura. Escolha mais adequada é empreender uma apropriação crítica desse passado político recente, tanto para consolidar nossa frágil cidadania quanto para entender a realidade em que vivemos. Para tanto, é fundamental estudar a ditadura que começou há cinquenta anos, a fim de compreender a atualidade do seu legado e, assim, criar condições de superá-lo. (MOTTA; REIS; RIDENTI, 2014, p. 9).

Isso se refletiu na produção literária do país, com livros ficcionais e não ficcionais, que falaram de forma direta sobre o período, com relatos de prisões e exílios, e também de forma indireta, abordando temas como repressão e liberdade.<sup>2</sup>

A opção teórica de denominar esta ditadura como militar, assim como de a periodizar entre 1964 e 1985, tem como base o historiador Carlos Fico (2017), que afirma que este foi um regime “[...] inteiramente controlado por militares, de modo que adjetivá-lo em ressalva (‘foi militar, mas também civil’ ou empresarial ou o que seja) é supérfluo e impreciso - além de ter, como tudo mais em História do Tempo Presente, imediata implicação política: nesse caso, justamente por causa dessa adversatividade, a conotação é de redução da responsabilidade dos militares.” (FICO, 2017, p. 53).

O mesmo autor foi selecionado para justificar a periodização da ditadura entre 1964 e 1985, porém existem propostas teóricas diferentes. De acordo com Daniel Aarão Reis (2000)

---

<sup>2</sup>Alguns exemplos são *Zero* (1974), de Ignácio Loyola Brandão, *A Festa* (1976), de Ivan Ângelo, *Reflexos do Baile* (1977), de Antonio Callado, *Os Carbonários* (1980), de Alfredo Sirkis e *Feliz Ano Velho* (1982), de Marcelo Rubens Paiva, assim como as obras selecionadas como fonte para este trabalho.

ela teria terminado em 1979, com a Lei de Anistia e a revogação dos atos institucionais. Ele afirma que até 1988, ano em que foi promulgada a atual Constituição Federal<sup>3</sup>, o Brasil não viveria uma democracia consolidada, mas também não uma ditadura, este seria um período de transição. Já Marco Antonio Villa (2014) afirma que o regime foi ditatorial apenas no período em que o Ato Institucional nº 5 estava em vigor, ou seja, entre 13 de dezembro de 1968 e 1 de janeiro de 1979. Seu argumento é que existia grande movimentação político-cultural e estudantil no país nos períodos anterior e posterior ao AI-5, as casas legislativas permaneceram abertas, houve eleições para prefeitos e governadores e tinha liberdade de imprensa. Carlos Fico rebate ambos os autores. Ele afirma que Daniel Aarão Reis mistura cronologia e periodização<sup>4</sup>, que sua argumentação se associa com a sua convicção de uma aliança civil-militar que teria sido responsável pela ditadura e também legitimado o silêncio sobre a participação civil nela, pois afirmar que a ela acabou quando um civil foi eleito Presidente da República, seria afirmar que apenas os militares foram responsáveis por ela. Fico afirma que esta é uma “percepção de motivações políticas que parecem conspiração” (FICO, 2017, p. 58). Sobre Marco Antonio Villa, ele diz que

Seria possível mostrar que cada um desses aspectos assinalados por Villa é discutível porque, entre 1964 e 1968, houve tremendas restrições ao funcionamento do Congresso Nacional (inclusive o seu fechamento) e outras casas legislativas, gravíssimas limitações no tocante às eleições, censura da imprensa, do teatro, dos cinemas e dos livros, além de repressão brutal contra o movimento estudantil. (FICO, 2017, 54).

Com estas considerações, a opção teórica deste trabalho é de seguir a periodização convencional, sustentada por Carlos Fico, que afirma que a ditadura teve início em 1964 e fim em 1985. O período entre 1979 e 1985 foi um período de abertura política, mas, ainda assim, uma ditadura.

No Brasil, o processo de redemocratização não solucionou os problemas e traumas trazidos pela ditadura, já que foi conduzido pelos próprios militares e perdoou tanto as vítimas do regime quanto seus agentes que cometeram violações de direitos humanos, com a lei de anistia de 1979, buscando, com isso, forçar um esquecimento. Desta forma, mesmo que o governo civil tenha sido restaurado, a ordem dos governos militares não foi rompida, tendo ocorrido um entrelaçamento de práticas novas e antigas, como afirma a cientista política Maria D’alva G. Kinzo (KINZO, 2001, p. 9). Sendo assim, para compreender certos aspectos

<sup>3</sup>Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 18/08/2022.

<sup>4</sup>A cronologia seria o estabelecimento de fatos em uma ordem cronológica, por exemplo: no dia 13 de dezembro de 1964 foi decretado o AI-5. A periodização é uma hipótese a ser demonstrada, com motivação epistemológica. (FICO, 2017, p. 57).

de nosso tempo presente, é preciso estudar sobre a ditadura militar, o processo de redemocratização e seus desdobramentos.

*O que é isso, companheiro?* Foi um *best-seller* na época de seu lançamento. O jornal Pasquim, em sua edição nº 542, de 16 a 22 de novembro de 1979, afirmou que o livro apareceu em primeiro lugar em todas as listas de mais vendidos do país. Ainda apresentou um compilado de comentários elogiosos publicados em outros jornais, como Isto É e Veja. (GABEIRA DISPAROU!, 1979, p. 26). De acordo com Eliane Hatherly Paz (2019), que realizou um levantamento dos livros mais vendidos no Brasil entre os anos de 1974 e 1985, este foi o livro mais vendido no país em 1980, ano seguinte ao de sua publicação. (PAZ, 2019, p. 10). Portanto, a obra foi um sucesso de vendas e de crítica. Além disso, teve influência na literatura brasileira na década seguinte, como afirma Sandra Reimão (1993),

Será em uma zona de intersecção entre o chamado segmento ficcional e o não-ficcional que, em 1979, teremos o grande best-seller que tematizará as memórias do ex-militante político e ex-exilado Fernando Gabeira, *O que é isso companheiro?* Gabeira reacenderá com esse texto (80 mil exemplares vendidos só em 1979) um filão que se desenvolverá mais na primeira metade dos anos 80. (REIMÃO, 1993, p. 85).

O livro já teve mais de 40 edições e vendeu mais de 250 mil cópias.<sup>5</sup> Neste trabalho a edição utilizada foi a edição de bolso da Companhia das Letras, publicada em 2009. Ela possui como texto complementar um prefácio escrito por Fernando Gabeira em abril de 1996, no Rio de Janeiro. Ele afirma que o texto foi reeditado com “ligeiras alterações” e que

As principais mudanças foram inspiradas pelas críticas do próprio embaixador Charles Burke Elbrick, que fez anotações no seu exemplar. Elbrick não entendeu como pude escrever que ele foi levemente golpeado na cabeça e desenhou vários pontos de interrogação nessa página do livro. Decidi anotar a sua ótica e retirar a expressão para que o leitor tenha uma ideia mais precisa da intensidade do golpe. (GABEIRA, 2009, p. 9).

Há uma nota de rodapé na parte do texto à qual ele se refere, indicando a mudança. É interessante notar que até mesmo o ex-embaixador Charles Burke Elbrick leu o livro que conta sobre o seu sequestro, e transmitiu suas opiniões sobre ele ao autor, o que gerou uma alteração no texto.

---

<sup>5</sup>Informações retiradas do site da Livraria 30 por cento. Disponível em: <https://30porcento.com.br/livro/9788571645585-O-QUE-%C3%89-ISSO,-COMPANHEIRO?#:~:text=Relato%201%C3%BAcido%2C%20ir%C3%B4nico%2C%20comovente%2C,em%20mais%20de%2040%20edi%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 14/06/2023. E do site da Livraria da Travessa. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/o-que-e-isso-companheiro-1-ed-1996/artigo/cacc03f1-4779-4e5e-a622-2916d8565da7> Acesso em: 14/06/2023.

Gabeira também afirma neste prefácio que, pela primeira vez, foi registrado a autoria do manifesto divulgado durante o sequestro do embaixador. “O texto é de Franklin Martins, o que não consegui em fins de 1979 quando escrevi o livro.” (GABEIRA, 2009, p. 9). Portanto, o texto que está sendo analisado aqui, não é idêntico ao texto original de *O que é isso, companheiro?* Porém, graças a este prefácio escrito pelo autor da obra, podemos saber quais são estas alterações que nele foram feitas.

Já *Onde está tudo aquilo agora?*, uma obra mais recente, a edição utilizada aqui é a primeira, publicada também pela Companhia das Letras, em 2012. Portanto, o texto utilizado é o original. Não foi encontrada nenhuma lista de *best-sellers* em que este livro esteja presente, o que nos leva a conclusão de que não alcançou um sucesso de vendas como *O que é isso, companheiro?*

Realizando uma revisão bibliográfica sobre as fontes, pesquisei trabalhos que tratam das mesmas obras com as quais irei trabalhar, para avaliar o quanto elas já foram exploradas por pesquisas acadêmicas e, assim, saber melhor como ainda podem contribuir para o conhecimento sobre o período e os aspectos que me proponho a estudar. As consultas foram feitas no Portal de Periódicos da CAPES<sup>6</sup> e no Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES<sup>7</sup>. As palavras-chave utilizadas foram: “Fernando Gabeira”, “O que é isso companheiro” e “Onde está tudo aquilo agora”. Ou seja, apenas os nomes do autor e das obras, todos entre aspas. Foram encontradas diversas produções sobre outros livros do autor, sobre assuntos específicos que ele tratou durante sua carreira política e sobre a adaptação cinematográfica de *O que é isso, companheiro?* O total bruto encontrado no Portal de Periódicos da CAPES foi 182 - 125 para Fernando Gabeira, 57 para O que é isso companheiro e 0 para Onde está tudo aquilo agora. Já no Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES o total bruto foi 44 - 19 para Fernando Gabeira, 25 para O que é isso companheiro e 0 para Onde está tudo aquilo agora -. Porém, selecionando apenas trabalhos que tenham como objeto os livros aqui selecionados como fontes, este número se reduziu para três artigos<sup>8</sup>, uma dissertação<sup>9</sup> e uma tese<sup>10</sup>. Dentre

<sup>6</sup><https://www-periodicos-capes-gov-br.ez74.periodicos.capes.gov.br/index.php?>

<sup>7</sup><https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

<sup>8</sup>BORIM JR., Dário. From Brazil to Sweden to Brazil: gender trouble in Fernando Gabeira. *Via Atlântica*, n. 33, p. 61 – 79, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/139920>. Acesso em: 15/06/2023.

LÍSIAS, Ricardo. O que os fortes queriam? Uma análise de O que é isso, companheiro? e Os carbonários.

*Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 48, p. 229 – 246, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/elbc/a/mXsbdtdNnmRq7HxcQtrLfxh/?lang=pt>. Acesso em: 15/06/2023.

PEREIRA, R. S.; CURY, M. Z. O que é isso, companheiro? 40 anos: entre a autobiografia, o testemunho, a entrevista e a confissão. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, n. 73, 210-227, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/161916/155862>. Acesso em: 24/04/2023.

eles, apenas um é da área da História: a dissertação de Vivian Montezano Cruz (2016) que tem como objetivo analisar a memória social da esquerda guerrilheira que atuou no período da ditadura militar brasileira e utiliza a obra *O que é isso, companheiro?* como uma de suas fontes. As outras produções são da área de Letras.

Dário Borim Jr. (2018), professor de Letras Português, em seu artigo aqui selecionado, aborda questões de gênero na trajetória de vida de Fernando Gabeira a partir de conceitos da filósofa Judith Butler, especialmente os de “problema de gênero” e “performatividade de gênero” (BORIM JR., 2018, p. 62). Quatro obras de Gabeira foram utilizadas neste estudo, entre elas está *O que é isso, companheiro?*. De acordo com Borim Jr., o ex-guerrilheiro não apenas está envolvido nos debates sobre feminismos, sexualidade e gênero, mas que ele também performa “limites de gênero porosos”.<sup>11</sup> (BORIM JR., 2018, p. 67).

Já o artigo de Ricardo Lísias (2016) compara o livro *O que é isso, companheiro?* com *Os carbonários*, de Alfredo Sirkis, publicado originalmente em 1998, abordando questões envolvendo memória e trauma em ambas as obras. O autor do texto fala sobre as ideologias dos autores, que participaram movimentos radicais e armados de esquerda, pacificaram o seu discurso com o tempo e passaram a relativizar as suas lutas. E finaliza analisando consequências que isto pode ter trazido para a sociedade brasileira: “Ao tirar a importância histórica da própria luta, esses grupos acabaram deixando como herança para os movimentos sociais posteriores um vocabulário enviesado e interessado em aproximá-los da criminalidade.” (LÍSIAS, 2016, p. 244).

Rogério Silva Pereira e Maria Zilda Cury (2019), no artigo que escreveram em conjunto – sendo ambos da área de Letras – os autores buscam compreender como Fernando Gabeira se “desnuda” na obra *O que é isso, companheiro?*. Afirmam que o “[...] o livro é esforço de reconfiguração da persona do autor.” (PEREIRA; CURY, 2019, p. 211). Portanto, a questão da identidade é central no texto, sendo abordada a partir da análise da mistura de gêneros literários que é feita no livro.

---

<sup>9</sup>CRUZ, Vivian Montezano. **Lembrar para esquecer: a construção da memória social da esquerda armada no Brasil (1974-1988)**. 2016. 100 p. Mestrado em História. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (FRANCA), Franca. Biblioteca Depositária: UNESP/FCHS/Franca. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=4363198](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4363198). Acesso em: 15/06/2023.

<sup>10</sup>SANTOS, RAFAEL FONSECA. **JORNALISMO LITERÁRIO E CINEMA: Uma análise de O que é isso, companheiro?**. 2016. 103 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca George Alexander. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=4968655](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4968655). Acesso em: 15/06/2023.

<sup>11</sup>Tradução livre. Original: “porous gender boundaries”.

A única dissertação de mestrado encontrada que trata de alguma das obras de Fernando Gabeira selecionadas é a da historiadora Vivian Montezano Cruz (2016) e tem como uma de suas fontes o livro *O que é isso, companheiro?*, porém, com objetivo de analisar a memória social da esquerda guerrilheira que atuou no período da ditadura militar brasileira. Ela compara esta obra com *Os Carbonários* (1980), de Alfredo Sirkis, e com *A fuga* (1984), de Reinaldo Guarany, e também utiliza documentos dos grupos de luta armada que os autores fizeram parte.

Já a única tese encontrada é da área de Letras. Rafael Fonseca Santos (2016), neste trabalho, também analisa a obra *O que é isso, companheiro?*, mas faz isso em conjunto com a adaptação cinematográfica da mesma, de 1997, feita pelo diretor Bruno Barreto. O objetivo é analisar o jornalismo literário e a adaptação das obras deste gênero para produções audiovisuais. Sendo assim, a proposta de Santos é compreender as relações entre jornalismo, literatura e cinema.

Portanto, todos estes trabalhos encontrados têm como objeto de análise o livro *O que é isso, companheiro?*, mas a obra *Onde está tudo aquilo agora?* não é mencionada em nenhum deles. Alguns tratam de questões envolvendo memória, porém, nenhuma com o mesmo foco que o proposto aqui, que é o de analisar como a memória e a narrativa testemunhal do autor mudou com o passar do tempo.

Portanto, as fontes escolhidas ainda podem ser amplamente exploradas pela História. Algumas das produções encontradas abordam questões envolvendo a memória presente nelas, mas todas estas são de outras áreas do conhecimento. Alguns dos trabalhos apresentados aqui podem contribuir para a pesquisa proposta, mas as discussões em torno dos livros selecionados como objeto de estudo não foram esgotadas na História. Esta revisão bibliográfica deixou perceptível que ainda há aspectos a serem analisados nas obras selecionadas de Fernando Gabeira.

Para realizar esta pesquisa, os livros foram analisados separadamente e em conjunto, de forma comparativa. Foram feitas tabelas de fichamento de cada um deles, com trechos em que o autor narra suas vivências durante a ditadura militar, que apontam eventos que marcaram sua vida e que trazem temas que possuem centralidade nas obras. A tabela também tem outra coluna que separa as passagens selecionadas por temas (como luta armada, prisão e exílio) e com anotações sobre elas. Com isto, buscou-se facilitar a análise. Utilizando os fichamentos, foi possível comparar os trechos encaixados nos mesmos temas nos diferentes livros, tanto para ver a diferença do mesmo autor em diferentes momentos, quanto para identificar semelhanças. O estudo das obras foi feito desde o início da leitura de cada uma

delas. Paul Ricoeur (2007) aponta que mesmo que a operação historiográfica tenha diferentes fases, elas se imbricam, sendo, até mesmo, confundíveis às vezes. Em suas palavras, “[...] a história é uma escrita, de uma ponta a outra: dos arquivos aos textos de historiadores, escritos, publicados, dados a ler. O selo da escrita é, assim, transferido da primeira à terceira fase, de uma primeira inscrição a uma última.” (RICOEUR, 2007, p. 247). Portanto, este texto é a parte final de uma pesquisa que vem sendo realizada desde a seleção das fontes.

Após a leitura e fichamento dos livros, foi escolhido separá-las cronologicamente. Ou seja, pesquisar e escrever primeiro sobre a obra escrita primeiramente, *O que é isso, companheiro?*, a qual foi publicada durante o período ditatorial, e em seguida, sobre a escrita posteriormente, já em governo democrático, *Onde está tudo aquilo agora?*. Acredita-se que desta forma se tornou mais evidente a diferença de narrativa entre um período e outro. Concomitante à leitura dos livros, bem como antes e depois, foram feitas leituras de textos teóricos sobre a ditadura militar, redemocratização, literatura, memória e testemunho, para o embasamento para análise das obras.

Dentre as leituras feitas, Reinhart Koselleck (2014) foi um autor importante para a compreensão de questões relacionadas ao tempo das obras. Em seus estudos sobre os estratos do tempo, Koselleck aponta três dimensões temporais, que de sua temporalização resultam em três combinações possíveis. Estas são:

Em primeiro lugar, existem - como nosso experimento mental já demonstrou - um passado presente e um futuro presente, aos quais corresponde um presente presente, seja este concebido como algo que se dissolve num ponto ou como algo que abarca todas as dimensões.

Em segundo lugar, existe - já que todo presente se estende simultaneamente para a frente e para trás - um presente passado com seus passados passados e seus futuros passados.

Em terceiro lugar, existe um presente futuro com passado futuro e seu futuro futuro. (KOSELLECK, 2014, p. 232).

Utilizando esta proposta de periodização para fazer a análise comparativa entre os livros, se buscará analisar o presente presente, o passado presente e o futuro presente da primeira obra, *O que é isso, companheiro?* Ou seja, seu contexto de publicação, o passado nela narrado e desdobramentos futuros a ela. Em relação à obra mais atual, *Onde está tudo aquilo agora?*, será analisado também o presente presente e o passado presente, mas o estudo do futuro presente será em relação às projeções de futuro que nela são apresentadas.

A História do Tempo Presente propõe uma reformulação na forma de enxergar o tempo, para que possamos compreender como passado e presente se entrelaçam. Koselleck propõe que vejamos o tempo histórico a partir da ideia de estratos do tempo, metáfora

geológica com os estratos terrestres. Os três estratos básicos do tempo são a singularidade, a repetibilidade e as experiências que transcendem o campo pessoal de experiência e levam séculos para se transformar. Estes três estratos não ocorrem de forma separada, mas se cruzam nos diferentes eventos ao longo da história. (KOSELLECK, 2014). Sendo assim, as barreiras entre passado e presente podem não ser tão concretas quanto diz a consciência moderna do tempo e da historiografia.

De igual maneira, devido ao contexto e as motivações de sua criação, a memória tem papel central na HTP, pois para que estes reparos ocorram, é preciso ouvir as pessoas que sofreram com estes eventos e que ainda sofrem com os traumas deixados por eles. como afirma Henry Rousso (2016):

O passado tornou-se assim uma matéria sobre a qual se pode, ou mesmo se deve, constantemente agir para adaptá-lo às necessidades do presente. Ele é doravante um campo da ação pública. A exigência de verdade própria da atividade histórica transformou-se em exigência social de reconhecimento, em políticas de reparação, em discursos de desculpa e de “arrependimento” em relação às vítimas das grandes catástrofes recentes. Foi nesse contexto que se desenvolveu uma nova história do tempo presente, chamada, logo depois de instituída, a responder aos desafios da amnésia de um passado próximo enunciado em sua versão mortífera, às necessidades da reparação que exige muita perícia, às exigências de um discurso onipresente sobre a memória, termo que perdeu pouco a pouco em clareza à medida que o fenômeno ganhava em importância. (ROUSSO, 2016, p. 30).

A História do Tempo Presente além de permitir ter literaturas escritas a partir de memórias como fonte - como no caso dos livros aqui selecionados -, também permite o diálogo com outras áreas do conhecimento, como filosofia, letras e ciências políticas, como será feito neste trabalho, pois acredita-se que elas podem ajudar na compreensão das obras a serem analisadas, bem como de nosso tempo presente.

Com estas considerações, pensando na melhor forma de organizar a escrita do trabalho, foi feita a divisão em três capítulos. O primeiro, intitulado *Uma vida em narrativas: apresentação de Fernando Gabeira e suas obras*, busca situar as fontes em seus contextos, apresentando brevemente o seu autor, resumindo seus enredos e falando sobre o momento em que foram publicadas. Além disso, ele também traz debates teóricos sobre literatura e testemunho. O segundo capítulo, intitulado *Jovens com nervos de aço e louras com metralhadoras*, analisa a obra *O que é isso, companheiro?*, com a intenção de compreender como Gabeira construiu o seu testemunho neste momento, considerando o contexto individual e coletivo de publicação. O título é uma referência a uma passagem do livro, em que o escritor diz que

Sair do movimento de massas para um grupo armado era como sair da província para a metrópole, ascender de um time da terceira divisão para o campeonato nacional. Dizíamos, é claro, que todo o trabalho, mesmo o mais humilde, era importante. Mas isso não bastava. Os jornais estimulavam nossas fantasias. Eram descrições mirabolantes: jovens com nervos de aço (ainda saíamos nas páginas de polícia); louras que tiravam uma metralhadora de suas capas coloridas. (GABEIRA, 2009, p. 80).

A escolha foi feita por ser representativo das ideias que Fernando Gabeira tinha sobre os grupos armados quando ingressou em um deles, algo que tem centralidade na obra. Já no terceiro e último capítulo, intitulado “*Não pretendo concluir, apenas fechar um ciclo*”, é feita a análise de *Onde está tudo aquilo agora?*, buscando identificar como o autor constrói seu testemunho 33 anos depois do livro anteriormente analisado, o que ele narra de forma diferente e o que narra de forma semelhante. Este título também se refere a uma passagem da obra analisada ao longo do capítulo, em que Gabeira diz: “No momento em que escrevo, ainda estou vivo. Quero dizer que não esgotei meus papéis históricos. Cinquenta anos de vida pública. Não pretendo concluir, apenas fechar um ciclo.” (GABEIRA, 2012, p. 7). A ideia é mostrar que este trabalho, bem como a vida de Gabeira no momento da escrita, não se encerra aqui, mas é um ciclo de uma pesquisa que continuará a ser realizada por mim e por outros que também pesquisam a ditadura militar e os seus vestígios no tempo presente.

## 2. UMA VIDA EM NARRATIVAS: APRESENTAÇÃO DE FERNANDO GABEIRA E SUAS OBRAS

A escrita pode se constituir como um espaço de manifestação da memória, no qual pessoas podem construir narrativas - ficcionais ou não - baseadas em eventos que viveram. Ou seja, pode ser um local de construção de um testemunho. De acordo com Henry Rousso (2016) a testemunha é uma pessoa

[...] sobrevivente de uma experiência de violência extrema que fala em nome de seus camaradas desaparecidos e se impõe no espaço público em osmose ou em conflito com os discursos acadêmicos, igualmente impregnados da experiência direta da guerra. (ROUSSO, 2016, p. 219).

Ainda que a reflexão de Rousso se refira especificamente a experiência de guerra, é possível uma aproximação com outras formas de experiências de eventos de violência física ou psicológica. Estas narrativas sobre estas experiências violentas são os testemunhos. Elas são fundamentais para o estudo do contemporâneo e para a construção de uma História do Tempo Presente, já que ela trata de feridas que não foram cicatrizadas, de passados que continuam vivos no presente. Por isso a memória das pessoas que foram - e continuam sendo - diretamente afetadas por essas violências, são necessárias para compreender estes eventos do passado e os seus rastros no presente. Como afirma François Hartog (2017), “Essa testemunha, para a qual pouco a pouco se abriu espaço, assumiu principalmente a imagem de uma vítima, de um sobrevivente, e sua presença foi inseparável da ascensão da memória. À qual ela deu uma voz e um rosto.” (HARTOG, 2017, p. 55).

Segundo Paul Ricoeur (2007), o testemunho é uma forma de ligação entre a história e a memória. Em seu livro *Memória, história, esquecimento*, o filósofo afirma que a especificidade do testemunho consiste no fato de que a afirmação da realidade não pode ser separada da autodesignação de quem testemunha. Esta pessoa nomeia a si mesma, ela fala em primeira pessoa do singular, usa os verbos no tempo passado e menciona o “[...] lá em relação ao aqui”, ou seja, relaciona o passado com o presente, o lugar no qual se encontrava com o que se encontra agora. Além disso, ele se constrói em uma troca, é diante de outra pessoa que o testemunho é proferido, e só após a resposta, quando esta fala se transforma em um diálogo, que ela é finalmente autenticada. (RICOEUR, 2007, p. 172 - 173). Segundo Ricoeur, o testemunho tem várias utilidades: a sua prática cotidiana em conversações comuns, o uso judicial e a de ser prova documental para os historiadores. Neste último caso, ele se inscreve no movimento de compreensão do passado pelo presente e, também, do presente pelo

passado. (RICOEUR, 2007, p. 180). Sendo assim, os testemunhos podem ser ferramentas enriquecedoras para a prática historiográfica.

Os testemunhos têm ligação direta com a memória, já que são narrativas pessoais de quem viveu eventos traumáticos, construídas a partir de sua memória sobre eles. Elizabeth Jelin (2017) fala que os testemunhos não consistem em resgatar ou extrair algo cristalizado no interior de uma pessoa, mas em gerar uma construção cultural em um momento e em um contexto com outras pessoas. Portanto, eles são narrativas pessoais com base na relação da testemunha – quem o proclama - com os outros para quem e com quem ela fala. Sendo assim, diferentes contextos de produção de narrativas testemunhais geram maneiras diferentes de narrar, mesmo que falem sobre um mesmo evento. (JELIN, 2017, s./p.). Na História do Tempo Presente, os testemunhos são importantes porque, além de serem uma forma de acesso às memórias, como narrativa constituem os eventos narrados. Eles trazem as marcas das vivências, as quais devem ser interpretadas como constitutivas do tempo em que aconteceram e do tempo em que são narradas.

Como a construção da História do Tempo Presente foi diretamente influenciada por demandas sociais provenientes de catástrofes do século XX, não seria possível realizá-la sem ouvir as vítimas destes eventos. Isto significou um acirramento dos debates que já indicavam a desestabilização dos preceitos que fundamentavam a historiografia cientificista predominante no século XIX, que propunha uma separação bem delimitada entre passado e presente, entre o historiador e seu objeto de estudo. Se as testemunhas para as quais os historiadores agora dariam atenção estavam vivas e se, até mesmo, alguns historiadores viveram no período sobre o qual estavam estudando, esta separação já não existia, ao menos não da mesma forma. Como afirmou Alexandre de Sá Avelar,

O resgate do papel do testemunho acompanhou de perto o crescimento das pesquisas e investigações sobre temas recentes, delimitando o campo da chamada história do tempo presente. As definições a respeito dos conceitos, recortes e métodos dessa prática historiográfica são distintas, mas convergem em um ponto essencial: a superação do corte radical entre passado e presente que caracterizou a pesquisa histórica ao longo do século XIX e que, como visto, deslegitimava o relato testemunhal. (AVELAR, 2012, p.34).

Além disso, para as vítimas de catástrofes, o passado se mantém sempre presente. Esta separação temporal não existe para elas. Como afirma o historiador Berber Bevernage (2018), “O tempo em contextos pós-conflito muitas vezes não é mais conceitualizado como ‘um meio necessário de mudança’; sua passagem já não parece produzir uma distância entre passado e presente.” (BEVERNAGE, 2018, s/p.). A falta dos que se foram, as cicatrizes visíveis e

invisíveis deixadas nos sobreviventes, a necessidade não atendida de justiça, tudo isto faz com que o passado seja o único tempo possível para estas pessoas.

Para compreender alguns eventos do passado, os testemunhos têm sido fundamentais, tanto judicialmente quanto historicamente. Alguns exemplos são a *Shoah*<sup>12</sup>, o *Apartheid* na África do Sul, o massacre na Bósnia e as ditaduras na América Latina. Marieta de Moraes Ferreira afirma que estes

[...] são temas contemporâneos que têm recebido grande atenção, pois representam embates pela memória e oferecem ao historiador do tempo presente a oportunidade de pensar sobre como as narrativas e os relatos orais estão sendo utilizados nos projetos testemunhais. [...] Nesse contexto, os projetos testemunhais são alternativas implementadas no intuito de preservar a memória do que ocorreu e tentar evitar futuras manifestações de autoritarismos e desrespeito aos direitos humanos. (FERREIRA, 2018, p. 94 - 95).

Sendo assim, os testemunhos são, principalmente, tentativas de realizar justiça social, de evitar que as violências sofridas se repitam. Trazendo novamente Berber Bevernage (2018), no seu livro *História, memória e violência de Estado*, ele mostra como a memória de vítimas de violências são essenciais para que percebamos que passado e presente podem não ser tão distantes. Perceber isto, diminuir a linha que os separa, é fundamental para que a História contribua com a busca por justiça. Em suas palavras,

A ideia do passado enquanto ausente ou distante torna difícil fundamentar o ‘dever de memória’ frequentemente sentido, ou a alegada obrigação de fazer justiça ao passado no (exigente) passado mesmo. Assim, a capacidade da história de contribuir para a busca da justiça muitas vezes parece ser limitada ou até inexistente. (BEVERNAGE, 2018, s./p.).

Portanto, os testemunhos são importantes para os estudos da História, para a justiça social em relação a tragédias do passado e para que estas duas possam contribuir uma com a outra.

É a necessidade de processar o que passou que faz com que o testemunho seja, também, necessário. Falar ou escrever sobre o que passou é uma forma de resignificar isto, de reconstruir o passado e o presente. Como afirma Márcio Seligmann-Silva (2010),

O testemunho pode, justamente, servir de caminho para a construção de uma nova identidade pós-catástrofe. A uma era de violência e de acúmulo de crimes contra a humanidade corresponde também uma nova cultura do testemunho. O testemunho tanto artístico/literário como o jurídico pode servir para se fazer um novo espaço

---

<sup>12</sup>Termo hebraico usado para descrever o genocídio cometido pela Alemanha Nazista. Sua origem é bíblica, vindo do termo *shoah u-meshoah*, que significa devastação e desolação. Informações retiradas do site *About Holocaust*, do Congresso Judaico Mundial (World Jewish Congress, WJC) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Disponível em: <https://aboutholocaust.org/pt/facts/qual-e-a-diferenca-entre-holocausto-e-shoah>. Acesso em: 16/03/2023.

político para além dos traumas que serviram tanto para esfacelar a sociedade como para construir novos laços políticos.” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 12).

Desta forma, então, os testemunhos entram no campo das artes, incluindo as artes escritas. A literatura de testemunho é um gênero literário que envolve a linguagem como campo associado ao trauma, como afirma o historiador Jaime Ginzburg (2015). Ele também diz que “A escrita não é aqui lugar dedicado ao ócio ou ao comportamento lúdico, mas ao contato com o sofrimento e seus fundamentos, por mais que sejam, muitas vezes obscuros e repugnantes.” (GINZBURG, 2015, s.p.). Ou seja, a escrita se torna uma forma de lidar com este sofrimento. Trata-se de uma leitura estética do passado - trazendo Márcio Seligmann-Silva (2003) novamente, desta vez no livro *História, memória, literatura* - que busca mantê-lo vivo no presente, o que se relaciona com a análise de Berber Bevernage (2018) sobre o tempo das vítimas de catástrofes. Nas palavras de Seligmann-Silva (2003), esta leitura estética “[...] está vinculada a uma modalidade da memória que quer manter o passado ativo no presente. Ao invés da tradicional representação, o seu registro é do índice: ela quer apresentar, expor o passado, seus fragmentos, ruínas e cicatrizes.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 57). Portanto, para analisar obras testemunhais é necessário ter em mente que elas são produtos do momento em que foram escritas, mas que o passado delas - a catástrofe representada - se mantém vivo para os seus escritores, se reverbera em seus presentes.

Wilberth Salgueiro (2012), aponta alguns traços que caracterizam a literatura de testemunho como gênero - que, como ele afirma, são intercambiantes e includentes -, estas são: 1) o registro em primeira pessoa; 2) a sinceridade do relato; 3) o desejo de justiça; 4) a vontade de resistência; 5) o valor ético sendo colocado acima ou no mesmo nível que o valor estético; 6) a apresentação de um evento coletivo; 7) a presença do trauma; 8) a apresentação de rancor e ressentimento; 9) o vínculo estreito com a história; 10) o sentimento de vergonha pelas humilhações sofridas; 11) o sentimento de culpa por ter sobrevivido; 12) a impossibilidade radical de re-apresentação do vivido. (SALGUEIRO, 2012, p. 292 - 293). Em síntese, a literatura de testemunho se caracteriza por uma busca pela representação do vivido, em que o relato em primeira pessoa, a sinceridade e o desejo por justiça e resistência são elementos fundamentais, assim como a vinculação com a História, o trauma, o rancor e o ressentimento, o sentimento de vergonha e culpa e a impossibilidade de recriar o vivido. A literatura de testemunho é, portanto, uma ferramenta poderosa para a representação de eventos coletivos traumáticos, como genocídios, ditaduras, violências políticas e sociais, bem como para a construção da memória histórica e da justiça social.

Testemunho, memória e narrativa são conceitos interconectados e frequentemente se entrelaçam na produção e análise de textos que buscam retratar experiências pessoais e coletivas. Como foi mencionado anteriormente, testemunhos são narrativas de sobreviventes de experiências violentas que se impõem no espaço público - ou seja, de testemunhas -, construídas a partir de sua memória sobre eles. Corinne Squire (2014) apresenta uma definição de narrativa como

[...] uma cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares, e não gerais. Esta definição significa que narrativas podem implicar conjuntos de signos que se movimentam temporalmente, causalmente ou de alguma outra forma socioculturalmente reconhecível e que, por operarem com a particularidade e não com a generalidade, não são reduzíveis a teorias. [...] em uma narrativa, o movimento de signo para signo tem um significado social, cultural e histórico reconhecível. (SQUIRE, 2014, 273).

Além disso, a narrativa é algo contável, como afirmou Liliana Cabral Bastos (2004): “O ‘ponto’ da narrativa é sua razão de ser, é o motivo pelo qual ela é contada, o que está contido em sua mensagem central. [...] Além de ter um ponto, a narrativa deve ser contável, isto é, deve fazer referência a algo extraordinário.” (BASTOS, 2004, p. 119). Portanto, uma narrativa de testemunho, pode ser interpretada como uma cadeia de signos com significados relativos a um evento traumático vivido por quem a constrói, seja de forma escrita ou falada. Assim, a testemunha apresenta sua visão sobre o evento sobre o qual ela conta.

Ao articular testemunho, memória e narrativa, é possível refletir sobre a relação entre o indivíduo, a coletividade e a história. As narrativas de testemunho permitem que tenhamos acesso a uma visão sobre eventos do passado que parte da perspectiva de sujeitos que os vivenciaram. É importante lembrar que as memórias e, automaticamente os testemunhos e as narrativas sobre isto, são influenciados por fatores subjetivos de cada pessoa, pela seleção de lembranças - sendo estas conscientes ou não - e a escolha de elementos narrativos. A memória não pode ser entendida como a construção de uma “imagem idêntica” ao que foi vivido no passado, mas sim, de uma construção feita sempre no presente, com as atribuições de sentido que são feitas - propositalmente ou não - por quem lembra. Como afirmou Roberta Camineiro Baggio (2012), “A ideia de memória comporta uma série de subjetividades que a colocam em uma posição complexa de constante abertura e transformação. A memória envolve afetividades, emoções, seletividades e também interpretações.” (BAGGIO, 2012, p. 112). É necessário perceber que isto pode complexificar e, até mesmo, enriquecer os estudos da história, pois assim podemos acessar múltiplas visões, de múltiplas pessoas que vivenciaram

eventos de múltiplas formas. Desta forma, podemos ter acesso a diferentes ângulos destes eventos e, com isso, compreender suas tensões, incoerências e simultaneidades.

Há duas linhas de estudos predominantes nos estudos da literatura de testemunho: a que tem a Shoah como ponto de partida e a linha do *Testimonio*, desenvolvida a partir da América Latina, cada uma com indagações, fontes e referenciais teóricos que seguem de acordo com a realidade em que se inserem. A primeira delas, na qual estão inseridos estudos nos campos da filosofia, sociologia e história, dentre os quais cito Theodor W. Adorno (1951), Giorgio Agamben (2008), Enzo Traverso (2016) e Dominick LaCapra (2013), estuda os testemunhos de sobreviventes de campos de concentração nazistas. Primo Levi (1988) e Jean Améry (2013) são exemplos de pessoas que sobreviveram a este extermínio e escreveram sobre isto. Esta foi a matriz produtiva que deu origem à chamada literatura de testemunho no século XX, como afirmou César Alessandro Sagrillo Figueiredo (2020). Realizando uma comparação do eixo da *Shoah* e do *Testimonio*, Figueiredo mostra que os dois enfoques são distintos, mas que “[...] o testemunho, a memória e a história são o fio condutor semelhantes desses modelos de literatura.” (FIGUEIREDO, 2020, p. 24). Portanto, mesmo que existam diferenças, existem também proximidades. Isto faz com que estas sejam duas linhas de estudos diferentes, mas faz com que ambas se encaixem no âmbito da literatura de testemunho.

Neste trabalho irei me ater na segunda destas linhas, devido ao enquadramento no contexto latinoamericano das obras que serão aqui analisadas. A institucionalização do gênero literatura de testemunho na América Latina teve importante participação da *Casa de las Américas*. Esta é uma organização cubana fundada em 1959 para promover a integração da cultura cubana com a de outros países latinoamericanos. Anualmente, desde 1960, ela oferece um prêmio literário chamado inicialmente de *Concurso Literario Hispanoamericano*, em 1964 foi intitulado *Concurso Literario Latinoamericano* e desde 1965 até hoje é chamado de *Prêmio Casa de las Américas*. Este prêmio, até o ano de 1969, incluía cinco gêneros: novela, conto, poesia, ensaio e teatro. Na edição de 1970, os organizadores e jurados - entre eles Ángel Rama<sup>13</sup>, Haydée Santamaría<sup>14</sup>, Noé Jitrik<sup>15</sup> e Hans Magnus Enzensberger<sup>16</sup> - decidiram

---

<sup>13</sup>Escritor, professor, romancista e crítico acadêmico e literário uruguaio. Foi diretor do departamento de literatura hispanoamericana da Universidade da República do Uruguai e fundador da Editora Arca (Montevideu) e da Editora Galerna (Buenos Aires).

<sup>14</sup>Política e revolucionária cubana. Membro fundadora do Comitê Central do Partido Comunista Cubano e fundadora da *Casa de las Américas*.

<sup>15</sup>Crítico literário, escritor e professor universitário argentino. Foi diretor do Instituto de Literatura Hispanoamericana da Universidade de Buenos Aires de 1991 até a sua morte em 2022.

<sup>16</sup>Poeta, tradutor, ensaísta, editor e escritor alemão. Estudava literatura de língua espanhola, já tendo residido no México e em Cuba.

incluir um novo gênero: o testemunho - ou *testimonio*, no original, em espanhol -, como afirmou Victoria García (GARCÍA, 2012, p. 381). Isto foi um passo fundamental para a construção dos estudos sobre literatura de testemunho na América Latina, pois foi o que institucionalizou este gênero. Então, na década de 1960, a noção de *testimonio* passou a ser desenvolvida e se tornou uma ferramenta de denúncia das violações de direitos humanos cometidas pelas ditaduras militares na região. Os relatos de sobreviventes de prisões políticas, tortura e exílio foram fundamentais para a divulgação de práticas violentas exercidas pelos governos autoritários durante as ditaduras na América Latina, tanto nacionalmente quanto internacionalmente. Até hoje seguem sendo essenciais para a compreensão dos horrores vividos durante esses regimes autoritários.

Os estudos latinoamericanos sobre literatura de testemunho estão diretamente ligados com a noção de *testimonio* instituída pela *Casa de las Américas*, uma categoria que se refere a um tipo específico de narrativa, caracterizado por relatar experiências de pessoas que viveram situações extremas, como violência, repressão política, pobreza extrema, entre outras. Portanto, o testemunho não é apenas um relato pessoal, mas uma forma de resistência e luta contra a violência e a opressão.

Na América Latina, a literatura de testemunho ganhou força após as ditaduras da segunda metade do século XX. Como afirmou a escritora e crítica literária Beatriz Sarlo (2007), “Quando acabaram as ditaduras do sul da América Latina, lembrar foi uma atividade de restauração dos laços sociais e comunitários perdidos no exílio ou destruídos pela violência de Estado.” (SARLO, 2007, p. 45). Escrever sobre eventos vividos, pode ser uma forma de exorcizar dores, de divulgar os terrores causados pelo Estado para os que não possuem conhecimento sobre eles, de dialogar com os que viveram coisas semelhantes e de contribuir para a construção de uma visão e memória coletivas sobre os períodos abordados, podendo ter, até mesmo algo de terapêutico para quem realiza este ato, pois como afirma José García-Romeu (2008), o testemunho pessoal, seja lírico ou narrativo, factual ou ficcional, funciona como um trabalho de luto da vítima real, o escritor, para ir além do trauma individual através de um discurso que pode ser combinado com outros. (GARCÍA-ROMEU, 2008, p. 7). Portanto, o autor possui um compromisso com o presente e o contexto coletivo em que está inserido. O livro testemunhal trabalha com as questões individuais do autor, mas também insere-se em uma disputa narrativa sobre o seu presente.

A literatura de testemunho latino-americana aborda uma variedade de temas que refletem as lutas sociais e políticas da região, como a repressão estatal, o racismo, a pobreza, a marginalização social e a violência política. Ela é caracterizada pelo uso de narrativas

peçoais e das vivências dos autores na construção das obras. Entre os principais pontos abordados estão as violações de direitos humanos durante as ditaduras militares e as resistências contra estas. Portanto, este gênero literário na América Latina é marcado por uma ênfase na memória, na justiça e na reparação histórica. Claudia Gilman (2003), afirma em seu livro *Entre la pluma y el fusil: Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*, que os intelectuais latinoamericanos que viveram o período de intensas mudanças entre o fim da década de 1950 e a década de 1970<sup>17</sup>, se viam com o dever de fazer parte da transformação da sociedade. Em suas palavras,

Además de su común inscripción progresista, los intelectuales de América Latina compartieron una nueva convicción: la de que el intelectual podía y debía convertirse en uno de los principales agentes de la transformación radical de la sociedad, especialmente en el Tercer Mundo.(GILMAN, 2003, p. 59).<sup>18</sup>

Portanto, como estes intelectuais e militantes são os principais produtores da literatura de testemunho latinoamericana, os principais temas abordados em suas produções tem relação com transformação social e política.

No Brasil a produção literária testemunhal sobre a ditadura militar, possui diferentes obras que abordam diferentes aspectos deste período como *Em câmara lenta* (1977), de Renato Tapajós; *Os carbonários* (1980), de Alfredo Sirkis e os próprios livros de Fernando Gabeira apresentados aqui. Carlos Fico (2017), nos mostra como as memórias e o imaginário social foram e continuam sendo importantes na construção da história da ditadura militar brasileira. Por anos houve dificuldade de acesso a documentos oficiais do período, restando ao historiador as memórias e testemunhos. Mesmo que hoje este acesso tenha sido ampliado, as memórias sobre a ditadura continuam sendo importantes para compreender dimensões que outras formas de documentos não nos permitem acessar, como o dia a dia dos militantes resistentes à ditadura e as reverberações deste período na vida de sobreviventes. Além disso, em termos subjetivos, as memórias ainda são um campo de disputa, do qual emergem traumas e lembranças confortáveis - até mesmo saudosistas<sup>19</sup> - sobre o período. De acordo com o

---

<sup>17</sup>Período da Revolução Cubana, descolonização de países africanos, Guerra do Vietnã e movimentos anti racistas nos Estados Unidos são exemplos de eventos deste período que trouxeram mudanças políticas, sociais e econômicas que afetaram diversos lugares e afetaram as ideias e ideais ao redor do mundo.

<sup>18</sup>Tradução livre: Além de sua inscrição progressista comum, os intelectuais da América Latina compartilhavam uma nova convicção: a de que o intelectual podia e devia se converter em um dos principais agentes da transformação radical da sociedade, especialmente no Terceiro Mundo.

<sup>19</sup>Por memórias saudosistas da ditadura militar se entende as que valorizam este período, que o compreendem como algo bom. De acordo com o Dicio, Dicionário Online de Português, saudosista é “quem tem um gosto exagerado por coisas ou momentos do passado.” (DICIO, 2020).

autor, “[...] cabe aos historiadores deslindar a gênese desse complexo fenômeno.” (FICO, 2017, p. 37).

Como afirmou Renato Franco (2003),

Como consequência deste período truculento e sombrio de nossa história política recente, uma das questões que se impõem ao pensamento que, de um modo ou de outro, tenta se opor à versão oficial dos acontecimentos - ao contexto de ofuscamento que a reveste - é a de investigar como a produção cultural - particularmente a literária - configurou essas atrocidades perpetradas à época da ditadura militar no país (1964 - 1985) e como reagiu - literariamente, é claro - a elas. (FRANCO, 2003, p. 357).

Ao se considerar a produção literária de reação à ditadura militar no Brasil, podemos destacar o trabalho de Fernando Gabeira. O autor, em sua escrita, busca representar os horrores que viveu durante esse período e as experiências traumáticas que permearam não só a sua vida, mas a de muitos brasileiros.

## 2.1 FERNANDO PAULO NAGLE GABEIRA E SUAS OBRAS: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Fernando Paulo Nagle Gabeira nasceu no dia 17 de fevereiro de 1941, na cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais. De acordo com Gabeira, em sua rua vivia entre “tecelões, desempregados, biscateiros, prostitutas, gigolôs”. (GABEIRA, 2012, p. 12). Seu pai era dono de um armazém de secos e molhados, filiado à União Democrática Nacional (UDN), partido que fazia oposição a Getúlio Vargas, e que tinha a família e a educação dos filhos como umas de suas principais preocupações.

Na escola, Gabeira começou a se envolver com movimentos sociais, mais especificamente a organização de estudantes secundários, da qual se tornou secretário-geral, e liderou uma greve estudantil contra o aumento de mensalidades. Foi durante essa movimentação que o então editor-chefe do *Binômio*, um jornal semanal de Juiz de Fora, o entrevistou e o convidou para trabalhar no semanário. Então, Fernando Gabeira começou a sua carreira de jornalista.

Depois trabalhou no *Diário da Noite*, no Rio de Janeiro, por causa de seu sonho de morar na cidade, como afirmou em *O que é isso, companheiro?* “O Rio era uma experiência muito importante para mim, desde garoto. Meu sonho sempre fora ver o mar e o Rio.” (GABEIRA, 2009, p. 172). Em *Onde está tudo aquilo agora?* Gabeira também fala sobre este sonho: “No fim da década de 1950, resolvi fazer uma tentativa. Não era apenas um destino

profissional: havia a atmosfera, as pessoas, e o mar, que eu tinha visto somente uma vez, quando menino.” (GABEIRA, 2012, p. 23). Foi então que viajou para o RJ de ônibus para procurar emprego em jornais cariocas, tendo êxito em ser contratado pelo *Diário da Noite*, mencionado anteriormente. Como o emprego era instável, voltou ao *Binômio*, porém, para trabalhar em sua matriz, em Belo Horizonte, capital de seu estado natal. Porém, morar no Rio de Janeiro foi a realização de um sonho que ele nutria desde a infância, e vemos que isto é importante para o autor, pelo destaque que esta experiência ganha na obra.

Foi neste período que passou a ter contato com textos do existencialismo francês e, a partir deles, se aproximou ainda mais de ideias políticas de esquerda<sup>20</sup>. Em 1966, quando já trabalhava no *Jornal do Brasil*, ganhou uma bolsa para fazer um curso sobre o jornalismo da escola inglesa, durante dois meses, na Thomson Foundation, no País de Gales<sup>21</sup>. Estar fora de seu país natal, fez com que tivesse mais vontade de conhecer sobre o Brasil. Foi então que leu o livro *Formação do Brasil Contemporâneo*, do historiador marxista Caio Prado Jr. (1907 - 1990), para conhecer mais sobre política e sobre a história de seu país. Com isso, passou a radicalizar ainda mais o seu pensamento político.

Neste momento, o Brasil vivia uma ditadura militar, que havia sido inaugurada com o golpe de 1964. Participando de algumas passeatas contra o governo que havia se instalado, conheceu a organização que à época se chamava Dissidência Comunista da Guanabara e nela ingressou após um processo de recrutamento. Em suas palavras: “Meu encontro com aquela nova geração de políticos pode não ter revolucionado o país, como era nosso propósito, mas revolucionou minha vida.” (GABEIRA, 2009, p. 48).

Um dos motivos pelos quais sua vida foi revolucionada foi que com isso entrou na clandestinidade. Em um período ditatorial, fazia parte de uma organização política armada de oposição ao regime, o que levava à necessidade de se esconder dos agentes do governo.

---

<sup>20</sup>O existencialismo é uma corrente filosófica e literária que aponta como fundamentais ao ser humano a liberdade individual, a responsabilidade e a subjetividade, compreendendo cada indivíduo como responsável por seus atos e seu destino. Teve início em meados do século XIX, com o dinamarquês Soren Kierkegaard (1813 - 1855). Seu apogeu foi no período pós-Segunda Guerra Mundial, nas décadas de 1950 e 1960, com Martin Heidegger (1889 - 1976) e Jean-Paul Sartre (1905 - 1980). O último dos pensadores mencionado desenvolveu uma linha de pensamento que ficou conhecida como existencialismo sartreano, que de acordo com Walmir dos Santos Monteiro (2007), “[...] não é uma filosofia identificada por um categórico corpo de normas e dogmas específicos que a constituam, e sim uma doutrina que inspira os homens a uma postura de vida baseada na ação individual e na consciência de liberdade, conforme formulações ontológicas do filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905 - 1980).” (MONTEIRO, 2007, p. 9). Monteiro ainda mostra que no Brasil, durante a década de 1960, diversas peças teatrais, músicas e filmes faziam menções às pregações de Sartre, sempre enfatizando a importância da liberdade existencial do homem, a postura social revolucionária e a valorização da arte como forma de expressão de sentimentos e ideias. (MONTEIRO, 2007, p. 11).

<sup>21</sup>Informação sobre o curso retirada de texto escrito por Gabeira para o Observatório da Imprensa, disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/ed687-o-mestre-ad/> Acesso em: 12/06/2023.

Precisou sair do emprego, adotar um novo nome e deixar de frequentar os espaços que antes frequentava. Como ele afirma na seguinte passagem:

Ao entrar na clandestinidade, também mudei de bar. Comia prato feito e tomava uma caipirinha antes do almoço. Era o que o novo orçamento permitia. A revolução exigia os excedentes que eu gastava na carne assada com molho de ferrugem. Pobre revolução. Mas eu estava de acordo, era feliz e, afinal de contas, acabei descobrindo botequins com incríveis pratos feitos. (GABEIRA, 2009, p. 68)

Portanto, a clandestinidade envolvia mudanças em questões básicas da vida, como o restaurante em que ele almoçava, a quantidade de comida - pois seu orçamento havia sido reduzido por ter deixado o emprego e por precisar, agora, contribuir financeiramente com a organização -, e a sua própria rotina.

No dia 4 de setembro de 1969, integrantes da ex-Dissidência Comunista da Guanabara, que agora se chamava Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8), junto da Aliança Libertadora Nacional (ALN)<sup>22</sup> sequestraram Charles Burke Elbrick, o então embaixador dos Estados Unidos da América no Brasil. Entre os participantes da ação estava Fernando Gabeira. O objetivo era que alguns presos políticos fossem libertados e que uma carta manifesto fosse lida em rede nacional. A carta começa da seguinte maneira:

Grupos revolucionários detiveram hoje o Sr. Charles Burke Elbrick, embaixador dos Estados Unidos, levando-o para algum lugar do país, onde o mantêm preso. Este ato não é um episódio isolado. Ele se soma aos inúmeros atos revolucionários já levados a cabo: assaltos a bancos, nos quais se arrecadam fundos para a revolução, tomando de volta o que os banqueiros tomam do povo e de seus empregados; ocupação de quartéis e delegacias, onde se conseguem armas e munições para a luta pela derrubada da ditadura; invasões de presídios, quando se libertam revolucionários, para devolvê-los à luta do povo; explosões de prédios que simboliza a opressão; e o justicamento de carrascos e torturadores. (MANIFESTO da ALN e do MR-8, 2006).

Sendo assim, a carta iniciava encaixando o sequestro em um contexto maior e evidenciando as intenções das ações realizadas pelos grupos participantes. Ela segue explicando as motivações do sequestro, falando contra a ditadura e defendendo uma revolução. Afirmam que "o sr. Burke Elbrick representa em nosso país os interesses do imperialismo, que, aliado aos grandes patrões, aos grandes fazendeiros e aos grandes banqueiros nacionais, mantêm o regime de opressão e exploração." (MANIFESTO da ALN e do MR-8, 2006). Ou seja, além de falarem contra os militares, também falavam contra a elite econômica do país, sempre a colocando em lado oposto ao do povo. Colocam a responsabilidade pela vida do Embaixador nas mãos do governo ditatorial - "A vida e a morte

---

<sup>22</sup>Organização política de esquerda de luta armada brasileira, formada em 1967 por dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

do sr. Embaixador estão nas mãos da ditadura.” -, que teria que atender a duas exigências para que ele fosse libertado. Estas eram: a libertação de 15 prisioneiros políticos e a publicação e leitura da carta nos principais jornais, rádios e televisões do país. Por fim, terminam o texto com uma ameaça:

Finalmente, queremos advertir aqueles que torturam, espancam e matam nossos companheiros: não vamos aceitar a continuação dessa prática odiosa. Estamos dando o último aviso. Quem prosseguir torturando, espancando e matando ponha as barbas de molho. Agora é olho por olho, dente por dente. (MANIFESTO da ALN e do MR-8, 2006).

Os objetivos foram alcançados, quinze presos foram soltos<sup>23</sup> e a carta foi lida nos principais jornais, rádios e televisões do país.

Porém, após esta ação, os participantes do ato passaram a viver em uma estrita clandestinidade, que eles chamavam de “entrar na geladeira”, pois precisavam viver trancados dentro da casa de alguém que estivesse disposto a abrigá-los. Alguns meses depois, no início de 1970, a polícia os encontrou e prendeu. Gabeira foi detido mas não foi imediatamente para a prisão. Precisou passar um tempo no hospital pois levou um tiro nas costas quando tentou fugir. Porém, mesmo nesse período, a violência se fazia presente, com torturas psicológicas e físicas. Passou por interrogatórios enquanto estava sob efeito de anestesia e era agredido e insultado frequentemente pelos militares que o acompanhavam.

Depois de meses e de passagens por diferentes centros prisionais, Gabeira foi solto, mas banido do país. Então, viveu exilado em diversos países até poder retornar para o Brasil em 1979, após a promulgação da Lei de Anistia.

Ao longo de sua vida, Fernando Gabeira continuou o trabalho de jornalista, entrou para a carreira política - tendo, inclusive, sido um dos fundadores do Partido Verde (PV) - e se tornou escritor de livros. Suas obras publicadas são: *O que é isso, companheiro?* (1979); *O crepúsculo do macho* (1980); *Entradas e bandeiras* (1981); *Sinais de vida no Planeta Minas* (1982); *Goiânia, rua 57 - o nuclear na terra do sol* (1987); *A maconha* (2000); *Navegação na neblina* (2006); *Onde está tudo aquilo agora?* (2012); e *Democracia Tropical: Caderno de um aprendiz* (2017). Algumas delas são obras jornalísticas e algumas são de caráter autobiográfico.

---

<sup>23</sup>Agnaldo Pacheco da Silva, Flávio Aristides Freitas Tavares, Gregório Bezerra, Ivens Marchetti de Monte Lima, João Leonardo Silva Rocha, José Dirceu de Oliveira e Silva, José Ibraím, Luiz Gonzaga Travassos da Rosa, Maria Augusta Carneiro Ribeiro, Mário Roberto Galhardo Zaconato, Onofre Pinto, Ricardo Villas Boas de Sá Rêgo, Ricardo Zaratini, Rolando Fratti e Vladimir Gracindo Soares Palmeira. Informação disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1969/09/04.htm>. Acesso em: 12/06/2023.

Em alguns dos livros que escreveu, Gabeira fala sobre estas vivências durante a ditadura militar brasileira, mencionadas anteriormente, construindo testemunhos sobre este período da história do país, como em *O que é isso, companheiro?* e *Onde está tudo aquilo agora?*

Neste trabalho, nossa atenção está voltada especificamente a estas duas obras, assumidas aqui como fontes para nosso exercício de reflexão. Nelas, Gabeira trata de temas semelhantes em períodos distintos. Mais de 30 anos se passaram entre suas publicações. O autor expressa em ambas suas visões, com opiniões e sentimentos, sobre o que viveu durante a ditadura militar brasileira. Considerando isto, podemos observar como isto mudou com o tempo, se os mesmos traumas permanecem ou não, continuidades e rupturas de sua percepção sobre os eventos vividos. Ou seja, podemos perceber os trabalhos que a memória exerce, analisando nos livros como ela é reelaborada, recriada, como coisas distintas são ressaltadas em momentos distintos. Com estas obras podemos perceber como a memória se vincula ao tempo no qual é proferida. Este é o foco desta análise, a memória, suas nuances, suas transformações, suas reinvenções e como estas se manifestam na escrita de Fernando Gabeira.

Mas estas obras podem ser consideradas como testemunhais? As obras selecionadas se articulam com a memória individual e coletiva, e com a narrativa enquanto forma de externalizar essas experiências traumáticas, reivindicar a justiça e resistir contra a injustiça. Portanto, retomando as definições de testemunho e literatura de testemunho que foram aqui apresentadas, as quais possuem como características em comum a fala e/ou escrita em primeira pessoa, a relação com a memória em relação a eventos traumáticos, a inserção em um meio coletivo, o compromisso com causas sociais e a vontade de contribuir com a justiça, é possível considerar que as obras apresentadas são literaturas de testemunho, tendo em vista que se encaixam nessas características.

Como Fernando Gabeira não foi a única pessoa que viveu este contexto e que passou por experiências de violência dentro dele, é possível, com isto, analisar e entender como o macro e o micro são constitutivos um do outro. A leitura dos textos de Gabeira, ainda que falem de experiências pessoais dele, nos colocam diante de eventos e de vivências compartilhadas. Ainda que sejam sentidas e ressignificadas de maneiras particulares, as experiências da clandestinidade, do medo, da prisão, foram, de certa forma, compartilhadas por outros igualmente submetidos a elas. Sendo assim, estas narrativas podem ser entendidas como constitutivas de uma memória coletiva.

Em *A Memória Coletiva*, texto clássico sobre memória, Maurice Halbwachs (1990), mostra que a memória não se constitui de construções de imagens fidedignas do passado, mas

sim, de nossas percepções, sempre construídas no presente, sobre o que vivemos no passado. “Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais.” (HALBWACHS, 1990, p. 25). Ou seja, a memória sempre parte do presente, independente do quão distante estejamos do evento do qual nos lembramos.

Nesta obra, como o nome indica, Halbwachs analisa como é construída a memória coletiva e como ela se difere da individual. Ele afirma que as duas, inevitavelmente, se complementam. Para ele, a memória coletiva seria esta impressão pessoal sobre o passado, apoiada na impressão dos outros, de forma que estas duas - ou mais - se complementem.

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Porém, trazendo uma perspectiva em que estes dois âmbitos da memória são mais articulados, Paul Ricoeur (2007) afirma que elas não são apenas complementares, mas inseparáveis. A memória coletiva não é como uma experiência “recomeçada”, pois a memória, desde que ela “nasce”, é individual e coletiva. Isto porque o ser humano é um ser social, ele não existe sem seus pares, portanto, sua memória também não. Ricoeur (2007) afirma que a noção de âmbito social é fundamental para o papel de recordação e, indo além da dicotomia memória coletiva e memória individual, propõe uma tripla atribuição da memória, para que ela não seja vista como separada em dois pólos. Esta tripla atribuição seria: a si mesmo, aos próximos – “essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos” – e aos outros. (RICOEUR, 2007, p. 142). Considerando isto, analisar a memória em uma narrativa construída por um indivíduo dentro de seu contexto coletivo e de seu círculo social próximo, não é algo excedente para a análise, é imprescindível para que ela seja feita. O ser humano é um ser social, um ser que vive em sociedade e vive cercado por outros seres humanos, portanto uma análise de memória individual deslocada do coletivo em que está inserida não faria sentido.

Pensando que as memórias individuais formam uma memória coletiva, assim como o contrário também acontece, é fundamental conciliá-las, considerando-as não apenas como coexistentes, mas também como disputantes nas construções das imagens do passado. Portanto, as obras aqui analisadas são construções feitas por Fernando Gabeira com base em seus mundos sociais. Elas entrelaçam suas sociabilidades com a sua individualidade, assim como a sua memória individual com a memória coletiva em que está inserido.

Sendo assim, será observado como eventos coletivos - como a ditadura militar brasileira - afetam as pessoas inseridas neste contexto - como Fernando Gabeira - e como a forma de habitar este tempo às vezes se adequa e às vezes escapa dos sistemas sociais, políticos e econômicos vigentes. Como afirmou Jacques Revel (2010),

[...] é em todos os níveis, desde o mais local até o mais global, que os processos sócio-históricos são gravados, não apenas por causa dos efeitos que produzem, mas porque não podem ser compreendidos a não ser que os consideremos, de forma não linear, como a resultante de uma multiplicidade de determinações, de projetos, de obrigações, de estratégias e de táticas individuais e coletivas. Somente essa multiplicidade desordenada e em parte contraditória nos permite dar conta da complexidade das transformações do mundo social. (REVEL, 2010, p. 443).

Portanto, acredita-se que, além de ser necessário olhar para o contexto em que Fernando Gabeira estava inserido para compreender o seu testemunho, também é necessário entender seu nível individual de vivência para ter uma melhor compreensão dos processos sócio-históricos em que ele está inserido, além de considerar outras escalas inseridas entre estes dois polos. O motivo é que estes diferentes níveis estão inseridos uns nos outros. Eles não se complementam, eles são indivisíveis.

É possível analisar as obras em que Fernando Gabeira fala sobre o que viveu durante a ditadura militar como formas de ter contato com o sofrimento, de processar os ocorridos individualmente, durante o processo de escrita, e coletivamente, ao divulgar o texto. Como mencionado anteriormente, vamos nos ater à *O que é isso, companheiro?* e *Onde está tudo aquilo agora?* Antes de analisar as obras minuciosamente, as apresentaremos, assim como seus enredos.

A primeira delas foi publicada originalmente em 1979 pela Editora Codecri. Neste ano o autor estava retornando de seu exílio de dez anos. Ele já estava inserido na carreira jornalística e já havia trabalhado em jornais de grande circulação, como o Jornal do Brasil, mas ainda era mais conhecido por ter participado do sequestro do embaixador dos Estados Unidos. Ainda não havia aparecido na revista *Veja* usando uma tanga de crochê na praia de Ipanema<sup>24</sup> e ainda não havia fundado o Partido Verde (PV)<sup>25</sup>. Portanto, ainda não tinha sua figura relacionada aos debates sobre sexualidade e ecologia, com os quais é associado por diversas pessoas hoje.

---

<sup>24</sup>Isto ocorreu em 1980 e teve repercussão nacional, passando a marcar Fernando Gabeira como uma figura importante nas discussões sobre sexualidade. A tanga chegou a ser guardada em um cofre do Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro. Mais informações em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/a-tanga-de-croche-de-fernando-gabeira-marca-comportamento-dos-anos-80-9224227#>. Acesso em: 21/11/2022.

<sup>25</sup>Este foi fundado em 1986.

Nesta obra, lançada no mesmo ano que o escritor retornou ao Brasil após ter sido exilado, ele narra, a partir de sua memória, sobre sua atuação política durante as décadas de 1960 e 1970, quando participou do Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8). Ela é dividida em 16 capítulos, ao longo dos quais ele descreve eventos e experiências vividas durante este período.

O texto desta obra apresenta os eventos fora de ordem cronológica. Ele vai e volta no tempo. Em uma linha temporal, o primeiro dos eventos apresentados<sup>26</sup> é uma das passeatas que ocorreram no ano de 1968 e passavam na frente de seu local de trabalho da época, o Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro. Gabeira diz que “Sempre que possível, descia as escadas sorratamente, protegido pela cumplicidade amistosa dos companheiros de trabalho, e já estava no meio da massa, como dizíamos na época.” (GABEIRA, 2009, p. 48). Já o último é a sua mudança do Chile para a Argentina em 1973, após o golpe militar de 11 de setembro, que depôs o presidente Salvador Allende. É com este evento que ele inicia o livro:

Irrazabal chama-se a rua por onde caminhávamos em setembro. É um nome inesquecível porque jamais conseguimos pronunciá-lo corretamente em espanhol e porque foi ali, pela primeira vez, que vimos passar um caminhão cheio de cadáveres. Era uma tarde de setembro de 1973, em Santiago do Chile, perto da praça Nunoa, a apenas alguns minutos do toque de recolher.

Caminhávamos rumo à Embaixada da Argentina, deixando para trás uma parte gelada da cordilheira dos Andes e tendo à nossa esquerda o estádio Nacional, para onde convergia o grosso do tráfego militar na área. (GABEIRA, 2009, p. 10).

Durante esta narrativa, Gabeira fala sobre seus primeiros contatos e identificações com intelectuais de esquerda, as discussões políticas em que estava envolvido no início da ditadura militar brasileira, sua entrada para a MR8, o processo do grupo para o sequestro de Charles Burke Elbrick e as consequências disto, o período que passou encarcerado, a saída da prisão e a ida para o exílio. Ao longo dela, Gabeira traz reflexões sobre estas experiências, buscando compreender o sentido delas. Portanto, neste momento ele já apresenta uma interpretação de suas próprias experiências. Ele atribui sentido a elas. São vivências que, no momento da escrita, eram recentes, mas já podemos perceber elaborações de Gabeira sobre elas, percepções, interpretações. Não são apenas narrações descritivas, mas são, também, os pensamentos de Gabeira sobre estes eventos.

---

<sup>26</sup>Se tratando de eventos que ele narra como participante Em alguns momentos dos livros, Gabeira apresenta reflexões suas sobre eventos nos quais ele não esteve presente, como quando fala de uma crise vivida pelos anarquistas brasileiros em 1922 (GABEIRA, 2009, p. 25) e como quando exprime suas opiniões sobre o governo cubano no início dos anos 2000 (GABEIRA, 2012, p. 94). Aqui estamos falando sobre os eventos que Fernando Gabeira narrou e viveu.

A obra termina com a partida do autor para a Argélia, em 1970, junto com outros presos políticos, que haviam sido libertados com o sequestro de outro embaixador, desta vez o da Alemanha, Ehrenfried von Holleben<sup>27</sup>. Eles foram soltos de prisões brasileiras, mas foram banidos do país. E desta forma o livro é encerrado:

Se soubesse que era por muito tempo ou talvez para sempre, se soubesse que não era eu que estava partindo, mas que o carrossel empurrava aquele avião para um caminho, num certo sentido, sem volta, até que diria: tchau, Vera Cruz; tchau, Santa Cruz; tchau, Brasil. (GABEIRA, 2009, p. 206).

Quando Gabeira escreveu este trecho, ainda não sabia quando voltaria - nem se voltaria, algum dia - para o seu país natal. Ainda estava banido. Como ele conta em *Onde está tudo aquilo agora?*, o livro *O que é isso, companheiro?* foi escrito enquanto ele estava vivendo na Suécia. (GABEIRA, 2012, p. 114).

O livro foi um sucesso de vendas e pôs Gabeira novamente sob os holofotes, desta vez em outro momento político, por razões distintas. Se antes ele era visto como um terrorista, famoso por ter participado do sequestro de um embaixador, desta vez, em um contexto de início de um processo de abertura política, ele aparecia publicamente por causa de seu livro que denunciava as violências cometidas pelos agentes da ditadura. Ou seja, nestes diferentes momentos, Gabeira esteve em evidência por diferentes motivos. Como afirmou Ricardo Lísias (2016), esta obra serviu para recolocar o nome de seu autor em circulação. Após a anistia, ele pretendia retornar à atividade política, tendo sido protagonista de um momento delicado, radical e muito conhecido da resistência à ditadura. O sucesso de seu relato mostrou que sua intenção tenha respaldo, pois havia bastante gente interessada no que ele tinha para dizer. (LÍSIAS, 2016, p. 230).

Em meados de 1980, ano seguinte ao do lançamento, o autor protagonizou outra situação que logo se tornou um escândalo: foi à praia de Ipanema vestindo uma sunga de crochê, posando para a revista *Veja*<sup>28</sup>. Rogério Silva Pereira e Maria Zilda Cury apontam uma relação subjetiva entre a obra literária e a obra fotográfica:

Com efeito, certo desnudamento presente na narrativa mantinha forte correspondência com o efetivo desnudamento daquele homem da praia. Em ambos, subitamente, o privado parecia se esforçar para se tornar público, e isso valia tanto para a vida clandestina do ex-militante quanto para seu corpo nu, sob o sol. (PEREIRA; CURY, 2019, p. 211).

---

<sup>27</sup>Desta vez a ação foi executada em conjunto por outros dois grupos armados: a Aliança Libertadora Nacional (ALN) e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

<sup>28</sup>Revista brasileira de distribuição semanal criada em 1968. Aborda variados temas como política, economia, cultura, ciência e tecnologia.

Em *O que é isso, companheiro?*, Gabeira elabora uma espécie de catarse sobre o que viveu durante a ditadura militar brasileira, suas percepções sobre o que fez e o que sofreu, as dores que se mantiveram e as cicatrizes que, mesmo sendo feridas fechadas, continuaram sendo marcas. Este livro foi sucesso de vendas em sua época de lançamento e ganhou uma adaptação cinematográfica em 1997, a qual concorreu ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

Mas esta não é a única obra em que ele apresenta as suas marcas do período da ditadura militar e suas percepções sobre elas. Nesta outra obra citada anteriormente - *Onde está tudo aquilo agora?* - publicada originalmente em 2012, pela editora Companhia das Letras, Fernando Gabeira constrói uma autobiografia, também escrita a partir de sua memória, contando sobre sua vida desde sua infância até o ano em que o livro foi escrito. O subtítulo traz um caráter auto explicativo: “Minha vida na política”, ou seja, o autor busca apresentar uma narrativa sobre seu envolvimento na política ao longo de sua vida. Durante 15 capítulos - e mais um epílogo - o autor traz novas reflexões sobre os acontecimentos narrados em *O que é isso, companheiro?*, partindo de sua visão atual para falar sobre este período.

Contudo, neste livro, como há a proposta de contar sobre sua trajetória de vida, o período abordado é maior do que em *O que é isso, companheiro?* Gabeira fala sobre sua infância em Juiz de Fora, sua trajetória escolar, o início da carreira como jornalista, sua participação no processo de redemocratização no Brasil e sua atuação na política institucional no período democrático após a ditadura militar, coisas que não aparecem na outra obra.

Ele inicia esta narrativa afirmando: “No momento em que escrevo, ainda estou vivo. Quero dizer que não esgotei meus papéis históricos. Cinquenta anos de vida pública. Não pretendo concluir, apenas fechar um ciclo.” (GABEIRA, 2012, p. 7). Portanto, este livro faz parte do encerramento desta fase de sua vida, que é a carreira política, como um local utilizado pelo autor para refletir e divulgar as ideias que o moveram - e as que ainda o movem - nesta trajetória.

Outra diferença entre *Onde está tudo aquilo agora?* e *O que é isso, companheiro?* é que a narrativa do livro mais recente é apresentada em ordem cronológica. O primeiro evento apresentado é o seu nascimento: “Avenida Garibaldi, 407, Juiz de Fora, Minas Gerais. Nasci ali, em 17 de fevereiro de 1941, perto do rio Paraibuna.” (GABEIRA, 2012, p. 7). Já o último é a sua volta à carreira jornalística aos 71 anos de idade. No epílogo, ele escreve:

Acordo às cinco da manhã. Um galo canta no morro do Pavãozinho. Leio os jornais, tomo um rápido café e parto para o trabalho. Tudo isso se parece com minha chegada ao Rio, quando tinha dezoito anos, trabalhava no Diário da Noite e acordava antes de nascer o sol. Voltei ao jornalismo. Não é uma operação fácil.

Muita coisa mudou, e quase todos os jornais e revistas foram atingidos pela internet. (GABEIRA, 2012, p. 193).

Após a ditadura militar, já em janeiro de 1986, Fernando Gabeira foi um dos fundadores do Partido Verde (PV), o qual foi diretamente influenciado pela experiência europeia, que possuía partidos verdes, ancorados na visão ecológica, em diversos países, com os quais Gabeira pôde ter contato durante seu exílio. O Partido foi registrado oficialmente apenas em 1993, tendo, até então, apenas um registro provisório.

Neste mesmo ano, foi candidato a governador do Rio de Janeiro pelo Partido dos Trabalhadores (PT), pois o PV ainda era ilegal, já que ainda não havia cumprido todos os requisitos para disputar eleições. Gabeira foi derrotado por Moreira Franco, que se candidatou pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)<sup>29</sup>. Escrevendo em 2012, ele percebe que “[...] não tínhamos chance de vitória. Mas havia entusiasmo e uma visão de futuro, quase sempre mais fascinante nos sonhos do que na realidade.” (GABEIRA, 2012, p. 129). Portanto, afirma que esta tenha sido uma iniciativa movida por uma fantasia, de certa forma, mas não se mostra arrependido, pelo contrário, conta que foi importante para seu aprendizado em relação à política.

Em 1989 concorreu à Presidência da República, obtendo apenas 0,18% dos votos. Sobre esta eleição ele afirma: “Não posso nem me lembrar. Foi, de todas, a campanha mais difícil para mim. Era uma tarefa de propaganda apenas. Se Lula fosse ao segundo turno, como de fato foi, nós o apoiaríamos com entusiasmo.” (GABEIRA, 2012, p. 135). Ele, de fato, não dedica uma grande parte do livro a esta eleição, utilizando apenas uma página para falar sobre ela. Com isso, podemos perceber que não é um assunto que o agrada, ou não é um assunto para o qual atribui importância. Neste ano, quem se elegeu para o cargo de Presidente foi Fernando Collor, que concorreu pelo Partido da Reconstrução Nacional (PRN)<sup>30</sup>.

Em 1994, Gabeira foi eleito deputado federal pelo PV do Rio de Janeiro. Em 1998 foi reeleito e em 2002 também, mas desta vez pelo PT. Em 2003 saiu novamente do Partido dos Trabalhadores, devido aos escândalos de corrupção envolvendo o Partido, ficando sem legenda até 2006, quando retornou ao partido que ajudou a criar, o PV. Neste mesmo ano, foi o deputado federal mais votado no Rio de Janeiro. Também foi candidato a prefeito do Rio de Janeiro em 2008, em uma coligação entre PV, Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Partido Popular Socialista (PPS)<sup>31</sup>, chegando ao segundo turno, mas sendo derrotado por Eduardo Paes (PMDB). Em 2010 foi candidato a governador do Rio de Janeiro

---

<sup>29</sup>Atual Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

<sup>30</sup>Atual Agir.

<sup>31</sup>Atual Cidadania.

novamente, agora oficialmente pelo PV, ficando em segundo lugar e sendo derrotado por Sérgio Cabral Filho (PMDB). Sua carreira política em período democrático foi focada nos assuntos de meio ambiente, legalização da maconha, desarmamento e direitos LGBTQ+. (GABEIRA, 2012) (CÂMARA DOS DEPUTADOS) (LIDERANÇAS POLÍTICAS). Hoje Fernando Gabeira não exerce nenhum cargo político institucional, mas continua a sua carreira como jornalista, escrevendo para o jornal Estadão e sendo comentarista do canal Globonews.

Em *Onde está tudo aquilo agora?* ele demonstra decepção com a política institucional, mas também demonstra orgulho de suas conquistas:

Quanto às grandes esperanças de democratizar o Brasil, a partir dos anos 1990, obtivemos grandes avanços materiais, e o país é hoje a sexta economia do mundo. Foi um processo de crescimento com distribuição de renda. Mais uma razão de orgulho.

Como explicar então essa sensação de vazio que a vida política me transmitiu nos últimos anos de atuação? Concluo este capítulo, já distante do Parlamento, aos 71 anos, sem bens materiais e com algumas pequenas dívidas herdadas da campanha. Se alguém me perguntar se eu faria tudo de novo, eu responderia que não. Tenho pavor de cometer os mesmos erros. É hora de renová-los. (GABEIRA, 2012, p. 192).

Podemos perceber uma contradição de sentimentos: o orgulho misturado com a decepção e tristeza, com a sensação de vazio. É uma confusão percebida por ele mesmo, que diz não saber explicar o porquê destes sentimentos existirem ao mesmo tempo. Gabeira tenta mostrar que se orgulha de seus feitos que considera exitosos, mas não daqueles que considera que foram erros. Uma espécie de *mea culpa*, de confissão da própria culpa, que o causa o desgosto que demonstra. Mas a contradição também nos mostra o lado humano do ex-guerrilheiro, político e jornalista, como nos mostra o lado humano em qualquer escrita testemunhal. Afinal, a contradição mostra que nossa memória, nossos pensamentos e nossos sentimentos não são heterogêneos, não se mantêm da mesma forma o tempo todo e, às vezes, nem ao mesmo tempo. Ao longo dos capítulos seguintes, detalharemos estas divergências, assim como as convergências, que Fernando Gabeira apresenta nas duas obras que foram apresentadas neste capítulo.

Após esta apresentação dos livros utilizados como fonte neste trabalho de seu autor, se seguirá, nos seguintes capítulos, a análise historiográfica a partir da perspectiva da História do Tempo Presente e sob a ótica do conceito de literatura de testemunho.

Considerando que uma história contada pela mesma pessoa em momentos diferentes não é narrada da mesma forma, pois as lembranças e a memória sobre eventos passados mudam com o passar do tempo, e que as narrativas são seletivas, já que não é possível narrar tudo, as obras serão analisadas de forma comparativa. Será observado primeiro a forma que

Gabeira apresenta seu testemunho no primeiro livro, *O que é isso companheiro?*, e em seguida no segundo livro, *Onde está tudo aquilo agora?*, para perceber como isto muda. Como afirma Paul Ricoeur (2007), “Assim como é possível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo. A idéia de narração exaustiva é uma idéia performativamente impossível. A narrativa comporta necessariamente uma dimensão seletiva.” (RICOEUR, 2007, p. 455). Pensando que Gabeira escreveu sobre os mesmos eventos em momentos diferentes, percebemos que com o passar do tempo, a narrativa sobre isto não se esgotou, mas seguiu pertinente e em mutação.

As perguntas norteadoras são: Como o escritor constrói o seu testemunho da ditadura militar nestas obras? O que muda nesta construção em *Onde está tudo aquilo agora?* em relação a *O que é isso, companheiro?* E o que permanece? Há eventos que aparecem em um livro e em outro não aparecem? Quais aspectos de sua vida e do momento da escrita influenciam nestas construções? Com estas considerações e estas perguntas em mente, seguiremos para a análise da primeira das obras em ordem cronológica: *O que é isso, companheiro?*

### 3 "JOVENS COM NERVOS DE AÇO E LOURAS COM METRALHADORAS"

Quando estava exilado na Suíça, Fernando Gabeira começou a escrever sua primeira obra literária, que viria a se tornar um *best-seller* no Brasil: *O que é isso, companheiro?*, a qual foi brevemente apresentada no capítulo anterior. Agora, iremos nos ater em quatro eixos da obra para realizar uma análise historiográfica, sob a perspectiva da História do Tempo Presente: 1) Resistências à ditadura militar brasileira, buscando compreender melhor, a partir do testemunho do autor, sobre como era resistir à este regime ditatorial nos meios em que ele estava inserido, mais especificamente as organizações de luta armada; 2) O sequestro do embaixador Charles Burke Elbrick, para entender como a percepção sobre este marcante evento é mostrada por Gabeira em 1979 e se ela muda posteriormente, em 2012; 3) Prisão, para compreender aspectos sobre a situação dos presos políticos durante a ditadura; 4) Exílio, onde será analisada a experiência de Gabeira no período em que viveu exilado, para assim perceber aspectos da vida no exílio durante a ditadura militar, e como esta experiência influenciou na sua forma de interpretar e narrar os eventos vividos.

A escolha destes eixos foi determinada pela relevância dos mesmos, enfatizados nas duas obras analisadas neste trabalho. Desta forma, é possível realizar um estudo mais direcionado, e assim mais minucioso, para perceber como a narrativa sobre cada um deles é construída de maneira diferente em cada um dos livros, percebendo, assim, as permanências e rupturas apresentadas no movimento da memória de Fernando Gabeira. Além disso, todos estes eixos possuem relação com a ditadura militar brasileira, portanto, como o objetivo deste trabalho é analisar o testemunho da Gabeira sobre este período, foi feita a escolha por centrar o olhar nos temas que o envolvem. Com isto, podemos compreender diferentes aspectos da ditadura: a vida de quem lutava contra o governo, vivências da prisão política, o exílio, e um evento marcante deste contexto, que foi o sequestro do embaixador dos Estados Unidos da América no Brasil. A opção por ter o sequestro de Charles Burke Elbrick como um eixo também foi feita por este ter sido um acontecimento que marcou, também, o autor das obras, sendo um divisor de águas em sua vida. Como ele diz em *O que é isso, companheiro?*: “Dali por diante, tudo se faria num outro ritmo.” (GABEIRA, 2009, p. 96). Foi algo que marcou sua trajetória como guerrilheiro, como militante político e como pessoa, além de ter marcado a organização na qual ele estava inserido - o MR-8 - e o Brasil, portanto, acredita-se que é importante o analisar com atenção.

Nos quatro eixos, se utilizará o testemunho de Fernando Gabeira em *O que é isso, companheiro?* para compreender sobre o contexto coletivo no qual ele estava inserido e vice-

versa, levando em consideração que as influências entre macro e micro são mútuas e que as memórias se inserem em âmbitos coletivos, não são construídas de forma isolada, como foi apontado no capítulo anterior.

O historiador Marcos Napolitano (2015) propõe uma divisão temporal para analisar o processo de construção da memória sobre a ditadura militar brasileira. Esta se divisão é feita em quatro fases: 1) 1964 - 1974: experiências históricas primárias para as construções posteriores no campo da memória; 2) 1974 - 1994: construção da memória crítica. Primordial na construção social da memória hegemônica sobre a ditadura; 3) 1995 - 2004: período das políticas de memória<sup>32</sup>; 4) 2003 - 2014: tempo marcado por revisionismos ideológicos e historiográficos. Uma das fases mais complexas, de acordo com o autor. (NAPOLITANO, 2015).

Utilizando esta divisão, o livro *O que é isso, companheiro?* se encaixa na segunda destas fases, marcada pela construção de uma memória hegemônica crítica sobre a ditadura, mas ao mesmo tempo complexa e multifacetada, também marcada por disputas em torno desta memória coletiva. Mas o que permitiu isto? Como demonstrado por Napolitano (2015), a volta da inflação, o arrocho salarial<sup>33</sup> e as denúncias de corrupção durante os governos Geisel e Figueiredo foram desgastando a imagem do regime. Neste período, a classe média escolarizada e os movimentos sociais se tornaram protagonistas na construção de uma memória sobre ele, ajudando a desgastá-lo e deslegitimá-lo na opinião pública. Alguns grupos da esquerda se juntaram nesta formação, especialmente aqueles ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), adotando o tema da democracia como sua pauta principal. (NAPOLITANO, 2015, p. 21 - 22). Sendo assim, questões econômicas, políticas e ideológicas se juntaram na deterioração da imagem e memória sobre a ditadura militar no período de redemocratização. Mas como afirma Elizabeth Jelin (2017), a memória é sempre objeto de disputa e de estudo, é sempre conflitiva e nunca acabada. (JELIN, 2017, p. 48). Neste período de redemocratização no Brasil não poderia ser diferente. Sendo assim, esta narrativa constitui uma tomada de posição neste debate.

Renato Franco afirma que um dos modos literários de reagir à brutalidade da ditadura militar foi o que ele chama de romance da “geração da repressão”, sendo um deles, *O que é*

---

<sup>32</sup>“As políticas de memória são ações deliberadas e estabelecidas por governos ou atores políticos e sociais (ou pela interação de ambos) e se constitui como política de Estado quando consegue se institucionalizar e ter alguma chancela das principais forças político-partidárias em um determinado ambiente político” (NAPOLITANO, 2015, p. 27).

<sup>33</sup>Consequência de uma política salarial cujos reajustes não acompanham a inflação.

*isso, companheiro?* Além de relatar suas experiências para denunciar as violências vividas, há

A tarefa de lembrar a tragédia, de narrar o núcleo dos fatos - enfim, de narrar a história a contrapelo -, envolve ainda o enfrentamento, por parte do narrador, do sofrimento experimentado, além de alimentar nele esperança de que tal narração seja um meio de acusar o inimigo pela barbárie perpetrada, impedindo-o assim de continuar a adotar tais práticas. (FRANCO, 2003, p. 364).

Portanto, estando inserida em contexto de início de abertura política, mas ainda ditatorial, esta obra é uma tomada de posição neste complexo cenário de disputas. Testemunhar sobre o horror perpetrado pelos agentes da ditadura, era uma forma de divulgá-lo, de impedir o esquecimento e de protestar pela democracia.

É importante notar que com isso Gabeira apresenta uma mudança em sua luta. O grupo político do qual participava, o MR-8, assim como os outros grupos guerrilheiros da época, eram contra a ditadura militar brasileira, mas não defendiam a democracia. No documento *Linha Política e Orientação Para a Prática*, de abril de 1969, elaborado pelo Movimento Revolucionário 8 de Outubro, fica evidenciado que o objetivo da Organização era conduzir uma guerra revolucionária que levaria a um regime socialista, a uma ditadura do proletariado:

Tendo determinado a contradição<sup>34</sup> principal, definiu-se a etapa socialista da revolução brasileira. O único Estado capaz de cumprir esta etapa até as últimas conseqüências é a ditadura do proletariado, que se caracteriza pela hegemonia operária sobre os instrumentos de força: o exército revolucionário, as forças militares auxiliares, as milícias populares e a polícia. (REIS FILHO; SÁ, 1985, p. 346).

Se antes Fernando Gabeira seguia este pensamento da organização da qual fazia parte, em *O que é isso, companheiro?*, ele apresenta um discurso oposto e se demonstra decepcionado com esta visão de mundo:

Nunca nos comovemos de fato com o Esquadrão da Morte - as misérias e torturas que se passavam nos porões da polícia comum eram apenas injustiças que iam desaparecer com o socialismo. Marginal não dá voto, marginal não faz greve. A violência a que era submetido o preso comum não foi discutida em detalhe, não foi analisada minuciosamente. Não estaríamos reproduzindo em relação a eles aquele mesmo mal-estar, aquela mesma pressa de encerrar o assunto que era comum nas classes médias quando se falava de tortura aos presos políticos? Tudo isso ia se revelando dolorosamente lógico. Era lógico que fizessem isso no Brasil, pois até a esquerda, até a oposição, parecia bastante insensível para essa dimensão da violência. As táticas e os programas são para as classes sociais. Os marginais eram desclassificados: fogo neles. Pois é: não é a polícia brasileira que é violenta. Nós somos violentos. Há uma parte nossa que espera lugar no museu de horrores da humanidade. (GABEIRA, 2009, p. 192).

---

<sup>34</sup>A contradição principal, de acordo com o documento, é a existente entre proletariado e burguesia.

Ele passa a se mostrar crítico à violência que era defendida e exercida pelo MR-8 e outros grupos guerrilheiros, chegando a compará-los com a polícia brasileira. Há um evidente sentimento de culpa demonstrado neste trecho, pois ele está esperando o seu lugar no “museu de horrores da humanidade”. Há uma tentativa de denúncia dos próprios erros e dos erros de seus companheiros de luta, até mesmo quando o assunto era as torturas nas prisões, que, de acordo com o autor, era um assunto negligenciado, havia uma “pressa de encerrar o assunto” quando falavam sobre isso. E, além da demonstração pública de arrependimento, há a tentativa de inserção neste mote democrático que ganhava força no Brasil.

Uma variedade de fatores influenciam esta mudança de Gabeira. Um deles é a derrota dos grupos guerrilheiros pelos militares já no início da década de 1970. Vitor Amorim de Angelo (2011), mostra que o auge da luta armada no Brasil ocorreu entre 1968 e 1970, quando os grupos que a adotaram como tática executaram suas ações de maior impacto. Porém, foi também o momento de consolidação do aparato informativo-repressivo da ditadura. Entre junho e julho de 1970, as ações de guerrilheiros reduziram à metade da quantidade de março e abril do mesmo ano. No final do primeiro semestre, todas as organizações de guerrilha estavam desestruturadas. (ANGELO, 2011, p. 70).

Outros motivos são os movimentos democráticos que ganharam força no período de publicação do livro, que gerou um trabalho memorialístico crítico à ditadura, como foi mencionado anteriormente. E Fernando Gabeira não foi o único ex-participante da luta armada que passou por esta mudança de discurso e de luta, como mostra Vivian Montezano Cruz (CRUZ, 2016), Alfredo Sirkis e Renato Tapajós são outros exemplos. Portanto, este foi um movimento coletivo, não individual, nos mostrando não apenas uma mudança pessoal do autor de *O que é isso, companheiro?*, mas uma mudança na esquerda brasileira. É possível observar que a modificação da interpretação de Gabeira está em consonância com outras vozes da esquerda, que participaram de eventos similares. Além disso, vemos que a literatura foi utilizada por outros ex-guerrilheiros como uma forma de testemunhar o que viveram durante a ditadura militar, e como forma de resistência e luta por democracia.

No subcapítulo seguinte, serão exploradas as outras formas de resistir à ditadura militar, além da própria escrita de Fernando Gabeira. Serão explorados os meios de resistência sobre os quais ele testemunhou no livro *O que é isso, companheiro?*

### 3.1. “OFICIALMENTE, ENTREI PARA UMA ORGANIZAÇÃO LENINISTA NA PRAÇA ANTERO DE QUENTAL NUMA TARDE MUITO BONITA”<sup>35</sup>

No ano de 1964, ocorreu no Brasil um golpe de Estado civil-militar. Parte da população apoiou este ato. Maria Celina D’Araujo e Mariana Joffily (2019) afirmam que o golpe foi obra de civis e militares e que a ditadura seguiu com apoio do setor civil até o seu fim, mesmo que tenha se militarizado progressivamente. (D’ARAÚJO; JOFFILY, 2019, s./p.). Marcos Napolitano (2011) também defende que “[...] em relação ao golpe, parece-me claro de que se trata de um golpe civil-militar, como tem enfatizado a historiografia atual, que se transmuta em um regime militar.” (NAPOLITANO, 2011, p. 215). Carlos Fico (2014) também diz que “[...] é preciso ter em mente que o golpe não foi uma iniciativa de militares desarmados que decidiriam, do nada, investir contra o regime constitucional e o presidente legítimo do Brasil. Houve apoio da sociedade.” (FICO, 2014, p. 7 - 8).

Mas também houve quem tentou resistir, tanto no meio civil, quanto no militar. Mesmo com o golpe tendo êxito e dado início a uma ditadura que durou 21 anos, as resistências continuaram. Desde o início da década de 1960, movimentos sociais já estavam crescendo no Brasil e geravam preocupação nos grupos mais conservadores. De acordo com Gláucio Ary Dillon Soares (1994), “a preocupação com a desordem foi uma das molas mestras do Golpe de 64; ela aparece com frequência nos discursos presidenciais, particularmente nos comemorativos do aniversário do golpe.” (SOARES, 1994, p. 23). Estes movimentos eram parte da “desordem” temida pelos militares. Eles não cessaram com o golpe civil-militar, mas nos primeiros anos perderam força.

É no período entre 1967 e 1968 que os opositores da ditadura voltam a se articular com mais vigor. Como afirmou Adriano Nervo Codato (2004),

A resposta da ‘sociedade civil’ ao aumento progressivo e aparentemente irresistível do poder das cúpulas militares sobre os recursos políticos irá configurar a mais importante crise do regime - em 1968.

Os acontecimentos políticos da conjuntura 1967-1968 permitem observar o primeiro enfrentamento importante entre as forças no poder desde abril de 1964 (os ‘militares’) e os setores politicamente excluídos (as ‘oposições’). (CODATO, 2004, p. 20).

Foi neste período que ganhou força uma frente ampla de oposição ao regime - com antigos participantes da política institucional -, que o movimento estudantil começou a se

---

<sup>35</sup>(GABEIRA, 2009, p. 66). A citação foi escolhida como título para este subcapítulo por ser uma passagem na qual Fernando Gabeira fala sobre o período inicial de sua atuação política durante a ditadura militar.

politizar mais, que setores da Igreja Católica passaram a se afastar dos militares e que as relações entre executivo e legislativo tencionaram. (CODATO, 2004, p. 21).

O ano de 1968 foi marcado por manifestações em diversos países. Como afirmou Boris Fausto (2019),

1968 não foi um ano qualquer. Em vários países os jovens se rebelaram, embalados pelo sonho de um mundo novo. Nos Estados Unidos, houve grandes manifestações contra a Guerra do Vietnã; na França, a luta inicial pela transformação do sistema educativo assumiu tal amplitude que chegou a ameaçar o governo De Gaulle. Buscava-se revolucionar todas as áreas do comportamento, em busca da liberação sexual e da afirmação da mulher. As formas políticas tradicionais eram vistas como velharias e esperava-se colocar ‘a imaginação no poder’. Esse clima, que no Brasil teve efeitos visíveis no plano da cultura em geral e da arte, especialmente da música popular, deu também impulso à mobilização social. (FAUSTO, 2019, p. 407).

Isto certamente afetou a vida de Gabeira. Foi em uma destas marchas que ele conheceu a Dissidência Comunista da Guanabara/MR-8, grupo no qual ingressou e que, em suas palavras, era “Quase todo forjado nas manifestações do período.” (GABEIRA, 2009, p. 48).

Os protestos do período se intensificaram em março de 1968, com uma manifestação contra o fechamento do restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, que oferecia comida a baixo custo para estudantes. Com o assassinato do estudante secundarista Edson Luis de Lima Souto por policiais militares durante um destes protestos, eles foram intensificados e suas pautas foram ampliadas. O seu auge foi a Passeata dos Cem Mil, realizada no Rio de Janeiro em 26 de junho, da qual participaram cerca de cem mil pessoas, envolvendo diversos setores da população, como estudantes, religiosos, intelectuais e operários. Como afirmou a historiadora Angélica Müller,

Partindo de uma questão ultra-específica, que era a resistência contra o fechamento do restaurante Calabouço, tornou-se uma questão muito mais ampla, de denúncia contra a violência, contra o arbítrio, contra a repressão, contra o regime. A partir daí conflitos armados e sangrentos ocorreram em todo o país nos meses seguintes. (MÜLLER, 2007, p. 54).

A forma como a historiadora caracteriza estas manifestações vai ao encontro do que Gabeira diz sobre elas em *O que é isso, companheiro?* Ele afirma que “Propaganda da violência passou a ser a palavra de ordem mágica. E marcava de agora em diante nossas passeatas, curtas, tristes e, às vezes, sangrentas.” (GABEIRA, 2009, p. 75). Portanto, a forma que ele recorda delas é como curtas, tristes e sangrentas. Além disso, Gabeira retoma um aspecto de sua narrativa que já percebemos anteriormente: a atribuição da violência também aos grupos de esquerda, não apenas aos agentes da ditadura. Porém, é importante ressaltar que

ele não deixou de caracterizar estes agentes como violentos. Poucas páginas após o trecho citado anteriormente, ele diz: “Cada vez mais, a polícia aparecia violentamente.” (Gabeira, 2009, p. 77). Ou seja, ele qualifica ambos os grupos como violentos, tanto o que ele estava inserido, quanto os militares que faziam parte do regime. Percebe-se uma frequente tentativa de evidenciar a violência do período, independente de quem a estivesse perpetrando. Não é feita uma distinção entre o emprego da violência pelo aparato do Estado e por quem resiste a este Estado. Esta é uma visão presente não apenas no Brasil, mas em diversos países que viveram ditaduras. A chamada teoria dos dois demônios teve início na Argentina e afirma que as ações violentas dos agentes estatais ditatoriais e dos grupos guerrilheiros, durante as ditaduras na América Latina, são semelhantes e simétricas. Ela também equipara a responsabilidade de ambos os grupos pelo início da violência nos países em que estiveram presentes. (FRANCO, 2014). Ela foi utilizada também por setores civis e militares brasileiros, tendo influenciado, inclusive, debates e decisões legislativas, como a Lei de Anistia. (OLIVEIRA; REIS, 2021, p. 63). Porém, as violências do Estado e de seus opositores não são igualitárias. Gabeira apresenta um pensamento com influência da teoria dos dois demônios, buscando uma forma de se redimir pelas ações violentas das quais participou, mas sem tirar a responsabilidade da ditadura militar. Porém, com isto, reforça uma percepção que “serve como justificativa para ‘deixar as coisas como estão’, ou seja, impedir a rediscussão do passado e a punição dos que cometeram crimes de direitos humanos em nome do Estado.” (OLIVEIRA; REIS, 2021, p. 63).

Mesmo que o ano de 1968 tenha sido um marco, devido aos seus protestos, é possível afirmar que toda a década de 1960 foi conturbada. Os conflitos internos nos grupos de oposição também se fizeram presentes, como Fernando Gabeira afirma: “Sempre que falo em luta interna, lembro-me do meio da década de 60. Foi quando o termo ganhou força para mim.” (Gabeira, 2009, p. 26). Podemos assim perceber que estes conflitos o marcaram, se tornando até mesmo referência de “luta interna” para ele. Ele ainda afirma que

Luta interna, quando feita longe do movimento social, acaba sempre dando em cisão. [...] As grandes derrotas que vimos no continente ensinaram muita coisa. Uma delas é que o vencido não tem apenas de se pôr em retirada o mais rápido possível. Na primeira esquina, ele precisa parar para fazer sua luta interna, rediscutir seus métodos, definir de quem foi a culpa. Esse processo chega às vezes a um resultado curioso. A ala moderada do movimento de esquerda acusa a ala mais radical de ser a responsável pela derrota e o setor mais radical acusa a ala moderada. E esse pingue-pongue toma às vezes muito tempo, até que se perceba sua inutilidade. (GABEIRA, 2009, p. 28).

Com isso, podemos perceber um desgosto do autor com estas discussões, que ele classifica como um “pingue-pongue” inútil. Também podemos notar uma disputa de narrativa dentro da esquerda, onde uma ala fazia acusações à outra. A escrita de Gabeira também se encontra dentro desta disputa, como uma posição contrária às duas alas - moderada e radical - já que ele acredita que esta troca de recriminações é uma “inutilidade”.

Esta divergência de opiniões e projetos apontada por Gabeira é fundamental para compreender a esquerda brasileira durante a ditadura militar. No início da década de 1960, o grupo que predominava na esquerda brasileira era o Partido Comunista Brasileiro (PCB), porém novas correntes surgiram defendendo uma radicalização, bem como debates internos no Partido se acirraram, já que este se encontrava se aproximou de um diálogo com correntes reformistas, como a do então presidente João Goulart. Assim, novos grupos surgiram. Como afirma Marcelo Ridenti (1993), entre 1965 e 1968, as bases universitárias romperam com o PCB, em diversas partes do território nacional, e se constituíram como as dissidências estudantis, ou “DIs”. O MR-8 surgiu a partir da junção da DI-RJ (Rio de Janeiro) e da DI-GB (Guanabara). (RIDENTI, 1993, p. 28). Portanto, a formação deste grupo esteve inserida em um contexto maior de radicalização política da esquerda no Brasil. Isto tem relação direta com a Revolução Cubana e com os livros *Revolução na revolução*, de Régis Debray, e *Guerra de Guerrilhas*, de Che Guevara, que defendiam o foco guerrilheiro para a consolidação de uma concepção política revolucionária. (HERLER, 2015, p. 99).

A Revolução realizada em Cuba em 1959 teve forte influência na esquerda dos outros países latino-americanos. Liderada por Fidel Castro e Ernesto Che Guevara - figuras que também se tornaram influentes - foi um movimento armado, formado com base em guerrilhas, que destituiu o ditador Fulgêncio Batista no dia 1 de janeiro de 1959 e instaurou um governo socialista, com apoio da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Porém, como disse Fernando Ayerbe (2004), a opção pela violência revolucionária não era um consenso entre os grupos de esquerda na América Latina. Os partidos comunistas vinculados à União Soviética, como era o caso do Partido Comunista Brasileiro (PCB), viam a experiência de Cuba como expressão de uma realidade específica, que não poderia ser aplicada em todos os países. (AYERBE, 2004, p. 17). Esta discussão foi central nas discussões com o PCB mencionadas anteriormente.

O Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) - que tinha este nome em homenagem a Ernesto Che Guevara, que foi capturado neste dia na Bolívia, no ano de 1967, o que também mostra a influência da Revolução Cubana - era um grupo clandestino, não tinha permissão legal para atuar. Gabeira também trabalhava como jornalista no periódico da

organização, o *Resistência*, que foi afetado intensamente pela censura, especialmente após o Ato Institucional nº 5 (AI-5)<sup>36</sup>. É perceptível em sua escrita, como isto o afetou, como na seguinte passagem:

O AI-5, decretado em 13 de dezembro de 68, foi um golpe dentro do golpe, um golpe de misericórdia na caricatura de democracia. Caímos, aí sim, na clandestinidade. Muitos pensam que cair na clandestinidade é vestir uma capa cinza, usar óculos escuros, ou então sair de casa apenas no princípio da noite, quando o sol já desapareceu. Conosco não foi bem assim. A censura à imprensa era total e isso nos colocou, imediatamente, a necessidade de intensificarmos o trabalho em nosso jornal *Resistência*. Entre 15 de dezembro e a passagem do ano, não fazíamos outra coisa a não ser escrever rapidamente as notícias, rodar o mimeógrafo e distribuir o jornal entre todos os setores interessados. (GABEIRA, 2009, p. 84).

Fica evidente a sua indignação com a ditadura militar e o Ato Institucional nº5, assim como as implicações práticas disso em sua vida. Isto era apenas o começo da sua vida na clandestinidade, que por enquanto apenas havia sido afetada com a intensificação das emoções e do trabalho, aparentemente.

O quinto ato institucional foi instaurado em 13 de dezembro de 1968 e deu poder ao Presidente da República para punir arbitrariamente as pessoas que fossem consideradas inimigas do regime. Ficou conhecido como o “golpe dentro do golpe”, como o chamou Gabeira na citação acima. Ele resultou na cassação de mandatos parlamentares, intervenções em estados e municípios e na suspensão de garantias de defesa constitucionais, como o habeas corpus. Com isso teve início os chamados anos de chumbo. Não apenas Gabeira e seus companheiros de luta foram afetados, mas toda a população do Brasil, seja de forma direta ou indireta. A partir de então, o Presidente da República poderia decretar recesso do Congresso Nacional, das Assembléias Legislativas e das Câmaras de Vereadores; decretar intervenção nos estados e municípios; suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de dez anos; cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais; demitir, remover, aposentar ou pôr em disponibilidade funcionários de empresas públicas, autarquias e sociedades de economia mista; decretar estado de sítio e prorrogá-lo; decretar o confisco de bens adquiridos ilicitamente; baixar Atos Complementares para a execução do AI-5. (BRASIL, 1968). Portanto, o poder político do país ficou ainda mais concentrado nas mãos do Presidente e a população teve seus direitos ainda mais restringidos. E então, os membros do MR-8 entraram na clandestinidade, como disse Gabeira.

---

<sup>36</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-05-68.htm#:~:text=AIT%2D05%2D68&text=ATO%20INSTITUCIONAL%20N%C2%BA%205%2C%20DE,Vide%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20de%201988.>](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm#:~:text=AIT%2D05%2D68&text=ATO%20INSTITUCIONAL%20N%C2%BA%205%2C%20DE,Vide%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20de%201988.>). Acesso em: 22/07/2022.

### 3.2. “DALI POR DIANTE, TUDO SE FARIA NUM OUTRO RITMO”<sup>37</sup>

No meio deste conturbado período que foram os anos de chumbo, em setembro de 1969, em uma quinta-feira nublada, o embaixador dos Estados Unidos da América no Brasil, Charles Burke Elbrick, foi sequestrado na cidade do Rio de Janeiro. O grupo responsável pelo sequestro foi o Movimento Revolucionário 8 de Outubro. Entre os participantes da ação estava Fernando Gabeira.

Sobre isso, o Ministério das Relações Exteriores (MRE) declarou em nota oficial:

O Ministério das Relações Exteriores recebeu da Embaixada norte-americana comunicação de que o Embaixador dos Estados Unidos da América, no Brasil, Senhor Charles Burke Elbrick, foi vítima de seqüestro, por parte de elementos terroristas. Imediatamente o lamentável acontecimento foi levado ao conhecimento dos Ministros militares, que respondem pela Presidência da República, ao Ministro da Justiça e autoridades do setor de segurança. Foram de pronto ordenadas medidas para a localização do Embaixador Elbrick, bem como para a descoberta e captura dos criminosos.

O Ministro Magalhães Pinto compareceu pessoalmente à Embaixada norte-americana para apresentar a solidariedade do Governo brasileiro e comunicar ao Ministro Conselheiro, Senhor William Belton, às providências tomadas.

O Governo brasileiro sabe que interpreta o pensamento do povo, quando manifesta sua mais veemente repulsa àquele ato criminoso e está seguro de que a população compreende que êste inominável atentado contra a intangibilidade pessoal do representante diplomático de um país amigo representa, ademais, um ato de puro e simples terrorismo em detrimento do prestígio internacional do Brasil. (REPULSA AO RAPTO DE ELBRICK, 1969, p. 3).

Os jornais não discordaram da denominação do ato como “terrorismo”. Na época, o discurso mais comum adotado por eles era de tom apaziguador, justificando e minimizando as punições severas aos militantes de esquerda, como afirmou Luana Müller, Fernanda Cristine Vasconcellos e Mauren de Sousa Xavier dos Santos (2020). Em suas palavras “[...] é disseminado um imaginário de que o povo brasileiro está do lado dos militares - sofre, se emociona, vibra junto com o governo - e que, conseqüentemente, a luta política dos opositores do regime é uma luta contra o Brasil.” (MÜLLER; VASCONCELLOS; SANTOS, 2020, p. 5). Porém, o que o MRE e a imprensa - ao menos parte dela - declaravam como terrorismo, por outros poderia ser interpretado como algo diferente, até mesmo como um ato heróico para alguns.

---

<sup>37</sup> Frase escrita por Gabeira para afirmar que após o sequestro do Embaixador dos Estados Unidos, a sua vida e do grupo mudou. “Dali por diante, tudo se faria num outro ritmo. Nossa respiração era mais curta, nossos olhares faiscavam; estávamos encantados.” (GABEIRA, 2009, p. 96). A referência à essa passagem foi feita por este ser uma subcapítulo que fala sobre a percepção de Gabeira sobre o sequestro do Charles Burke Elbrick em *O que é isso, companheiro?*

O objetivo do grupo, além de libertar quinze presos políticos, era a publicação e leitura de uma carta, assinada pela Aliança Libertadora Nacional (ALN) e pelo Movimento Revolucionário 8 de Outubro, nos principais jornais, rádios e televisões do país. O texto iniciava da seguinte forma:

Grupos revolucionários detiveram hoje o Sr. Charles Burke Elbrick, embaixador dos Estados Unidos, levando-o para algum lugar do país, onde o mantêm preso. Este ato não é um episódio isolado. Ele se soma aos inúmeros atos revolucionários já levados a cabo: assaltos a bancos, nos quais se arrecadam fundos para a revolução, tomando de volta o que os banqueiros tomam do povo e de seus empregados; ocupação de quartéis e delegacias, onde se conseguem armas e munições para a luta pela derrubada da ditadura; invasões de presídios, quando se libertam revolucionários, para devolvê-los à luta do povo; explosões de prédios que simbolizam a opressão; e o justicamento de carrascos e torturadores.

Na verdade, o rapto do embaixador é apenas mais um ato da guerra revolucionária, que avança a cada dia e que ainda este ano iniciará sua etapa de guerrilha rural.

Com o rapto do embaixador, queremos mostrar que é possível vencer a ditadura e a exploração, se nos armarmos e nos organizarmos. Apareceremos onde o inimigo menos nos espera e desapareceremos em seguida, desgastando a ditadura, levando o terror e o medo para os exploradores, a esperança e a certeza de vitória para o meio dos explorados.

O sr. Burke Elbrick representa em nosso país os interesses do imperialismo, que, aliado aos grandes patrões, aos grandes fazendeiros e aos grandes banqueiros nacionais, mantém o regime de opressão e exploração. (MARXISTS, 2006).<sup>38</sup>

Para os grupos guerrilheiros participantes, este foi um ato da guerra revolucionária, não um ato terrorista. Em sua visão, contrastante com a do Ministério das Relações Exteriores, estavam lutando em favor do povo brasileiro e contra os que o exploravam, ao contrário do que afirmava o governo e a imprensa hegemônica, que afirmavam que os militantes de esquerda lutavam contra o Brasil. Com isto, podemos ver de forma evidente as disputas de narrativa sobre um mesmo evento, dentro da qual Gabeira também se insere.

Para Gabeira o sequestro do embaixador estadunidense foi um ponto de virada em sua vida. Os objetivos foram alcançados, quinze presos políticos foram libertados<sup>39</sup> e a carta foi lida nos principais jornais, rádios e televisões. Mas os participantes do ato passaram a viver em uma estrita clandestinidade, que eles chamavam de “entrar na geladeira”.

Porém, mesmo tendo sido algo marcante, em *O que é isso, companheiro?* o autor diz se lembrar de quase nada do dia do sequestro.

<sup>38</sup>O Manifesto pode ser lido na íntegra no seguinte link:<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1969/09/04.htm>. Sua cópia e distribuição são livres.

<sup>39</sup>Agnaldo Pacheco da Silva, Flávio Aristides Freitas Tavares, Gregório Bezerra, Ivens Marchetti de Monte Lima, João Leonardo Silva Rocha, José Dirceu de Oliveira e Silva, José Ibraím, Luiz Gonzaga Travassos da Rosa, Maria Augusta Carneiro Ribeiro, Mário Roberto Galhardo Zaconato, Onofre Pinto, Ricardo Villas Boas de Sá Rêgo, Ricardo Zaratini, Rolando Fratti e Vladimir Gracindo Soares Palmeira. Informação disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1969/09/04.htm>. Acesso em: 07/10/2022.

Era uma quinta-feira, princípio de primavera. Não me lembro se o verde era mais intenso, se havia algum cheiro especial no ar. Não me lembro de nada, exceto que era um dia nublado, desses milhares de dias que entram na gaveta da memória e de lá não saem jamais. É uma vergonha: uma coisa de tanta gravidade, tão importante na vida de todos nós que fazíamos a luta armada, e o narrador, sempre que pensa no episódio, só se lembra de uma frase. A frase de Richard Nixon para William Rogers, ao ser informado, de madrugada, de que o embaixador americano fora sequestrado numa rua da zona Sul do Rio de Janeiro: “Rogers, que merda é essa?” (GABEIRA, 2009, p. 95).

Nesse trecho, Gabeira relembra um momento específico de sua vida durante a luta armada no Brasil. Apesar de detalhes como o dia da semana e a estação do ano não serem lembrados, o escritor destaca a importância desse dia específico, descrevendo-o como algo “de tanta gravidade, tão importante na vida de todos nós que fazíamos a luta armada”. Essa descrição sugere a presença de um acontecimento singular e transformador na narrativa.

O narrador admite a sua frustração por não conseguir se lembrar de detalhes mais concretos desse dia, exceto pela frase dita por Richard Nixon<sup>40</sup> em relação ao sequestro do Embaixador norte-americano: “Rogers, que merda é essa?”. A citação desta frase destaca como esse acontecimento era inesperado e como gerou perturbação.

Ao refletir sobre essa lembrança, Gabeira atribui importância a esse acontecimento em sua vida, na trajetória do movimento em que estava envolvido e, até mesmo, em nível internacional, especialmente quando destaca a fala de Nixon. Ele apresenta esse acontecimento como uma ruptura, um ponto de virada que marcou a luta armada, o Brasil, os EUA e ele mesmo.

Analisando essa citação, podemos refletir com e sobre o conceito de “acontecimento” seguindo a elaboração de François Dosse (2013), que afirma que “Transformado em indício ou vestígio significativo, o acontecimento é compreendido duplamente, como sugere sua etimologia, como resultado e como começo, como desfecho e como abertura de possíveis.” (DOSSE, 2013, p. 6). O trecho destaca a singularidade e a importância do evento em questão. Mesmo com a falta de detalhes concretos na memória do narrador, ele indica a influência desse acontecimento em sua vida e no contexto coletivo em que estava inserido, apresentando-o como resultado de uma sucessão de eventos anteriores e como começo de algo novo, de uma nova fase. O sequestro do embaixador Charles Burke Elbrick é apresentado como um desfecho, mas também como uma “abertura de possíveis”.

Novamente, conforme François Dosse (2013),

---

<sup>40</sup>Richard Nixon era o Presidente dos Estados Unidos naquele momento. Ele ocupou este cargo entre 1969 e 1974.

A recente atenção voltada para o vestígio deixado pelo acontecimento e suas mutações sucessivas é absolutamente fundamental e evita o falso dilema depauperado e redutor de ter de escolher entre um acontecer [*événementialité*] supostamente curto e um de longa duração chamado de estrutural. Dentro dessa perspectiva, o acontecimento não é um simples dado que basta coletar e comprovar sua realidade, é uma construção que remete ao conjunto do universo social como matriz da constituição simbólica do sentido. (DOSSE, 2013, p. 12).

Considerando que o sequestro deixou marcas em Fernando Gabeira e outras pessoas, como os outros participantes da ação, os presos políticos que foram soltos em decorrência deste ato, o próprio embaixador sequestrado e os agentes do Estado brasileiro que tiveram que lidar com a situação, podemos considerar que foi um acontecimento que deixou seus vestígios. Para o escritor da obra aqui analisada, ele é fundamental à sua matriz da constituição simbólica de sentidos, o que pode ser percebido apenas com o fato de ele ter escrito um livro para contar sobre isso.

Lembrança e esquecimento se mesclam nesta passagem pontual do livro *O que é isso, companheiro?*, mostrando como a memória pode causar confusões e como ela é complexa. Isto tudo faz parte da significação do passado feita pela memória. Como afirmou Paul Ricoeur (2007): “[...] o esquecimento pode estar tão estreitamente confundido com a memória, que pode ser considerado como uma de suas condições.” (RICOEUR, 2007, p. 435). Estas falhas causadas pelo esquecimento, constituem esta multifacetada significação.

Porém, ele lembra do que ocorreu após o sequestro. Escreveu que tudo passou a ser feito em outro ritmo. “Nossa respiração era mais curta, nossos olhares faiscavam; estávamos encantados.” (GABEIRA, 2009, p. 96). Seu testemunho ressalta a sensação de furor por ter realizado essa ação.

No período que durou o sequestro, Gabeira era o responsável por realizar tarefas fora de casa, pois ele era o inquilino da casa, portanto, a única pessoa do grupo conhecida pela vizinhança. Em seu testemunho é marcante o medo ao andar na rua.

Quando é que uma pessoa está sendo seguida? Quando é que uma casa está sendo fotografada? Difícil dizer. O limite entre a paranoia e o bom-senso se esvai. Aquele homem que passa de macacão pode ser um operário, mas pode ser um militar disfarçado. Aquela camioneta de uma padaria pode estar cheia de pão para entregar aos clientes, mas pode estar cheia de policiais nos vigiando. E as pessoas que te olham com cara feia porque estão mesmo de mau humor: E os encontros acidentais que se dão na rua? E os guardas de trânsito que realmente estão querendo saber se o exame de vista está em dia? E o barulho de portas se fechando às suas costas? E a sensação de que, no escuro daquele quarto, através da janela aberta existe um par de olhos te olhando? E aquela mancha preta que se mexeu na grama, pelas alturas de Santa Teresa, não pode ter sido uma teleobjetiva? (GABEIRA, 2009, p. 116 - 117).

Quase qualquer coisa poderia ser um motivo de suspeita, um motivo para sentir medo de ser preso pelos militares.

No tempo em que o grupo manteve Elbrick preso, a fantasia criada em relação ao seu “inimigo” foi sendo humanizada. Foi um ato realizado por motivações políticas, pois viam o diplomata apenas como um representante dos Estados Unidos no Brasil. Era uma imagem desumanizada e reduzida a um símbolo do sistema político ao qual o grupo se opunha. No entanto, com a convivência, foi sendo percebido que ele não era apenas um representante, mas uma pessoa com sua própria subjetividade, emoções e experiências individuais. Essa percepção gradual permitiu que os sequestradores o enxergassem de forma mais complexa, indo além da imagem estereotipada do “inimigo”. Fernando Gabeira relata sobre alguns dos diálogos seus com o embaixador. Diz que conversaram sobre as relações entre os Estados Unidos e o Brasil, que o informou sobre as torturas nas cadeias brasileiras - algo que impressionou Elbrick - e que com o passar do tempo o embaixador foi ficando mais espontâneo. (GABEIRA, 2009, p. 111). Esta convivência parece ter mudado a relação do escritor com a violência. Em uma discussão sobre o Partido dos Panteras Negras<sup>41</sup>, ele afirma que abaixou o revólver que sempre ficava direcionado ao diplomata.

Imediatamente baixei o revólver para prosseguir a discussão. Ele percebeu que fiquei perturbado em discutir nessas circunstâncias. Afinal meus argumentos eram bastante bons para que eu apontasse uma arma para o interlocutor. Ele captou muito bem a relação incômoda que tínhamos com a arma. Éramos intelectuais, querendo dizer alguma coisa, e os tanques estavam apontados contra nós, no Brasil. Não queríamos de forma alguma trocar de papel. (GABEIRA, 2009, p. 111).

Portanto, ali na casa da rua Barão de Petrópolis, naquele momento, para Gabeira era como se os papéis tivessem sido invertidos. Isso o deixava desconfortável. Este não é o único momento de *O que é isso, companheiro?* em que ele questiona os métodos violentos adotados por setores da esquerda e a falta de sensibilidade em relação à violência. Em uma passagem na qual ele diz que eles nunca se comoveram as misérias e torturas que se passavam nos porões da polícia comum, pergunta: “Não estaríamos reproduzindo em relação a eles aquele mesmo mal-estar, aquela mesma pressa de encerrar o assunto que era comum nas classes médias quando se falava de tortura aos presos políticos?” (GABEIRA, 2009, p. 192). E logo após, conclui: “Pois é, não é a polícia brasileira que é violenta. Nós somos violentos. Há uma parte nossa que espera lugar no museu de horrores da humanidade.” (GABEIRA, 2009, p. 192). Percebe-se, com isso, uma decepção por parte do autor com as ideias e grupos políticos com os quais ele havia se relacionado até então. Em seu testemunho, há um remorso em relação aos métodos de luta que apoiou anteriormente.

---

<sup>41</sup>Organização urbana antirracista e socialista, iniciada nos Estados Unidos da América, que existiu entre 1966 e 1982.

Após 78 horas e a libertação dos presos políticos, exigida pelos sequestrantes, o grupo libertou o embaixador. Sobre o fim da ação, Gabeira se lembra mais do que sobre o começo. Em contraste com a forma que narra o dia do sequestro, ele escreve que “A cena final na casa é inesquecível.” (GABEIRA, 2009, p. 122). A razão pela qual Gabeira dá mais destaque à libertação de Elbrick do que ao próprio sequestro pode estar relacionada a diversos fatores. O desfecho da ação marca o ponto em que o objetivo principal do grupo que a realizou é alcançado: a libertação dos presos políticos. A forma como o autor descreve a cena final na casa como “inesquecível” indica a intensidade emocional e importância simbólica para ele. É um momento impactante, que se destaca na memória de Gabeira como um ponto de virada.

É importante considerar o contexto em que o livro foi lançado. O ano de 1979 marcou um período de transição política no Brasil, com a Lei de Anistia<sup>42</sup> e o início do processo de abertura política. Nesse sentido, a ênfase dada ao ato de libertar está relacionada a uma mensagem de esperança e superação, em detrimento de uma imagem violenta. Dar mais atenção ao ato do sequestro em si, seria dar mais atenção à violência cometida por Gabeira e o grupo em que estava inserido, diferente da libertação. Foi representado um momento crucial da luta armada no país com a realização de objetivos do movimento.

A dimensão temporal da publicação do livro é fundamental para compreender a perspectiva e as intenções do autor de *O que é isso, companheiro?* ao escrever sobre os eventos ocorridos anos antes. O processo de escrita é um processo que envolve escolhas do escritor. A escolha de focar mais na libertação do embaixador é uma forma de destacar a conquista de um objetivo, ao invés da violência.

Os sequestradores logo caíram na estrita clandestinidade, se escondendo na casa de pessoas de confiança e sem poder sair para nada. Além dos próprios envolvidos na ação, familiares, amigos e conhecidos deles também foram afetados, alguns chegando até a ser presos e torturados. Como afirmou o autor, “Todos os nomes que estavam ligados a nós passaram a ser suspeitos.” (GABEIRA, 2009, p. 126). Portanto, a ditadura militar brasileira perseguiu não só aqueles que a combatiam, mas até mesmo pessoas que não participavam de atividades políticas, tendo, às vezes, apenas alguma ligação sanguínea com algum militante de esquerda.

Fernando Gabeira também foi preso após passar um tempo na clandestinidade. Estava vivendo em São Paulo quando foi capturado pela polícia. Então, começou uma nova fase em sua vida: o período da prisão.

---

<sup>42</sup>Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm). Acesso em: 15/07/2022.

### 3.3. “PERGUNTAVAM: VOCÊ TERIA CORAGEM DE NOS TORTURAR? RESPONDIA: NÃO”<sup>43</sup>

Gabeira foi baleado quando tentava fugir da polícia no momento em que foi encontrado. A bala atingiu seus rins, seu estômago e seu fígado. Por este motivo, não pôde ir direto para a prisão, precisou ser internado em um hospital antes. Ali mesmo, as torturas já foram iniciadas.

No período em que esteve no hospital e no período de cárcere, Gabeira passou por torturas psicológicas e físicas. Ainda hospitalizado, ele não poderia ser pendurado no pau de arara ou sentar na cadeira do dragão<sup>44</sup>, mas as sondas que ficavam em seu pênis - pois seu rim havia sido perfurado pela bala que o atingiu - eram arrancadas bruscamente, os policiais ameaçavam cortar o soro e prometiam que o torturariam mais intensamente quando estivesse recuperado. Os métodos de tortura eram adaptados para o quarto de hospital.

Após um dia no hospital, ele contou seu nome e o que havia feito. Afirma que neste período os interrogatórios eram cansativos e a surpresa era parte da tortura. “Eles sempre apareciam, isso era uma certeza. Mas quando?” (GABEIRA, 2009, p. 155). Para Gabeira, o tempo se tornou um símbolo da tortura, mais especificamente os relógios, que nas prisões ficavam tapados com esparadrapos. Ele afirma que

A noção de tempo era roubada ao torturado. Ele não poderia jamais saber que horas eram, pois aguentaria mais alguns minutos e, em muitos casos, poderia salvar uma vida. A noção de tempo não se conta apenas com os ponteiros pequenos. A noção de tempo tapado era também o exercício da onipotência fantástica do torturador. Sua fantasia de suprema dominação sobre o outro só é possível se articulada com outra fantasia: a da ausência do tempo. A tortura só é perfeita se o tempo não passa. O tempo é sua morte. (GABEIRA, 2009, p. 157).

Podemos perceber a importância da noção de tempo. A privação dessa noção imposta ao torturado cria uma situação de imediatez angustiante, em que cada minuto parece se arrastar, e a vítima fica suspensa em um estado de sofrimento prolongado, que ela não sabe há quanto tempo ocorre e nem quanto tempo ainda vai durar. Isso nos mostra como a percepção do tempo é subjetiva e como influencia e é influenciada pelas dinâmicas de poder e pelos acontecimentos históricos do presente.

---

<sup>43</sup>(GABEIRA, 2009, p. 170). Trecho de passagem em que Fernando Gabeira relata um dos interrogatórios ao qual foi submetido na prisão.

<sup>44</sup>Espécie de cadeira elétrica em que a pessoa tinha seus braços amarrados por cintas de couro e suas pernas afastadas por uma travessa de madeira. A energia que causava o choque era gerada manualmente pelo torturador através de uma manivela. Este foi um instrumento de tortura comumente utilizado pelos agentes da ditadura militar brasileira.

Esse trecho também traz à tona a manipulação do tempo como uma forma de exercício de poder. O torturador busca controlar e distorcer a percepção temporal da vítima, criando uma sensação de ausência do tempo e uma fantasia de dominação total sobre o outro. O tempo como ferramenta de controle sobre o outro vem sendo utilizado de diversas formas há séculos. Edward P. Thompson (1998) afirma que “É lugar-comum que os anos entre 1300 e 1650 presenciaram mudanças importantes na percepção do tempo no âmbito da cultura intelectual da Europa Ocidental.” (THOMPSON, 1998, p. 268). O historiador ressalta o lugar fundamental da criação do relógio nesta mudança de percepção. Controlar o tempo se tornou uma necessidade desde então. Tatiana Chiaverini (2009), mostra que isto também foi decisivo “[...] para a instituição da pena de prisão, que retira do condenado a presença pública e a autonomia na administração de seu tempo.” (CHIAVERINI, 2009, p. 43). No caso testemunhado por Fernando Gabeira, o preso não perde apenas a sua liberdade para gerenciar seu tempo, mas perde a noção dele. Em uma cela em que não entra luz e não possui relógios, quem está nela não consegue saber as horas, nem se é dia ou noite. Todas as informações sobre o tempo são retiradas do encarcerado.

Enquanto esteve detido, Fernando Gabeira passou por diferentes centros prisionais. Quando recebeu alta do hospital, após 20 dias internado, foi transportado para a Operação Bandeirantes (Oban)<sup>45</sup>. Mesmo que os policiais já soubessem o seu nome e o que tinha feito, ainda queriam informações sobre os outros participantes do sequestro. O autor afirma que

Agora já dominavam informações sobre mim, conheciam minhas tarefas em São Paulo e detinham quase todos os dados sobre o sequestro do embaixador americano. Mas queriam me torturar de qualquer jeito, mesmo sabendo que dali não sairia nada de especial, uma vez que pontos e aparelhos eu não os tinha para informar. (GABEIRA, 2009, p. 159).

Com esta passagem podemos perceber que, às vezes, a tortura não tinha um objetivo político evidente. Ela revela um aspecto cruel desta prática, que vai além da busca por informações. Era a tortura por ela mesma, pela vontade de causar sofrimento. Esta atitude revela uma dimensão de poder e dominação exercida pelos torturadores, em que a violência é utilizada como uma forma de desempenhar controle e instaurar medo, independente dos resultados práticos que possam ser obtidos. A busca por informações poderia se tornar

---

<sup>45</sup>Centro de informações e investigações criado em 1969, em São Paulo, que reunia diferentes elementos das Forças Armadas, da Polícia Estadual e da Polícia Federal. A Operação Bandeirantes se tornou um grande centro de tortura e assassinato. Em 1970 foi extinta e incorporada ao sistema do Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), órgão de inteligência e repressão subordinado ao Exército, cujos centros também eram centros de tortura e assassinato.

secundária em relação ao exercício do poder e à perpetuação do sofrimento infligido aos torturados.

Gabeira recebeu choques em diferentes partes do corpo durante interrogatórios, em que torturadores o questionavam sobre outros participantes de grupos de guerrilha. Ele relata que estes interrogatórios eram realizados aos gritos e que, em meio às perguntas, também eram proferidos xingamentos, como “turco filho da puta”<sup>46</sup>. Em alguns momentos, os militares o ameaçavam de morte, dizendo “vamos matar, é muito mais fácil”, ou “vamos preparar para levá-lo daqui e enforcá-lo em qualquer parte”, como uma forma de tortura psicológica e pressão para que ele os fornecesse informações sobre outros militantes políticos que conhecia. Além disso, passou períodos sendo obrigado a dormir em cimento frio, sem poder comer. Também permaneceu com os machucados causados pelas torturas sem serem tratados, o que fazia com que continuasse sentindo dor após as sessões de interrogatório. (GABEIRA, 2009, p. 159 - 162).

Mesmo tendo passado por diferentes formas de tortura, Gabeira afirma:

Falo da torutra como um artista, pois não tenho direito de falar dela como um grande torturado. [...] Meu sofrimento, perto do que vi e soube, foi insignificante. Só poderia falar de tortura se tivesse caído inteiro, sem nenhum tiro, e tivesse enfrentado o mesmo processo que os outros. Mas é preciso pedir desculpas por não ter sido tão torturado quanto os outros? Pode-se falar de tortura enquanto artista? As marcas do machismo sul-americano são fortes, mas tantos anos passados talvez já as tenham dissipado em mim. (GABEIRA, 2009, p. 158).

Novamente, ele demonstra um sentimento de culpa, mas agora não pela violência que cometeu, mas pelas violências que não sofreu. Mesmo tendo sido torturado, se sente culpado por não ter sido tão violentado quanto outras pessoas que ele conhece, ainda que a razão disto seja ter sido baleado pela polícia. Isto representa uma tomada de posição do autor ao tratar da tortura. Uma posição de quem não quer falar por todos os torturados, apenas por si mesmo, “como um artista”, não como um “grande torturado”. Uma posição em que se mostra empático aos que sofreram nas prisões da ditadura militar. Mas também uma posição de julgador de si mesmo, enquanto, concomitantemente, busca se eximir da culpa que este julgamento o faz sentir.

Ele também atribui a responsabilidade deste sentimento ao machismo sul-americano. Sobre este aspecto, Cristina Scheibe Wolff (2010) afirma que

---

<sup>46</sup>Fernando Gabeira é descendente de libaneses, por isso os torturadores o associaram como “turco”, demonstrando uma generalização preconceituosa dos países asiáticos que possuem o islamismo como religião predominante, já que o Líbano e a Turquia são países diferentes, de regiões diferentes do continente asiático e com línguas e culturas diferentes.

A juventude naquele momento se via e era vista como portadora da mudança, da semente de uma nova sociedade, da força, da virilidade em suma, no sentido de atividade em contraposição à passividade que estava associada simbolicamente à feminilidade, mas também à velhice. (WOLFF, 2010, p. 149).

Portanto, um homem guerrilheiro que não passou por tantas torturas quanto seus companheiros de luta pode sofrer deste sentimento de culpa sendo movido por estas concepções de “força” e “virilidade” que a ele era atribuída e até mesmo cobrada.

Saindo da Oban, Gabeira foi transferido para o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS)<sup>47</sup> de São Paulo. Lá, ele teve contato com o policial e delegado do DOPS, Sérgio Fleury, com quem teve um diálogo que cita em "*O que é isso, companheiro?*".

Os dois oficiais da Marinha e Fleury sentiram-se à vontade para filosofar. Afirmavam que eu jamais seria um torturador, pois para ser torturador era preciso ter coragem e assumir as tarefas mais sujas de uma causa nobre. Concordei que jamais seria um torturador. Perguntavam: você teria coragem de nos torturar? Respondia: não. (GABEIRA, 2009, p. 170).

Neste trecho, Gabeira mostra a sua não identificação como um torturador, mesmo que com isso fosse considerado uma pessoa com falta de coragem. Ele se posiciona como alguém que rejeita a tortura, implicando uma crítica àqueles que a praticam ou a justificam. Relatando este diálogo, ele busca transmitir a imagem de alguém que se posiciona contra a violência e que rejeita qualquer envolvimento ou cumplicidade com isto, destacando a sua recusa em participar de atos de crueldade.

Ao concordar com os oficiais que ele jamais seria um torturador, Gabeira se distancia de qualquer associação com a tortura e enfatiza sua postura humanitária. Desta forma, ele vai ao encontro do que relatou sobre o sequestro de Elbrick, quando ressaltou que o embaixador não foi torturado e agredido no momento em que esteve com o grupo guerrilheiro. Ele se coloca como alguém que não compactua com práticas violentas, mesmo que sejam em nome de uma causa.

Saindo do DOPS, Gabeira foi para a Ilha das Flores<sup>48</sup>. De lá, ele precisou voltar ao hospital - desta vez para o Hospital da Marinha - pois passou mal. “Coágulos baixavam dos rins e abriam passagem, dolorosamente, pelo canal do pênis.” (GABEIRA, 2009, p. 176). Depois, quando estava recuperado, foi para a Polícia Estadual (PE) da rua Barão de Mesquita, ainda no Rio de Janeiro. Ele relata que quando chegou já começou a ser desmoralizado.

<sup>47</sup>Órgão brasileiro criado em 1928 e utilizado principalmente durante o Estado Novo (1937 - 1945) e a ditadura militar. Funcionava como uma polícia política, com a função de assegurar e disciplinar a ordem militar no país.

<sup>48</sup>Localizada no município de São Gonçalo, Rio de Janeiro, abriga uma Base Naval que durante a ditadura militar foi utilizada como prisão, onde diversos presos políticos ficaram detidos e foram torturados.

“Leva este cara pra cima que ele está cheirando a merda. Olha como fede. É insuportável.”

O cara que, segundo ele, fedia a merda era eu. Aquilo era apenas o início de um processo comum na PE. Tratava-se da desmoralização permanente do preso, de sua preparação para o interrogatório. (GABEIRA, 2009, p. 177).

Com os trechos do testemunho apresentados até agora, podemos perceber que os diferentes centros de detenção, possuíam diferentes formas de tortura. Iam desde a desmoralização até a cadeira do dragão. Todos estes locais utilizavam da violência psicológica e física, mas poderiam fazê-lo de diversas formas. Isto contribuía para a surpresa dos detentos. Quando acreditavam que já tinham passado por todos os tipos de tortura que poderiam passar, eram transferidos de presídio e se deparavam com métodos que ainda não conheciam. Como Gabeira relata, “[...] fomos surpreendidos com o que vimos no interior dos quartéis. Eram gigantescos os mecanismos montados para nos destruir.” (GABEIRA, 2009, p. 180).

Na PE, o escritor encontrou, também, solidariedade por parte de outros presos.

Cada vez que alguém baixava<sup>49</sup> era esperado ansiosamente pelos companheiros. Algumas famílias fizeram entrar frutas e meu pai colocou uma lata de goiabada vinda de Minas. Recolhíamos aquilo tudo, fazíamos um fundo coletivo e, cada vez que alguém voltava da sala de interrogatório, era recebido carinhosamente. Fazíamos um círculo em torno da pessoa, curávamos os ferimentos com os poucos recursos que tínhamos, dávamos uma das frutas que estavam na reserva. A solidariedade tornava possível suportar aquela situação e, às vezes, até cantávamos. (GABEIRA, 2009, p. 181).

Com isto, podemos refletir sobre a importância das relações sociais, da solidariedade e do apoio emocional em momentos de privação de liberdade e em situações de dificuldade. O trecho mostra como era formada uma rede de apoio entre os prisioneiros. Os gestos, mesmo que pequenos, de cuidado mútuo ofereciam conforto em uma situação em que esta era uma sensação escassa. Desta forma, Gabeira evidencia em seu relato a capacidade de resistência e humanidade em meio à adversidade.

Da PE, o escritor foi transferido para o DOPS do Rio de Janeiro, que ele afirma que “[...] parecia um piquenique dominical comparado à PE.” (GABEIRA, 2009, p. 186). Ele conta que lá conseguiu recuperar forças, fazendo ginástica e comendo mais, mostrando, novamente, a diferença de tratamento nos centros de detenção. De lá, Gabeira foi transferido para o 31º Distrito Policial, para onde eram transferidos os presos políticos que estavam no DOPS quando este precisava passar por reformas. Ele não relatou ter sofrido violências neste centro prisional.

---

<sup>49</sup>Quando alguém era levado para ser interrogado.

Do 31º Distrito Policial, foi transferido para Ilha Grande, distrito de Angra dos Reis, onde funcionava uma prisão. Lá, de acordo com o relato de Gabeira, os detentos tinham uma certa liberdade dentro do presídio. “Havia muita luz, as celas eram limpas, e durante algum tempo suas portas eram mantidas abertas e nos encontrávamos nos corredores.” (GABEIRA, 2009, p. 194). Porém, isto era feito porque esta era uma instituição total, ou seja, uma instituição que tinha como objetivo alienar o encarcerado da vida em sociedade, como afirmou Giovanna de Abreu Antonaci (2014), “As instituições totais não buscam a vitória contra o mundo ‘de fora’, mas sim a manutenção desse conflito entre o mundo doméstico e o mundo institucional, como uma forma de controle sobre os homens.” (ANTONACI, 2014, p. 93). Portanto, a ideia era criar uma nova vida para os presos que estivesse totalmente atrelados à prisão. Apagar suas vidas anteriores e suas subjetividades.

A prisão da Ilha Grande foi o último lugar em que Fernando Gabeira ficou encarcerado. Quando estava lá, foi solto devido a outro sequestro, desta vez do embaixador alemão no Brasil, executado pela Aliança Nacional Libertadora (ALN) e pela Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) em troca de 40 prisioneiros políticos. (FRÓES, 2020). Teve início, então, outra fase da vida de Gabeira: o exílio.

#### 3.4. “AGORA, TODOS OS DIAS, ME INTERROGO SOBRE QUEM EU SOU”<sup>50</sup>

Junho de 1970: um avião da Varig<sup>51</sup> levanta vôo no aeroporto militar do Galeão, no Rio de Janeiro (RJ). Dentro dele se encontravam prisioneiros políticos, algemados dois a dois, sendo cada dupla vigiada por um policial. A aeronave partiu para a Argélia, país para onde estes presos haviam sido banidos. Entre eles estava Fernando Gabeira, que descreveu este momento afirmando que “O governo havia decretado a nossa morte oficial assinando uma pena de banimento, mas, paradoxalmente, começávamos a viver.” (GABEIRA, 2009, p. 206).

Uma nova vida, longe de seu país, mas também longe da prisão e fora da clandestinidade em que havia entrado desde que se organizou politicamente na Dissidência Comunista da Guanabara / Movimento Revolucionário 8 de Outubro, em 1968, “[...] na praça Antero de Quental numa tarde muito bonita.” (GABEIRA, 2009, p. 66).

Falando sobre o exílio, logo no primeiro capítulo, ele diz

---

<sup>50</sup>(GABEIRA, 2009, p. 124). Passagem emblemática sobre os questionamentos de Gabeira sobre si mesmo durante o exílio.

<sup>51</sup>Companhia aérea brasileira.

Você diz que vai resistir, você parte para resistir, mas o que você vai fazer, de verdade, é fugir.

Lembro-me de ter escrito uma carta, de dentro da Embaixada da Argentina, para um amigo do Rio, comunicando que estava vivo. E dizia: amigo, acabo de perder minha segunda revolução e estou caminhando para o recorde daquele personagem do García Márquez que perdeu doze ou treze<sup>52</sup>, creio. Vi muita gente morrendo, grupos inteiros se entrincheirando nas fábricas e resistindo até o último homem. Mas o movimento geral era de fuga, de retirada. E penso que era o mais inteligente a fazer, consideradas as circunstâncias. (GABEIRA, 2009, p. 13 - 14).

Diversos sentimentos envolvem este momento, com o de perda se destacando. Perda das pessoas que morreram, do país que deixou para trás quando fugiu e de (mais) uma revolução. A historiadora Denise Rollemberg (1999) afirma que para as gerações das manifestações de 1964 e 1968, o exílio significou a derrota de um projeto político e pessoal (ROLLEMBERG, 1999, p. 40). Podemos enxergar isso na escrita de Gabeira, até mesmo na troca de termos entre “resistir” e “fugir”. Ele não mais se reconhece como alguém que, naquele momento, resistiu à ditadura, mas sim como alguém que fugiu dela. O governo ditatorial continuava no poder e a revolução socialista não foi realizada, ou seja, duas lutas perdidas. Mesmo afirmando que era o mais inteligente a fazer, há uma mudança de olhar que constrói uma imagem não heróica sobre esta atitude, trazendo uma visão desanimada por causa da revolução que foi perdida.

Denise Rollemberg também aponta que diversos fatores afetaram a experiência do exílio, além dos traços de caráter e personalidade de cada pessoa, fazendo com que esta fosse diferente para cada um. Estes seriam: status social, recursos pessoais, idade, conhecimento da língua estrangeira, companhia da família, as fases do exílio, o país e pertencer a um partido ou organização política. (ROLLEMBERG, 1999, p. 40 - 41). No caso de Fernando Gabeira, ele ainda não era uma personalidade pública e pertencia a uma família de trabalhadores, mas estava desempregado quando saiu do país, portanto não tinha grandes reservas de dinheiro, o que dificultava a sua situação. Mas era jovem - tinha 29 anos quando partiu, em 1970 - e já havia morado fora do Brasil, mesmo que apenas por dois meses, quando fez intercâmbio no País de Gales. Não tinha companhia da família, mas de amigos sim, sendo alguns deles companheiros de luta.

Portanto, todos estes fatores influenciaram a experiência de Gabeira no período exílio, o qual teve fim no mesmo ano de publicação de *O que é isso, companheiro?* Em dez anos ele esteve exilado em diversos países, como Argélia - o primeiro deles -, Chile, Argentina e Suécia.

---

<sup>52</sup>Referência ao personagem Coronel Aureliano Buendía, do livro Cem Anos de Solidão, de Gabriel Garcia Marquez. Aureliano participou de 32 revoluções e perdeu todas.

Ele inicia o livro falando sobre quando estava exilado em Santiago do Chile, em 1973, e partia para um “exílio dentro do exílio”, pois lá também havia sido dado um golpe militar, que depôs o presidente Salvador Allende e colocou o general Augusto Pinochet no poder.

Este foi um período de mudanças nas relações políticas e econômicas internacionais, em que os Estados Unidos da América buscou um alinhamento dos países latino-americanos com o combate ao comunismo, o que afetou a estabilidade dos regimes constitucionais nestes países e contribuiu para uma conjuntura conturbada, como afirmou o sociólogo e historiador Luis Fernando Ayerbe. (AYERBE, 2004, p. 16). Foi neste contexto em que foi criada uma rede de repressão, um intercâmbio de forças e informações entre os países do Cone Sul<sup>53</sup>, na qual o Brasil estava inserido, conhecida como Operação Condor, que a historiadora Samantha Viz Quadrat (2002) chamou de “Mercosul” do terror. Ela foi revelada em 1992, quando foram descobertos documentos secretos do ditador paraguaio Alfredo Stroessner. Entre eles havia fotos, documentos pessoais de mortos e desaparecidos e documentos oficiais da polícia que permitiram compreender a atuação da repressão paraguaia e comprovar a existência da Operação. (QUADRAT, 2002, p. 168). Enrique Serra Padrós afirmou que ela se tornou sinônimo da mais complexa colaboração regional, de uma coordenação repressiva por excelência e que foi a modalidade de atuação mais clandestina da “guerra suja” promovida pelas ditaduras de Segurança Nacional do Cone Sul entre as décadas de 1960 e 1980. (PADRÓS, 2009, p. 16). Foi no meio desta rede que Gabeira se encontrou quando estava exilado no Chile e vivenciou o golpe de 11 de setembro de 1973, partindo, após isso, para um exílio dentro do exílio.

A constante mudança fez com que a sua forma de pensar sobre o mundo e sobre si também mudasse, como podemos notar na seguinte passagem: “Antes do exílio, eu me perguntava muito o que é que eu seria no futuro. O exílio atualizou brutalmente essa pergunta, de forma que agora, todos os dias, me interrogo sobre quem eu sou.” (GABEIRA, 2009, p. 124). Se ver fora de seu país, se deslocando entre diferentes continentes, entre diferentes línguas, diferentes culturas, diferentes ocupações, diferentes meios sociais, pode fazer com que uma pessoa também se veja mudando entre diferentes formas de se perceber. O uso da palavra “brutalmente” indica que o exílio foi uma experiência difícil, que impactou profundamente a sua forma de pensar. Com isso, Gabeira passou a se questionar sobre sua existência, sua forma de ser no mundo, passou a questionar quem ele era. Podemos notar que

---

<sup>53</sup>Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai.

estes questionamentos não haviam cessado quando ele escreveu este livro, devido ao uso do verbo interrogar no presente - “interrogo” - e ao termo “agora”.

Outro aspecto que podemos perceber na citação anterior é que Gabeira parece despojado da ideia de futuro quando troca a pergunta “o que eu seria” para “quem eu sou”. Novamente, notamos como o tempo marca o texto. Ele já não se questiona o que seria no futuro, ele se questiona sobre quem é no presente. O exílio o levou a pensar sobre si mesmo de forma mais imediata, possivelmente como um meio de enfrentar desafios e adversidades durante esse período.

Fernando Gabeira viveu no exílio até 1979, quando foi promulgada a Lei de Anistia e ele pôde retornar ao Brasil. A Anistia foi central no processo de transição para a democracia. Ela concedeu perdão a todos que cometeram crimes políticos ou conexos<sup>54</sup> com estes no período de 02 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979, sem distinção entre aqueles que perpetraram perseguições políticas e aqueles que sofreram retaliações em consequência destas perseguições, exceto os que foram condenados por terrorismo, assalto, sequestro e atentado pessoal. (BRASIL, 1979). A reciprocidade presente nela abriu a possibilidade de, posteriormente, utilizá-la para impedir a abertura de processos judiciais contra agentes da ditadura que foram responsáveis por sequestros, desaparecimentos, torturas e mortes, mas há de se considerar que ela foi uma demanda popular, mesmo que tivessem projetos em disputa em torno dela, como afirma a historiadora Carla Simone Rodeghero (RODEGHERO, 2014, s./p.).

Mas apesar das complexidades e discussões que a envolvem, foi apenas com a criação desta lei que Fernando Gabeira, que se encontrava exilado, pôde retornar ao Brasil. Portanto, a publicação de *O que é isso, companheiro?* foi possibilitada por este contexto de redemocratização.

Porém, o autor não fala sobre este período. Como foi mencionado no capítulo anterior, o último momento, em uma linha cronológica, apresentado no livro é a mudança do escritor do Chile para a Argentina em setembro de 1973, onde ficou por um curto período, pois o governo do país não lhe concedeu asilo político. Depois disso, Gabeira ainda foi para a Suécia - onde começou a escrever esta obra - e apenas seis anos depois pôde retornar ao Brasil. Sendo assim, através deste livro não é possível saber sobre as percepções do autor acerca do seu retorno para o Brasil.

---

<sup>54</sup>A Lei de Anistia define como crimes conexos os de qualquer natureza relacionados com crimes políticos ou praticados por motivação política. (BRASIL, 1979).

Considerando as questões apresentadas neste capítulo, em termos de um testemunho escrito sobre um passado próximo, *O que é isso, companheiro?* trazia no tempo em que foi publicado uma retomada da posição de Fernando Gabeira na luta contra a ditadura, deixando o papel de guerrilheiro para assumir uma postura democrática. O autor, que havia retornado do exílio recentemente, se apresentava novamente no espaço público, desta vez com novas ideias e opiniões, transformado pelas experiências no cárcere e em outros países. Além disso, trazia denúncias sobre as violações de direitos humanos em prisões brasileiras, cometidas pelo Estado, descrevendo diversas formas de torturas sofridas pelo próprio escritor e por conhecidos seus. Retomando o que Paul Ricoeur (2007) afirmou sobre o testemunho, a testemunha relaciona o passado com o presente, sempre se colocando no próprio texto ou fala e sempre em diálogo com o outro. Foi isto que Gabeira apresentou nesta obra, relacionou os eventos do passado narrados com o presente, com reflexões sobre o que viveu e em diálogo com os seus leitores.

Analisando esta obra hoje, podemos perceber aspectos da memória como: a forma que o autor identifica a si mesmo nos acontecimentos que narra, os diferentes sentimentos atribuídos aos diferentes momentos apresentados, a importância do tempo na narração e a forma como a perspectiva sobre ele influencia a memória, e até mesmo o esquecimento. Além disso, também podemos compreender sobre o cotidiano dos participantes de grupos da luta armada durante a ditadura militar, a vida na clandestinidade estrita, características das prisões neste período, o tratamento aos presos políticos e aspectos do exílio.

No capítulo seguinte, analisaremos a obra *Onde está tudo aquilo agora?*, também escrita por Fernando Gabeira, porém, 33 anos após *O que é isso, companheiro?*. Portanto, iremos refletir e compreender outros aspectos da memória e do testemunho, considerando suas mudanças com o tempo, atendo-nos às diferenças na forma de narrar o mesmo evento, pela mesma pessoa, em momentos distintos.

#### 4. “NÃO PRETENDO CONCLUIR, APENAS FECHAR UM CICLO”

A próxima obra a ser analisada, *Onde está tudo aquilo agora?*, foi publicada mais de três décadas após *O que é isso, companheiro?*. Em seu ano de publicação, 2012, o Brasil já não vivia mais uma ditadura militar. Neste período, seis civis haviam passado pelo cargo de presidente da República desde 1985<sup>55</sup>, sendo que cinco deles foram eleitos por meio de eleições diretas. No ano do lançamento da obra, o Partido dos Trabalhadores (PT) estava em seu terceiro mandato consecutivo, tendo sido os dois primeiros de Luiz Inácio Lula da Silva, um operário e líder sindicalista, e o terceiro de Dilma Rousseff, ex-participante do Comando de Libertação Nacional (COLINA)<sup>56</sup>.

Relatos sobre as violações de direitos humanos durante a ditadura haviam sido divulgados nacional e internacionalmente, como o dossiê publicado em formato de livro *Brasil: Nunca Mais*, de 1985. Outro exemplo mais recente é a novela *Amor e Revolução*, transmitida entre 2011 e 2012 pela emissora SBT, que trazia depoimentos sobre a ditadura ao final de cada episódio, e nos mostra que a memória da ditadura era objeto de diferentes âmbitos da sociedade.

O Estado brasileiro já havia promulgado as primeiras políticas memoriais e de reparação do país em relação à ditadura militar. De acordo com Caroline Silveira Bauer (2015), foi na década de 1990 que ocorreram as primeiras iniciativas estatais de criar políticas de memória sobre o período da ditadura, que começaram a ser desenvolvidas a partir das demandas de familiares de mortos e desaparecidos. (BAUER, 2015, p. 120). A autora entende políticas de memória como

“[...] o conjunto de ações dos estados para garantir processos individuais e coletivos de reparação que estabeleçam quais são os parâmetros éticos e morais que sustentam os regimes democráticos, desta forma combatendo-se todas as violações aos Direitos Humanos cometidas no passado e as que ainda permanecem no presente.” (BAUER, 2015, p. 120).

Uma destas políticas foi a Lei 9.140<sup>57</sup>, também conhecida como Lei dos Mortos e Desaparecidos, aprovada em 1995, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), que reconheceu como mortas

[...] as pessoas que tenham participado, ou tenham sido acusadas de participação, em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 5 de outubro de 1988, e

<sup>55</sup>José Sarney (1985 - 1990); Fernando Collor (1990 - 1992); Itamar Franco (1992 - 1995); Fernando Henrique Cardoso (1995 - 2003); Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2011); Dilma Rousseff (2011 - 2016).

<sup>56</sup>Organização guerrilheira de extrema-esquerda criada em 1967 em Minas Gerais.

<sup>57</sup>Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19140.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19140.htm)>. Acesso em: 20/07/2022.

que, por este motivo, tenham sido detidas por agentes públicos, achando-se, deste então, desaparecidas, sem que delas haja notícias. (BRASIL, 1995).

Em 2002, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), foi criada a Lei n 10.559<sup>58</sup>, que instituiu o Regime do Anistiado Político, compreendendo os seguintes direitos: a declaração da condição de anistiado político; a reparação econômica, de caráter indenizatório, asseguradas a readmissão ou promoção na inatividade; a contagem do tempo em que o anistiado político esteve compelido ao afastamento de suas atividades profissionais, por motivo de punição ou ameaça de punição, por razões políticas, sendo vedada a exigência de recolhimento de quaisquer contribuições previdenciárias; a conclusão do curso a partir do período letivo interrompido para o punido na condição de estudante ou registro do respectivo diploma para os que concluíram curso em instituições de ensino no exterior; e a reintegração dos servidores públicos civis e dos empregados públicos punidos. (BRASIL, 2002). Esta Lei foi um avanço importante em relação aos direitos das pessoas que foram perseguidas por razões políticas no período da ditadura militar. Até então, os indivíduos que haviam perdido seus empregos ou que precisaram abandonar seus estudos não tinham sido reparados pelo Estado. Por mais que ela não mencione questões memoriais, foi um avanço material na vida dos que sofreram com a repressão política do período ditatorial.

Em 2011, através da Lei 12.528<sup>59</sup>, foi criada a Comissão Nacional da Verdade (CNV), que havia sido proposta no terceiro Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), de 2009<sup>60</sup>. Seu objetivo foi reconhecer o terrorismo de estado que ocorreu durante a ditadura militar, apurar fatos sobre dos casos de violações de direitos humanos, prevenir a repetição destas violações e promover a reconciliação nacional com a memória do período.

A CNV está inserida em uma mudança nas políticas de memória que ocorreu não apenas no Brasil, mas em diversos países ao redor do mundo, nas últimas décadas. A respeito desta questão, Berber Bevernage (2013) afirma que

A mudança política substancial relativa a crimes do passado durante as últimas décadas poderia ser descrita como relacionada a uma perda de confiança no funcionamento do tempo ou como um 'decadência temporal', um pacificador automático que traz à tona novas formas de símile-perdão' a longo prazo. (BEVERNAGE, 2013, s./p.).

---

<sup>58</sup>Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110559.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110559.htm). Acesso em: 06/07/2023.

<sup>59</sup>Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112528.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112528.htm). Acesso em: 06/07/2023.

<sup>60</sup>Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm). Acesso em: 06/07/2023.

Ou seja, há uma perda da crença no tempo como um pacificador por si só. No Brasil é possível observar este descrédito através de mobilizações sociais que exigiam outras formas de reparação, como as que levaram à criação da CNV e as que pediam pagamento de indenizações às vítimas da ditadura militar.

Com as grandes catástrofes do século XX - como a Segunda Guerra Mundial, o Apartheid na África do Sul e as ditaduras na América Latina - que deixaram traumas em diversos indivíduos e sociedades, a visão sobre o tempo foi transformada, já que para as vítimas destes eventos o passado se mantém no presente e se repete constantemente em suas vidas. Com isso há uma necessidade social de relembrar e reparar estas catástrofes, ao invés de esquecer-las, seja individual ou coletivamente. A partir desta demanda surgem as comissões da verdade, que existiram em diferentes países, como África do Sul e Argentina, além do próprio Brasil. Bevernage mostra que estas comissões são intersecções entre a história e a jurisdição para realizar uma mediação do passado coletivo. (BEVERNAGE, 2013, s./p.).

Com estas considerações, no Brasil, entre o fim da ditadura em 1985 e o ano de lançamento de *Onde está tudo aquilo agora?*, 2012, houve um avanço nas políticas memoriais e de reparação em relação aos crimes cometidos pelo Estado brasileiro no período do regime militar. De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta (2018), além este ter sido um período de desenvolvimento com viés social, também foi um momento em que

[...] as ações de reparações financeiras e de busca da verdade sobre a violência da ditadura, além de também ter sido mais ousado na abertura de acervos documentais produzidos pelas agências de repressão, apostando mais na transparência. No entanto, continuou-se a evitar a busca por justiça penal e a respeitar o conceito de anistia recíproca, para não confrontar os setores que preferem esquecer os crimes contra os direitos humanos praticados na ditadura. Ainda assim, ações significativas foram empreendidas para investigar os crimes da ditadura e para disponibilizar informações sobre o aparato repressivo. (MOTTA, 2018, s./p.).

Portanto, este foi um tempo de esperança sobre as reparações em relação à ditadura militar e de esperança na democracia no Brasil, em que conquistas pareciam que estavam sendo alcançadas, especialmente após a criação da Comissão Nacional da Verdade.

Assim como na obra anteriormente analisada, *O que é isso, companheiro?*, a influência deste contexto de publicação é perceptível neste livro, como na seguinte passagem,

Quanto às grandes esperanças de democratizar o Brasil, a partir dos anos 1990, obtivemos grandes avanços materiais, e o país é hoje a sexta economia do mundo. Foi um processo de crescimento com distribuição de renda. Mais uma razão de orgulho. (GABEIRA, 2012, p. 192).

Assim podemos perceber que o autor reconhece o desenvolvimento da democracia ocorrido no país até então, ressaltando também o seu crescimento material e a distribuição de renda mais equitativa. Ele apresenta uma visão otimista dos resultados alcançados no Brasil até então. Para Gabeira estas mudanças são motivos de orgulho.

Algo a se considerar sobre este contexto também, é que ao mesmo tempo em que estava escrevendo o livro *Onde está tudo aquilo agora?* Fernando Gabeira abandonou sua carreira político-partidária. O autor encerrou o seu quarto e último mandato como deputado federal em 2011. Porém, não deixou de ter vontade de participar neste cenário de outras formas, como ele afirma logo antes do último trecho apresentado: “Chegara a hora de deixar a cena eleitoral, a política como profissão. Há muitas maneiras de contribuir com o país.” (GABEIRA, 2012, p. 192). Ou seja, este é um momento de mudanças não apenas no Brasil, mas também na vida do escritor. Após uma carreira parlamentar de 17 anos, Gabeira deixou este cenário para se dedicar ao jornalismo. Hoje, com 82 anos de idade, ele escreve para o jornal *Estadão* e apresenta programas no canal *GloboNews*.

Esta mudança foi feita, segundo ele, por causa de uma decepção com a carreira política. Apesar do orgulho sentido em relação às suas conquistas e do país e o avanço da democracia, Gabeira se mostra infeliz com este meio no qual esteve inserido por anos. Logo após falar sobre suas razões de orgulho, ele questiona: “Como explicar então essa sensação de vazio que a política me transmitiu nos últimos anos de atuação?” E diz que “Se alguém me perguntar se eu faria tudo de novo, eu responderia que não. Tenho pavor de cometer os mesmos erros. É hora de renová-los.” (GABEIRA, 2012, p. 192). Ele diz, ao longo do livro *Onde Está Tudo Aquilo Agora?*, que as promessas em relação a uma transformação do Brasil não eram cumpridas, que não havia sensibilidade sobre o meio ambiente e sobre as mudanças no comportamento político do país e reclama dos casos de corrupção ocorridos nos governos pós-1985, como o Mensalão<sup>61</sup>. Estes motivos o levaram a abandonar a carreira parlamentar, a voltar a se dedicar exclusivamente ao jornalismo e a escrever este livro, que é uma espécie de revisão de sua vida na política.

A seguir, neste capítulo, iremos explorar os mesmos eixos abordados no capítulo anterior. Desta forma, será possível fazer uma comparação entre as duas obras analisadas, para assim compreender como a memória de Gabeira em relação à ditadura militar se

---

<sup>61</sup>Escândalo de compra de votos para projetos na Câmara dos Deputados, que envolveu membros de dez partidos brasileiros. Sua divulgação ocorreu em 2005 e gerou uma crise no governo do Presidente Lula. O nome faz uma referência a uma suposta mesada que alguns deputados recebiam para votar favoravelmente em projetos.

transformou com o passar do tempo e, em consequência disto, como o seu testemunho sobre este período também se alterou.

#### 4.1. “TINHA UMA IDEIA NA CABEÇA: A REVOLUÇÃO”<sup>62</sup>

Em *Onde está tudo aquilo agora?*, o primeiro evento da ditadura militar apresentado é o seu golpe inaugural, em 1964. Este é um ponto mais explorado nesta obra do que foi em *O que é isso, companheiro?* Fernando Gabeira afirma que “O golpe de Estado foi um soco que me atirou contra as cordas. Mas eu tinha 23 anos e muita coisa pela frente.” (GABEIRA, 2010, p. 43). Porém, a consciência de ter “muita coisa pela frente” foi desenvolvida posteriormente. Em 2012, o autor já sabia sobre o que viveu após 1964, mas naquele momento ainda não sabia o que teria para viver em seu futuro presente. Como proposto por Reinhart Koselleck (2014) em seus estudos sobre os estratos do tempo, o futuro presente é uma combinação possível entre as três dimensões temporais existentes - presente, passado e futuro -. (KOSELLECK, 2014, p. 232). Neste caso, o futuro presente corresponde aos desdobramentos futuros ao golpe. Ou seja, é o que após o golpe se tornou o presente de Gabeira. Sobre isto ele só teve conhecimento depois, portanto esta é a sua percepção no momento da escrita.

O escritor conta que naquele momento, seu círculo social era composto por artistas e boêmios, com quem frequentava bares em Ipanema.

Envolvido com literatura e boemia, não acompanhei a preparação e o desfecho do golpe com um olhar atento em todos os elos da cadeia. Não posso descrevê-lo na memória com uma sequência que levaria ao desenlace dramático. Um pouco deprimido com o golpe que os militares chamavam de revolução, não percebia que era a minha vida que iria se revolucionar. (GABEIRA, 2012, p. 42).

Ele aponta uma certa desatenção ao golpe que não menciona em *O que é isso, companheiro?* Em 1979, Gabeira estava reconstruindo a sua imagem como participante ativo da resistência contra a ditadura, buscando desconstruir a figura de guerrilheiro, mas ainda tentando se manter na cena pública como um combatente ao regime. Sendo assim, esta falta de um “olhar atento” não poderia ser mostrada naquele momento.

Quando ele fala que sua vida iria se revolucionar, ele está se referindo a todas as mudanças que ocorreram em sua vida durante a ditadura militar. O uso do termo

---

<sup>62</sup>Fragmento do seguinte trecho em que Gabeira fala sobre suas motivações políticas no momento de seu retorno ao Brasil do intercâmbio realizado no País de Gales: “De volta ao Brasil, depois de dois meses, em 1966, tinha uma ideia na cabeça: a revolução.” (GABEIRA, 2012, p. 47).

“revolucionar” pressupõe que a vida teria seu curso “normal” e que os eventos impostos pela ditadura causaram uma ruptura. Uma revolução. Reinhart Koselleck (2006), no estudo semântico que fez sobre o conceito, em *Futuro Passado*, afirmou que “Revolução alude muito mais a desordem, golpe ou guerra civil, assim como a uma transformação de longo prazo, ou seja, a eventos e estruturas que atingem profundamente o nosso cotidiano.” (KOSELLECK, 2006, p. 61). Portanto, com a escolha do uso deste termo, Gabeira também escolhe evidenciar que as mudanças em sua vida ocorreram de forma brusca, desordenada, como um golpe, bem como o atingiram de forma profunda e a longo prazo.

Como mencionado no capítulo anterior, em 1968 Fernando Gabeira entrou no grupo guerrilheiro Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Alguns anos antes, em 1966, quando fez um curso de jornalismo em Gales, ele havia começado a se interessar por questões relacionadas a revoluções socialistas. Já possuía interesse no existencialismo francês, mas o contato com um colega da Etiópia com quem conversava frequentemente sobre política, especialmente golpes e revoluções, o tornou mais curioso sobre o assunto e fez com que se atraísse mais pela esquerda política radical. O autor afirma que

De volta ao Brasil, depois de dois meses, em 1966, tinha uma ideia na cabeça: a revolução. O existencialismo me ajudou a chegar a essa ideia, mas eu era incapaz de dizer que tipo de revolta era adequada. Anti-imperialista, socialista, por um governo de libertação nacional ou por um governo dos trabalhadores? Era preciso pedir socorro ao marxismo, e o que eu havia disponível para responder a essa pergunta era o livro de Caio Prado Jr., *Formação do Brasil Contemporâneo*. (GABEIRA, 2012, p. 47).

Gabeira afirma que além das referências intelectuais, a luta dos estudantes também o atraía. Ele gostava do afastamento que tinham do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que apresentavam “outro horizonte naquela mistura de tendências”. (GABEIRA, 2012, p. 48). Além disso, ele indica a sua proximidade geográfica com o grupo como um fator de influência. Marcelo Ridenti (1993) mostra como os diferentes grupos da esquerda política formavam uma “constelação” na década de 1960. O golpe de 64 afetou profundamente estas organizações, por ter sido uma espécie de derrota para elas. O historiador afirma que

Paralelamente, eclodia uma contestação internacional ao modelo tradicional de atuação e à organização das esquerdas, que não se revelavam capazes de dar conta das contradições das sociedades de classes contemporâneas, sequer aparentemente, num processo que culminou com manifestações libertárias em todo o mundo no ano de 1968. Nesse clima de contestação nacional e internacional, com o fracasso das esquerdas brasileiras em 1964, ocorreram sangrias orgânicas irreparáveis nos partidos e movimentos clandestinos atuantes, sobretudo no PCB, principal força das fileiras derrotadas. (RIDENTI, 1993, p. 28).

Esta ampla gama de grupos e visões políticas dentro da esquerda brasileira é apresentada em *O que é isso, companheiro?*, porém, estes fatores de identificação de Gabeira com o MR-8 não foram apresentados. O autor parecia apresentar uma perspectiva mais crítica ao grupo em 1979. Após 33 anos de mudanças pessoais e na política brasileira, a escrita se tornou mais apaziguadora em relação ao assunto. Isto não significa que o autor passou a ser elogioso à organização, mas que refletir publicamente sobre a sua identificação inicial com ela havia se tornado possível. O historiador e sociólogo Michael Pollak (1989) afirma que

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. (POLLAK, 1989, p. 8).

Portanto, a mudança na conjuntura, tornou-a mais favorável para estes aspectos da memória de Gabeira virem à tona.

Retomando a afirmação de Marcelo Ridenti (1993), o ano de 1968, foi marcante nas esquerdas políticas ao redor do mundo. No capítulo anterior, vimos que Fernando Gabeira aborda este ano com atenção em *O que é isso, companheiro?* Em *Onde está tudo aquilo agora?* ele também narra eventos desse ano, porém não se atém muito a isso. Apenas uma página é dedicada às passeatas de 68, que ele descreve como havendo “Uma euforia, olhares cúmplices, além de papéis e objetos mais pesados que caíam de alguns prédios nos ombros dos policiais.” (GABEIRA, 2012, p. 49). O autor se reconhece como um agente da história neste momento: “Então a história era aquilo? Nós, que a perseguíamos nos relatos amarelos do arquivo, nos episódios oficiais do cotidiano, a víamos chegando à nossa porta, com gritos, pancadas e algumas gotas de sangue.” (GABEIRA, 2012, p. 49). Com isso, ele evidencia estes protestos como algo marcante não apenas em sua esfera individual, mas de forma mais ampla, de forma coletiva. Ele coloca as passeatas como um marco da história, a qual teria “chegado” para seus participantes. Além disso, continua indicando a violência destes eventos, algo que, como vimos no capítulo anterior, também foi feito em *O que é isso, companheiro?* Neste caso, quando ele fala de “gritos”, “pancadas” e “gotas de sangue”, ele escolhe evidenciar este lado das marchas.

Os protestos, especialmente a Passeata dos Cem Mil, acirraram ainda mais a tensão entre os grupos divergentes na ditadura militar. O governo se sentia ameaçado (SANTOS; SILVA, 2018, s./p.). Em dezembro deste mesmo ano, ocorreu a promulgação do AI-5. Fernando Gabeira diz que

Vivíamos uma realidade à parte. Em nossas análises, encerrava-se o período de luta política. Chegara a hora da luta armada. As pessoas estavam indiferentes nas vésperas do Natal. Também elas viviam uma realidade à parte, e a melhor forma de arrebatá-las seria o exemplo. Ações armadas, inicialmente feitas por nós, iriam se multiplicar no país. (GABEIRA, 2012, p. 53).

Olhando para a luta armada mais de 30 anos depois, Gabeira percebe um deslocamento entre as realidades que viviam o grupo político no qual estava inserido e aqueles que não faziam parte de nenhuma organização política.

A luta armada já era realizada no Brasil antes do AI-5, porém, com a promulgação deste Ato Institucional e o aumento da repressão gerado por ele, fez crescer o pensamento de que se mudaria o país apenas através da radicalização política. Assim, os grupos armados já existentes intensificaram as suas ações e outros grupos que não haviam adotado a luta armada passaram a adotá-la, como foi o caso do MR-8. (FARIAS, 2019, p. 29).

Foi com a entrada na guerrilha que Fernando Gabeira entrou também na clandestinidade. Com isso, precisou mudar de nome e de casa.

A primeira camada de romantismo da opção revolucionária é despojar-se do nome, da própria casa, tornar-se outra pessoa para os desconhecidos. [...] no fundo, era uma tentativa de nascer de novo, de livrar-se de todas as contingências do passado. [...] Minha experiência tinha um ardor religioso. O batismo com novo nome era apenas o começo. Novos valores iriam compor meu universo, uma nova fraternidade se instalaria nas relações com os companheiros de luta e simpatizantes que se arriscavam para nos proteger. Mas ainda assim era preciso redefinir quem eu era. O modelo era o homem de rua, de preferência o trabalhador. Era preciso não chamar atenção, desaparecer na massa de assalariados que entravam e saíam dos trens. (GABEIRA, 2012, p. 54).

Ele afirma que esta escolha foi guiada por seus sentimentos, por um romantismo que envolvia uma mudança radical. Se tratava de se tornar outra pessoa, ao menos publicamente. Se tratava de assumir uma nova imagem. Este trecho destaca a busca por uma transformação individual e coletiva, a adoção de novos valores e de uma nova vida, bem como a importância da adaptação em processos políticos de resistência durante a ditadura militar.

Marcelo Ridenti (2001) mostra que neste período alguns grupos de esquerda possuíam uma idealização de um “homem novo”, nos termos de Marx e Che Guevara, mas que

[...] o modelo para esse *homem novo* estava no passado, na idealização de um autêntico homem do povo, com raízes rurais, do interior, do ‘coração do Brasil’, supostamente não contaminado pela modernidade urbana capitalista, o que permitiria uma alternativa de modernização que não implicasse a desumanização, o consumismo, o império do fetichismo da mercadoria e do dinheiro. [...] Essa versão brasileira não se dissociava de traços do romantismo revolucionário da época em escala internacional: a liberação sexual, o desejo de renovação, a fusão entre vida pública e privada, a ânsia de viver o momento, a fruição da vida boêmia, a aposta na ação em detrimento da teoria, os padrões irregulares de trabalho e a relativa pobreza, típicas da juventude de esquerda na época, são características que marcaram os

movimentos sociais nos anos 60 em todo o mundo, fazendo lembrar a velha tradição romântica. (RIDENTI, 2001, p. 13).

Era este o ideal que guiava Gabeira neste momento sobre o qual ele fala na citação anterior. Era um modelo de “homem de rua”, baseado em um suposto homem do povo autêntico, que representaria o Brasil, também com inspirações em um estereótipo de revolucionário, com base nos soviéticos e cubanos. De igual maneira, havia um certo romantismo envolvido, ligado com tendências internacionais da época, como a boemia, a liberação sexual e o próprio desejo de renovação, que o autor destaca em sua escrita.

Em *Onde está tudo aquilo agora?*, Fernando Gabeira passa a repensar sua atuação na luta armada e suas opiniões políticas, como na seguinte passagem, em que ele critica até mesmo Jean Paul Sartre, pensador do movimento que deu origem aos seus pensamentos ligados à esquerda, o existencialismo:

Não acreditava na máxima sartriana do intelectual que precisa sujar as mãos para realizar seus objetivos políticos. Tomada ao pé de letra, era apenas uma tradução existencial do lema leninista: os fins justificam os meios. Não havia objetivos revolucionários grandiosos. O século XX já tinha revelado a carnificina que uma concepção desse tipo pode deixar atrás de si. Entre a rejeição dessa tese de Lênin e uma ingenuidade patética no mundo real havia um estreito caminho. (GABEIRA, 2012, p. 146)

Podemos perceber uma revisão sobre sua atuação durante a ditadura, já que ele, que participou de um sequestro neste período, agora não acredita que seja necessário “sujar as mãos” para atingir objetivos. No capítulo anterior, vimos que em *O que é isso, companheiro?* ele já havia iniciado esta reformulação. Após 33 anos, estes pensamentos se desenvolveram e ele se afastou ainda mais dos ideais pelos quais lutou na década de 1960.

O sequestro do embaixador Charles Burke Elbrick, citado anteriormente, é um marco central em sua vida e em seus testemunhos, sendo também uma questão sobre a qual o pensamento de Fernando Gabeira mudou desde sua realização até 2012. É sobre este acontecimento e as mudanças e permanências sobre ele na narrativa do ex-guerrilheiro que iremos falar a seguir.

#### 4.2. “OS LENÇÓIS DE AGORA TINHAM O LINHO DA HISTÓRIA”<sup>63</sup>

Como vimos no capítulo anterior, em *O que é isso, companheiro?* Gabeira afirmou não se lembrar de quase nada do dia do sequestro. Em *Onde está tudo aquilo agora?*, ele não

---

<sup>63</sup>(GABEIRA, 2012, p.69). Trecho em que Gabeira fala sobre a gravidade do sequestro do Embaixador norte-americano.

menciona se rememorou algo com o passar do tempo, mas não apresenta informações diferentes das do livro anterior. Nesta obra, ele traz mais reflexões sobre o ato do que uma narração sobre o que ocorreu.

Fernando Gabeira continuou vendo o sequestro como um ponto de virada em sua vida.

Com o fim da ação, minha vida seria marcada por ela. Meu pai sempre dizia, ao me ver em situações difíceis: ‘Você se meteu em maus lençóis’. Mas isso era uma referência aos problemas do cotidiano. Os lençóis de agora tinham o linho da história, o cheiro da vitória contra a ditadura militar e o imperialismo norte-americano, a Babilônia, como era chamado pelos Black Panthers. (GABEIRA, 2012, p. 69).

O autor vê este acontecimento não apenas como algo marcante em sua vida, mas na história mundial, pois diz que “os lençóis de agora tinham o linho da história”, assim como tinham “o cheiro da vitória contra a ditadura militar e o imperialismo norte-americano”, portanto era um marco na história do Brasil e dos Estados Unidos, em sua visão. Porém, ele parece ironizar este ponto de vista em 2012. Por mais que continue considerando o sequestro como algo marcante em sua vida, sua revisão de seu pensamento político faz com que ele já não o enxergue mais como uma vitória sobre o imperialismo dos Estados Unidos. Gabeira vê sua ideologia da época como algo ingênuo. “O marxismo, em princípio, era o instrumento de análise. Mas o que dava base àquela luta armada era uma interpretação bem livre dos fundamentos da doutrina. Na verdade, nenhum de nós conhecia o marxismo a fundo.” (GABEIRA, 2012, p. 63). Portanto, sua percepção em 2012 era de que esta ação, por mais que tenha sido exitosa, foi guiada por uma base teórica sem profundidade.

As vivências do presente alteravam, em certa medida, os sentidos que Gabeira atribui a suas ações no passado. Como afirmou Enzo Traverso (2007), em seu texto “*Historia y memoria. Notas sobre un debate*”,

Dado que se apoya en la experiencia vivida, la memoria es eminentemente *subjetiva*. Ella queda anclada a los hechos a los que hemos asistido, de los que hemos sido testigos, incluso actores, y a las impresiones que ellos han grabado en nosotros. [...] No es sólo el tiempo lo que erosiona y debilita el recuerdo. La memoria es una construcción, está siempre ‘filtrada’ por los conocimientos posteriormente adquiridos, por la reflexión que sigue al acontecimiento, o por otras experiencias que se superponen a la primera y modifican el recuerdo. (TRAVERSO, 2007, p. 73).<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup>Tradução livre: Dado que se apoia na experiência vivida, a memória é eminentemente subjetiva. Ela fica ancorada aos feitos aos quais assistimos, dos que fomos testemunhas, inclusive atuantes, e às impressões que eles tenham gravado em nós. [...] Não é apenas o tempo que corrói e debilita a recordação. A memória é uma construção, está sempre “filtrada” pelos acontecimentos posteriormente adquiridos, pela reflexão que segue ao acontecimento, ou por outras experiências que se sobrepõem à primeira e modificam a lembrança.

Portanto, devido às experiências vividas ao longo do tempo que se passou entre a escrita de *O que é isso, companheiro?* e *Onde está tudo aquilo agora?*, além da própria passagem do tempo, o autor apresenta no segundo livro, uma memória ressignificada em relação ao primeiro.

Como mencionado anteriormente, em *O que é isso, companheiro?*, Fernando Gabeira aborda a transformação de sua percepção sobre Charles Burke Elbrick. Uma das semelhanças entre os dois livros é a reflexão sobre a inicial desumanização que os integrantes do MR-8 fazia sobre o embaixador e como essa imagem mudou ao longo da convivência com ele. Em *Onde está tudo aquilo agora?*, o autor também relata este processo: “Com o tempo, a pessoa do embaixador, com sua voz, suas ideias, suas idas e vindas ao banheiro, seus cochilos, ia se impondo ao símbolo.” (GABEIRA, 2012, p. 63). Como vimos no capítulo anterior, esta é uma percepção que o autor já tinha quando escreveu *O que é isso, companheiro?*, o que demonstra uma aproximação entre sua memória e sua visão de 1979 e de 2012. Esta convergência entre as obras enfatiza não apenas a humanização de Elbrick, mas também uma permanência da perspectiva do autor ao longo do tempo.

O sequestro do embaixador dos Estados Unidos foi um acontecimento que marcou a vida de Gabeira de diversas formas. Por causa dele, o ex-guerrilheiro entrou na clandestinidade restrita, foi preso, exilado e ficou conhecido publicamente como um terrorista. A partir deste momento, sua vida foi transformada.

Como nossos nomes nos jornais e em cartazes espalhados pelo país inteiro, minha clandestinidade mudava de rumo.  
 Não era mais um faz de conta. Estava queimado e o diagnóstico não poderia ser outro: geladeira. Isso queria dizer permanecer numa casa e não sair para nada, até que a O. reunisse condições para me recolocar na rua. Estar na geladeira significava dependência extrema. Não só se ficava privado de notícias, como se perdia a autonomia, numa dependência física da pessoa encarregada de nos abrigar. (GABEIRA, 2012, p. 69).

Este trecho narra a difícil realidade vivida por Fernando Gabeira após o sequestro, o que o deixou com um impacto que o acompanhou durante um longo tempo, algo que percebemos por ele continuar escrevendo sobre isto em 2012, quando já haviam se passado mais de 40 anos da ação.

A clandestinidade era uma tentativa de sobrevivência de militantes políticos. Como afirmaram Maria Paula Araujo, Izabel Pimentel da Silva e Desirree dos Reis Santos (2013), “Ao ingressar em uma organização de esquerda armada e/ou ao tornar-se clandestino, o militante rompia de forma radical com toda sua vida anterior. [...] Em muitos sentidos, cair na clandestinidade significava tornar-se um exilado dentro de seu próprio país.” (ARAUJO;

SILVA; SANTOS, 2013, p. 23 - 14). Portanto, Gabeira passou primeiro pela ruptura do ingresso em uma organização armada de esquerda e depois pela ruptura da clandestinidade. Foram duas experiências que envolviam um refazer-se. Estas vivências o marcaram por décadas, continuando perceptíveis em *Onde está tudo aquilo agora?*

Como afirmou Mozart Lacerda Filho (ano),

As motivações que fizeram com que um grande número de militantes de esquerda aderissem à vida clandestina eram, de um modo geral, vinculadas à tentativa de derrubar o governo dos militares e fugir das perseguições impostas pelos órgãos de repressão.” (LACERDA FILHO, ano, p. 112).

Foram estas duas motivações apontadas por Lacerda Filho que levaram Gabeira e os outros participantes do sequestro a entrar na clandestinidade restrita. Eles buscavam se proteger do encarceramento, manter a integridade física e aguardar até que conseguissem voltar a atuar na luta armada, como indicado pelo ex-guerrilheiro no último trecho citado de *Onde está tudo aquilo agora?*

Fernando Gabeira diz não ter feito muitas reflexões sobre o período da clandestinidade desde a publicação de *O que é isso, companheiro?* Ele afirma que

A clandestinidade foi um período curto que tentei descrever no livro *O que é isso, companheiro?*, cuja primeira edição é de 1979. No entanto, nunca fiz um esforço real para entender aqueles quatro meses. Era como se esse tempo vivido tivesse se instalado numa dimensão da memória que doía a cada tentativa minha de exercitá-la, como se ela fosse um músculo distendido. (GABEIRA, 2012, p. 54).

Percebemos que além de marcante, este foi um período que causou e deixou dores em Gabeira. Ele faz uma comparação do tempo em que viveu na clandestinidade com um músculo distendido, mostrando que este é um assunto doloroso de ser lembrado, que lhe causa um desconforto. Por este motivo, mesmo após décadas, pensar, falar e escrever sobre ele é um desafio que o autor busca evitar. Porém, mesmo com esta dificuldade, neste trecho podemos perceber que a memória de Gabeira sobre a experiência da clandestinidade possui uma profundidade e uma presença contínua em sua vida. Está presente uma tensão entre o desejo de compartilhar suas lembranças com os leitores e a relutância em pensar sobre esta memória dolorosa.

Neste período de clandestinidade estrita, Fernando Gabeira foi enviado pelo MR-8 para São Paulo, por estar sendo procurado pela polícia do Rio de Janeiro, como ele afirma no seguinte trecho: “Procurado pela polícia, iria para São Paulo com a missão de formar metalúrgicos para se integrarem à O.” (GABEIRA, 2012, p. 71). Na capital paulista, Gabeira foi preso, o que deu início a um novo período de sua vida, o do cárcere.

#### 4.3. “COMEÇAVA ALI UM NOVO CAPÍTULO”<sup>65</sup>

Em *Onde está tudo aquilo agora?*, Fernando Gabeira dedica um capítulo de 13 páginas para o período em que esteve encarcerado, tendo uma atenção menor a este tema em relação ao livro analisado anteriormente. O autor começa o sexto capítulo da obra afirmando que

O momento da prisão talvez tenha sido, até hoje, minha experiência mais próxima da morte. [...] Era como se a prisão fosse a morte, e o trajeto o tempo disponível de vida. O único consolo no ponto final era a esperança de encontrar outros presos e falar, incessantemente. (GABEIRA, 2019, p. 72 - 74).

Assim podemos perceber com esta diminuição na centralidade do assunto, a importância que Gabeira atribui a ele continua.

Janaina de Almeida Teles (2011), em sua tese de doutorado intitulada *Memórias dos cárceres da ditadura: os testemunhos e as lutas dos presos políticos no Brasil*, mostra que diversos presos políticos da ditadura militar brasileira passaram - e ainda passam - por traumas em relação à prisão e possuem dificuldade em falar sobre isso. Ela também enfatiza que a repressão e suas técnicas de indução do sofrimento deixou efeitos sobre a subjetivização da vítima. (TELES, 2011, p. 161). Considerando isto, podemos notar estes efeitos na escrita de Gabeira, que, mesmo após mais de três décadas, continuou se referindo ao período na prisão como um período associado à morte.

Nesta obra, assim como em *O que é isso, companheiro?*, Gabeira discorre sobre as transferências entre diferentes centros prisionais, apresentando características em comum e destoantes entre eles. Com isto, podemos perceber que estas transferências e estes centros se mantiveram vivos em sua memória, considerando que após 33 anos, ele os descreveu de forma semelhante e, além disso, escolheu escrever sobre eles e manter estes trechos que escreveu em seu livro.

Fernando Gabeira também fala neste livro sobre o período em que esteve no hospital, antes de ser encaminhado para o presídio, por ter sido baleado enquanto tentava fugir da polícia. Como vimos no capítulo anterior, este período também foi narrado pelo autor em *O que é isso, companheiro?* No livro mais recente, ele afirma que “Daquele hospital me lembro pouco, momentos de sono e vigília, entrecortados de interrogatórios, trocas de guarda. E me lembro da minha vulnerabilidade.” (GABEIRA, 2012, p. 73). É possível que com o passar do

---

<sup>65</sup>(GABEIRA, 2012, p. 71). Trecho em que Gabeira fala sobre o momento em que foi preso, afirmando que este foi um novo capítulo em sua vida.

tempo, a sua memória sobre o hospital tenha desvanecido, mas a situação vulnerável em que estava, permaneceu como traço dominante em suas lembranças. Na obra de 1979, o autor também escreveu sobre isto, descrevendo as diversas violências que sofreu estando ainda hospitalizado. Portanto, o desconforto e dor em relação a este período se mantiveram na narrativa.

Além de percebermos a dor e o horror que Fernando Gabeira relaciona à prisão, também podemos notar a alegria relacionada à libertação: “A cena da saída foi tão bonita que temi não viver outra assim.” Este foi o momento da realização do desejo de liberdade, momento que ficou marcado na memória do autor e que ele escolheu também dar destaque, como uma forma de contrastar com o sofrimento da prisão.

Naquele instante, a imagem que nos veio à cabeça foi a de uma roda se movendo, a roda da história. Em dias monótonos, na cadeia, eu pensava que ela custava a se pôr em movimento. Mas agora, num simples impulso, ela nos lançava longe. (GABEIRA, 2012, p. 85).

Gabeira constrói um contraste entre a prisão e o momento da libertação, associando o primeiro a sofrimento e estagnação, e o segundo a alegria, beleza e movimento. Porém, junto com o encerramento do período do cárcere, teve início outra fase de sua vida: o exílio.

#### 4.4. “UM MERGULHO GRADUAL EM OUTROS MUNDOS”<sup>66</sup>

“E essa experiência de certo modo me dizia o quanto eu estava ligado ao Brasil e como na alegria da liberdade do desterro já se insinuava, despercebido, outro desejo maior: o da volta. Fomos banidos do Brasil.” (GABEIRA, 2012, p. 85). Fernando Gabeira foi libertado da prisão em troca do embaixador alemão Von Holleben. Com isso, foi banido do Brasil. O banimento foi instituído como pena no Brasil através do Ato Institucional nº 13<sup>67</sup>, de 5 de setembro de 1969. Esta medida deu competência ao Poder Executivo, mediante proposta dos Ministros de Estado da Justiça, da Marinha de Guerra, do Exército ou da Aeronáutica Militar, de banir do território nacional o brasileiro que, comprovadamente, houvesse se tornado inconveniente, nocivo ou perigoso à segurança nacional. (BRASIL, 1969). Esta forma de pena foi aplicada apenas em dois momentos no Brasil: no início da República, quando a antiga

---

<sup>66</sup>Fragmento do seguinte trecho em que Fernando Gabeira reflete sobre o exílio: O exílio sempre foi associado ao inferno. No texto de Henrich Heine, Dante atravessa Verona e o povo o aponta, dizendo: “Ele está no inferno”. Era impossível, no início, experimentar essa sensação de tormento descrita pelo poeta. Era a felicidade naquele momento. E havia a esperança de voltar logo ao Brasil. O exílio foi um mergulho gradual em outros mundos, dentro e fora de mim. (GABEIRA, 2012, p. 85).

<sup>67</sup>Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-13-69.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-13-69.htm). Acesso em: 16/08/2023.

família imperial foi banida do território brasileiro, e na ditadura militar iniciada, enquanto o AI-13 esteve em vigor (1969 - 1978). Durante este último período, se percebeu o ápice da instrumentalização política das formas jurídicas. (SONTAG; FERREIRA; JACOB, 2017, 213).

Teve início, então, o período de um exílio forçado na vida de Fernando Gabeira. Enquanto em *O que é isso, companheiro?* o autor apresenta uma visão pessimista e insegura e uma perspectiva de futuro enfraquecida, em *Onde está tudo aquilo agora?* ele relembra este período como algo permeado por esperanças, repleto de possibilidades e, especialmente, como o seu momento de retorno à liberdade.

Era a felicidade naquele momento. E havia esperança de voltar logo ao Brasil. O exílio foi um mergulho gradual em outros mundos, dentro e fora de mim. Cadeia, governo militar, tortura - tudo isso ficava para trás. Despertei em Argel num jardim em que os pássaros cantavam, dormi numa cama limpa e fui tomar café da manhã no refeitório da colônia de férias onde nos instalaram em Ben Aknoun. (GABEIRA, 2012, p. 85).

Esta mudança na forma de narrar o mesmo tema tem relação com a passagem do tempo e as transformações que Gabeira viveu. Como ele afirma na obra publicada em 2012: “As mudanças foram maiores e mais profundas na minha vida pessoal. A experiência que eu vivia era equivalente, guardadas as proporções, à de um sacerdote que deixa o convento e descobre não só o mundo exterior como suas próprias possibilidades.” (GABEIRA, 2012, p. 112). Quando a obra publicada em 1979 começou a ser escrita, o autor ainda não sabia quando retornaria ao Brasil e, nem mesmo, se retornaria. Como foi dito no capítulo anterior, no livro *O que é isso, companheiro?* Gabeira fala sobre o seu exílio apenas até a sua mudança do Chile para a Argentina, em setembro de 1973, sendo este o último momento, em uma linha cronológica, apresentado na obra. Depois, o autor foi para a Suécia, onde começou a escrever a obra supracitada, fato que o autor menciona em *Onde está tudo aquilo agora?*: “Ao chegar à Suécia, animado com a publicação da entrevista<sup>68</sup>, comecei a escrever *O que é isso, companheiro?*, contando algumas histórias da resistência à ditadura militar.” (GABEIRA, 2012, p. 114). Já em *Onde está tudo aquilo agora?*, ele já havia retornado ao Brasil, vivido em um governo democrático durante 27 anos e atuado legalmente na carreira política, da qual estava se aposentando no momento de publicação do livro. Portanto, as incertezas em relação ao exílio já haviam sido superadas.

---

<sup>68</sup>Entrevista concedida por Fernando Gabeira ao jornal Pasquim em 1978, em Paris. Em 1979, foi publicada como livro, intitulado *Carta sobre a Anistia: A entrevista do Pasquim; Conversação sobre 1968*. É possível acessá-la através da Biblioteca Brasil Nunca Mais, no seguinte link: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=bibliotbnm&pagfis=14451>. Acesso em: 16/08/2023.

A própria escrita e publicação de seu primeiro livro, tratando, primeiro individualmente e depois publicamente, sobre o que viveu no Brasil durante a ditadura militar, contribuiu para a mudança desta percepção, com o desenvolvimento das reflexões do escritor sobre estas vivências. Ao falar sobre como o trauma se manifesta nos testemunhos de catástrofes, Márcio Seligmann-Silva (2008) afirma que

A linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados. Conquistar esta nova dimensão equivale a conseguir sair da posição do sobrevivente para voltar à vida. Significa ir da sobre-vida à vida. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69).

Portanto, considerando a importância de escrever uma narrativa sobre o vivido, podemos perceber que este processo de construção de uma narrativa sobre o que viveu na ditadura também contribuiu para esta ruptura na vida e no pensamento de Gabeira. O exílio representou uma oportunidade de reflexão e redefinição das perspectivas do autor, bem como a escrita.

Seus ideais também mudaram com o passar do tempo. No livro analisado anteriormente, isto começa a ser perceptível, mas agora já se mostra mais desenvolvido na escrita de Fernando Gabeira. Nos capítulos em que escreve sobre o exílio, esta transformação de seu pensamento político fica evidente quando fala sobre Cuba, país onde viveu durante alguns meses após viver na Argélia. Ele conta que

Cuba nos abrigou, nos alimentou em meio a grandes crises internas de abastecimento, transmitiu seus ensinamentos revolucionários e nos ajudou a sair de lá. Sua generosidade merecia gratidão eterna. No entanto, a história não parou naquele momento em que embarcamos no avião da Aeroflot com seu singular cheiro de plástico.

Sacudida por uma revolução, Havana não era mais o lugar que aparece nas biografias de Ernest Hemingway, com seus bares, cafés e hotéis. A moral revolucionária varrerá muitos dos seus pecados, agora chamados desvios burgueses. [...] Com a prisão de 75 intelectuais de oposição, em 2003, minha discordância com do governo cubano chegou ao ponto máximo. Eu já havia rompido com a nostalgia romântica que a esquerda brasileira dedicava e dedica à Revolução Cubana. Faltava ser mais claro ainda. (GABEIRA, 2012, p. 93 - 94).

Gabeira havia se deslocado das ideias radicais socialistas que o levaram a entrar no Movimento Revolucionário 8 de Outubro e a participar do sequestro de Charles Burke Elbrick. Cuba, país que antes admirava por razão da revolução lá realizada, passou a ser, para ele, uma decepção, devido às denúncias contra o governo cubano de repressão de liberdades individuais. Mesmo que o autor se mostre grato ao país por tê-lo abrigado, já não compactua mais com os seus ideais políticos. Esta desilusão não se restringe à Cuba, mas se estende à própria ideia e ao almejo de uma revolução socialista.

Sem que me desse conta, estava se iniciando uma grande transformação na minha vida. Não posso precisar sua gênese nem estabelecer uma rigorosa cronologia. O golpe de Estado no Chile parecia o fim de uma era. Completava, à sua maneira, o fracasso brasileiro em aprofundar uma democracia, rumo ao socialismo. Se fosse apenas isso, não era exatamente uma novidade. Eu já duvidava daquilo que apresentávamos como uma alternativa ao reformismo radical: a luta armada. Outros fundamentos tremiam sob meus pés - o papel revolucionário da classe operária, por exemplo. (GABEIRA, 2012, p. 108).

Esta é uma característica que já se apresentava em *O que é isso, companheiro?* e que permaneceu em *Onde está tudo aquilo agora?* Como vimos no capítulo anterior, Gabeira dizia ter perdido muitas revoluções e se demonstrava descrente da luta armada. Agora, mostra mais confiança em sua negação ao socialismo revolucionário. Tendo passado por quatro mandatos parlamentares, como deputado federal, o escritor estava mais próximo da política institucional e democrática. Além disso, enquanto estava exilado, teve contato com ideias que antes desconhecia, como discussões sobre corpo e gênero e os partidos verdes. Sobre o primeiro deles, ele afirma:

Eu não imaginava que fosse surgir uma revolução através da política do corpo, não poderia supor o desfecho. Estava apenas tratando de liberdade individual, depois de um longo período em que a disciplina política reprimira muitos de nossos anseios. Na superfície, a polêmica era sobre meu comportamento. Como, depois de participar do sequestro do embaixador americano, reaparecer de sunga na praia de Ipanema? Não era coisa de homem. (GABEIRA, 2012, p. 119).

As questões morais em relação ao corpo e sexo eram preocupações do governo militar e foi um elemento central na repressão durante este período. Benjamin Cowan (2016), mostra que com o endurecimento do regime, a polícia poderia ver pornografia, jeans azuis e principalmente gênero e sexualidades não-convencionais como parte de um todo muito maior e desviante. O pânico moral afetou a contra-subversão em vários redutos dos estabelecimentos de segurança, desde locais de estudos teóricos (como a Escola Superior de Guerra<sup>69</sup>) até agentes de segurança que trabalhavam nas ruas. (COWAN, 2016, p. 146 - 147).

Ao mesmo tempo, na esquerda política, os corpos dos e das militantes eram concebidos como instrumentos de luta, o que implicava em uma performatividade baseada em estereótipos e modelos militares vinculados às construções do masculino, o que envolvia gestos, tom de voz e modo de se vestir, como afirma Cristina Scheibe Wolff (WOLFF, 2018,

---

<sup>69</sup>Centro de estudo e pesquisa das Forças Armadas Brasileiras, criado em 1949 para desenvolver e consolidar conhecimentos em relação à segurança nacional e desenvolver cursos para os oficiais. Hoje é o Instituto de Altos Estudos de Política, Defesa e Estratégia, integrante do Ministério da Defesa. Emílio Garrastazu Médici (1969 - 74) e João Baptista de Oliveira Figueiredo (1979 - 85) foram alunos da ESG.

p. 271). Isto é algo com que Gabeira já demonstrava incômodo em *O que é isso, companheiro?*, como na passagem em que ele diz:

Assim como nossas tias achavam que a civilização ocidental e cristã cairia por terra se continuássemos mexendo nossas bundas e pernas ao som do rock and roll, muitos acreditaram, solenemente, que o edifício marxista-leninista iria ruir se, de repente, começássemos a esfregar os clitoris das mulheres. (GABEIRA, 2009, p. 50 - 51).

Os dois últimos trechos apresentados demonstram outra continuação entre os dois livros e um pensamento que o autor desenvolveu com o tempo, tornando uma de suas principais pautas na carreira política e na vida pública desde que retornou ao Brasil do exílio, como afirmou Dário Borim Jr. (BORIM JR., 2018, p. 66).

Sobre os partidos verdes, partidos políticos de tendência ecologista que foram criados inicialmente na Oceania em 1972<sup>70</sup> e se popularizaram na Europa durante a década de 1970, Fernando Gabeira diz:

A ideia de formar um partido novo, “verde”, num momento em que já se discutia se partidos eram ainda instrumentos válidos, foi baseada na experiência europeia. O partido deveria trazer um programa claro sobre os novos temas, ancorados na visão ecológica, e, simultaneamente, atuar ao lado do PT. Com isso se reproduzia o modelo europeu, sobretudo o alemão, da coligação verde-vermelha. (GABEIRA, 2012, p. 122).

Em janeiro de 1986, junto de Lucélia Santos, Alfredo Sirkis, John Neschling, Luis Alberto Py, Carlos Minc, Herbert Daniel e Guido Gelli, Gabeira fundou o Partido Verde (PV)<sup>71</sup> do Brasil, o que demonstra a forma que a experiência na Europa durante o exílio o marcou, influenciando a centralidade que as questões ecológicas assumiram em sua vida e sua carreira.

Gabeira retornou do exílio ao Brasil em 1979, após a promulgação da Lei de Anistia. Em *Onde está tudo aquilo agora?*, ele escreve sobre o momento que recebeu a notícia de que poderia voltar para o seu país. Ele trabalhava em um hotel na Suécia neste período e estava em seu turno.

Certa noite, no hotel, quando todos os hóspedes já dormiam, e eles sempre dormiam antes das onze, o telefone tocou anunciando a anistia - geral, ampla e irrestrita. Grande impacto. Uma onda de alegria e otimismo me fez compreender como ainda estava ligado à terra. Arrumar a mala, empacotar os livros, partir. Só pensava nisso, sabendo que não voltava para o mesmo país e que também já não era a mesma pessoa que fora banida dele em 1970. E daí? (GABEIRA, 2012, p. 115).

<sup>70</sup>O primeiro partido verde foi o Green Party da Austrália, fundado no estado da Tasmânia pelo grupo de ecologistas denominado United Tasmanian Group.

<sup>71</sup>Informação retirada do site do Partido Verde: <https://pv.org.br/opartido/>. Acesso em: 17/08/2023.

Em *O que é isso, companheiro?*, o escritor já percebia as profundas mudanças pelas quais estava passando enquanto estava exilado. Em 2012 ele também nota que quando retornou ao Brasil já não se reconhecia da mesma forma que no momento em que foi banido. Porém, a alegria de retornar ao seu país é o que o autor escolheu destacar na escrita sobre este momento, mesmo sabendo que os dois haviam mudado: Fernando Gabeira e o Brasil. A pergunta final “e daí?” reflete o misto de sentimentos sobre a sua volta e as mudanças pelas quais passou, bem como sugere uma reflexão sobre o significado destas transformações, indicando que ele não as interpretava como negativas.

“No aeroporto, quando chegamos, os amigos me carregaram em festa, enquanto a charanga do Flamengo tocava furiosamente para saudar os jogadores<sup>72</sup>. Foi uma noite maravilhosa, o começo de uma nova vida.” (GABEIRA, 2012, p. 117). Novamente, Gabeira escolhe ressaltar a alegria do momento do retorno ao Brasil. Desta vez também afirma que este foi o “começo de uma nova vida”. Considerando isto, podemos perceber que o autor indica este evento como um marco em sua vida, de uma fase que teve início com o fim do exílio, uma fase alegre, com novas possibilidades.

Neste capítulo analisamos a obra *Onde está tudo aquilo agora?* e fizemos uma comparação entre a narrativa nela apresentada e a apresentada em *O que é isso, companheiro?*. Percebemos no passar dos 33 anos entre as publicações, houveram rupturas e permanências na memória de Fernando Gabeira e em sua maneira de narrá-la, de a apresentar ao público. As obras, sendo publicadas em contextos distintos, resultam de motivações igualmente diferentes. Estes livros não apenas nos permitiram compreender aspectos dos eventos narrados nele, mas também sobre o contexto em que eles foram publicados, sobre a memória de seu autor e sua forma de narrar. Percebemos diferentes demandas e objetivos na escrita de cada um e a forma como os eventos vividos por Gabeira ao longo do tempo o influenciaram. Ainda que as narrativas sejam advindas de memórias assentadas em um mesmo evento, este se torna outro, pois é ressignificado em tempos distintos. Compreender isto tornou possível uma melhor compreensão sobre nosso passado, nosso tempo presente e como eles se relacionam.

---

<sup>72</sup>O time de futebol do Flamengo estava no mesmo voo que Gabeira, retornando de uma partida em que foram vitoriosos.

## 5. CONCLUSÃO

Este trabalho buscou compreender aspectos de testemunhos sobre a ditadura militar brasileira, especialmente os testemunhos literários e, mais especificamente, alguns dos testemunhos de Fernando Gabeira: *O que é isso, companheiro?* (1979) e *Onde está tudo aquilo agora?* (2012). Buscou-se entender como são operadas as mudanças de memórias e de narrativas testemunhais de uma mesma pessoa com o passar do tempo.

As obras testemunhais são produtos do momento em que foram escritas, mas o passado delas - a catástrofe representada - se mantém vivo para os seus escritores, se reverbera em seus presentes, temporalidade com a qual os autores possuem um compromisso, pois os livros testemunhais trabalham com as questões individuais de seus autores, mas também inserem-se em disputas narrativas sobre os seus presentes. Nos livros de Fernando Gabeira isso é percebido pois sua memória é reelaborada, recriada, e coisas distintas são ressaltadas em momentos distintos, demonstrando, desta maneira, que a memória se vincula ao tempo no qual é proferida. Ficou perceptível que diferentes momentos possuem diferentes necessidades.

De igual maneira, contradições de ideias, percepções e posições estão presentes na escrita de Gabeira. Com isso percebemos que a memória, os pensamentos e as intenções de um indivíduo não são heterogêneos, não se mantêm da mesma forma o tempo todo e, às vezes, nem ao mesmo tempo.

Os testemunhos são, principalmente, tentativas de realizar justiça social, de evitar que as violências sofridas se repitam, o que demonstra, também, um compromisso com o futuro. As obras estudadas podem ser consideradas literatura de testemunho pois se articulam com a memória individual e coletiva e com a narrativa enquanto forma de externalizar as experiências traumáticas de Gabeira, reivindicar a justiça e resistir contra a injustiça.

Nos dois momentos de publicação, os livros de Fernando Gabeira se constituíram como tomadas de posição no debate público em torno da ditadura. Testemunhar sobre as violências cometidas pelos Estado, foi uma forma de divulgá-la, de impedir o esquecimento e de protestar pela democracia. Esta é uma posição que se mantém em ambos os livros, porém, ela mostra que Gabeira apresentou uma mudança em sua luta, já que o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), do qual participava, não era defensor da democracia, mas da guerra revolucionária que levaria a uma ditadura do proletariado, como ficou evidenciado no documento *Linha Política e Orientação Para a Prática* (1969). Em *O que é isso, companheiro?*, ele demonstra se sentir culpado e decepcionado com esta visão de

mundo, denunciando erros seus e de seus companheiros de luta. Há uma demonstração pública de arrependimento e uma tentativa de inserção neste mote democrático que ganhava força no Brasil.

Foi percebido, também nas duas obras, que Gabeira atribui a violência também aos grupos de esquerda, não apenas aos agentes da ditadura, mas não deixou de caracterizar estes agentes como violentos. Ele qualifica ambos os grupos como agressivos. Identificamos uma frequente tentativa de evidenciar a violência do período, independente de quem a estivesse perpetrando, com influência da teoria dos dois demônios no pensamento do autor da obra, que buscou uma forma de se redimir pelas ações violentas das quais participou, mas sem tirar a responsabilidade da ditadura militar.

Em *O que é isso, companheiro?*, podemos notar um desgosto de Gabeira com as discussões internas que ocorriam nos grupos políticos em que estava inserido na década de 1960 e início da década de 1970. A escrita de Gabeira também se encontrava dentro desta disputa, como uma posição contrária às duas alas por ele apresentadas: moderada e radical. De igual maneira, em *Onde está tudo aquilo agora?*, o autor se mostra insatisfeito com o contexto em que estava naquele momento, o da política institucional. Nos dois momentos de escrita, ele se coloca como alguém deslocado e descontente com os grupos políticos nos quais se inseriu.

O sequestro do embaixador estadunidense, Charles Burke Elbrick, foi um ponto de virada na vida de Gabeira. Mesmo não havendo detalhes concretos na memória do autor, ele indica a influência desse acontecimento em sua vida e no contexto coletivo em que estava inserido, apresentando-o como resultado de uma sucessão de eventos anteriores e como o começo de uma nova fase. Este foi um acontecimento que deixou vestígios, já que marcou diversas pessoas, como Fernando Gabeira, os outros participantes da ação, os presos políticos que foram soltos em decorrência deste ato, o próprio embaixador sequestrado e os agentes do Estado brasileiro que tiveram que lidar com a situação. Percebemos que a memória é caracterizada pela complexidade, podendo causar confusões. Lembrança e esquecimento se mesclam na narrativa de Gabeira, especialmente quando ele afirma não se lembrar do dia do sequestro. Com isso, concluímos que memória e esquecimento caminham juntos e ambos fazem parte do processo de significação do passado. Em *Onde está tudo aquilo agora?*, ele apresenta mais reflexões e uma percepção diferente sobre o ato do sequestro. Com isso concluímos que as experiências vividas ao longo do tempo que se passou entre a escrita de cada livro e a própria passagem do tempo operaram uma ressignificação da memória.

Analisando a narrativa em *O que é isso, companheiro?* sobre o período em que Gabeira esteve encarcerado, percebemos a importância da noção de tempo. A percepção do tempo é subjetiva. Ela influencia e é influenciada pelas dinâmicas de poder e pelos acontecimentos históricos do presente. Ao longo da obra percebemos como a manipulação do tempo foi utilizada como uma forma de exercício de poder pela ditadura militar brasileira, pois o autor ressaltou que os relógios eram todos tapados na prisão. Todas as informações sobre o tempo eram retiradas do encarcerado.

Outro ponto que nos levou a esta conclusão, foi o despojamento da ideia de futuro quando Gabeira escreve sobre o exílio em *O que é isso, companheiro?*. Já em *Onde está tudo aquilo agora?* ele relembra este período como esperançoso e como o seu momento de retorno à liberdade. Isso também tem relação com a passagem do tempo e com as transformações vividas pelo autor.

Concluimos que nos 33 anos que se passaram entre a publicação das obras, a memória de Fernando Gabeira foi se transformando, passando por rupturas e continuidades. Os livros foram publicados em contextos diferentes e, portanto, apresentam motivações também distintas. Foram percebidas diferentes demandas e objetivos. Compreendemos aspectos dos eventos narrados nas obras, dos contextos em que elas foram publicadas, da memória de seu autor e de sua forma de narrar. Ainda que as narrativas sejam advindas de memórias assentadas em um mesmo evento, não apenas elas se transformam, mas o próprio evento se torna outro, pois é ressignificado.

Ressaltamos aqui a importância das literaturas de testemunho para a nossa experiência democrática. Fernando Gabeira é uma figura polêmica, que gerou e ainda gera discussões, inclusive entre outros participantes do seqüestro de Charles Burke Elbrick. Um exemplo é o documentário *Hércules 56*, em que participam Cláudio Torres, Daniel Aarão Reis e Franklin Martins, na época do MR8, e Manoel Cyrillo e Paulo de Tarso Venceslau, os quais eram da ALN, os quais apresentam uma narrativa diferente da de Gabeira sobre o evento (*HÉRCULES 56*, 2007). Temos ciência disso e reforçamos que as narrativas de um passado rememorado por ele são as versões que ele mesmo escolhe apresentar - assim como qualquer narrativa individual - e são importantes em nosso presente.

As ameaças à democracia estão sempre vivas, com menos força em alguns momentos e com mais força em outros. Diferentes eventos dos últimos anos deixam evidente que o regime democrático não é garantido, sendo necessário defendê-lo constantemente. Alguns exemplos são: a invasão e depredação do plenário do STF, Congresso Nacional e Palácio do Planalto, em Brasília (DF) (ROCHA et al, 2023); a invasão do Capitólio dos Estados Unidos,

em Washington (DC) (CINZENTO, 2023); a ameaça de bomba na Casa Rosada, sede do governo argentino, em Buenos Aires, no dia da eleição presidencial de 2023 (BRAGA, 2023); as homenagens a Carlos Alberto Brilhante Ustra, torturador que atuou durante a ditadura militar, feitas por Jair Bolsonaro, ex-presidente da República, em diferentes ocasiões (ESTADO DE MINAS, 2022); e a retirada de direitos das pessoas LGBTQ+ na Itália (NADEAU; GUY, 2023). Esses são alguns exemplos que mostram a fragilidade da democracia, não apenas no Brasil, mas ao redor do mundo. De igual maneira, mostram que a memória em torno de ditaduras do passado – que continuam presentes – segue sendo disputada. Por esses motivos, é necessário que sempre estejamos lembrando, contando, estudando, evidenciando as diversas violências cometidas pelas ditaduras que ocorreram ao longo da história, para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, TH. W. **Mínima Moralía**. Lisboa: Edições 70, 1951.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz?** São Paulo: Boitempo, 2008.

AMÉRY, Jean. **Além do Crime e Castigo: tentativas de superação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

AURELL, Jaume; SILVA, Wilton C. L. Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Annie Kriegel. **História**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 340 - 364, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/9BzfHY5yBnp8337yGJB8THk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26/09/2023.

ANGELO, Vitor Amorim de. **Ditadura militar, esquerda armada e memória social no Brasil**. 2011. 225 p. Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1420/3959.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 21/06/2023.

ANTONACI, Giovanna de Abreu. **Os presos comunistas nos cárceres da Ilha Grande (1930 - 1945)**. 2014. 145 p. Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/14639/Dissert-giovanna-de-abreu-antonaci.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29/06/2023.

AVELAR, Alexandre de Sá. História, tempo presente e testemunho: ainda em torno dos limites da representação. **Maracanan**, Rio de Janeiro, v.8, n.8, Jan./Dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/12773/9894>.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BAGGIO, Roberta Camineiro. Marcas da Memória: a atuação da Comissão de Anistia no campo das políticas públicas de transição no Brasil. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, Vol. 48, N.2, p. 111 - 118, mai./ago. 2012. Disponível em: [https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/csu.2012.48.2.05/1117](https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2012.48.2.05/1117)

BASTOS, Liliana Cabral. Narrativa e vida cotidiana. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118 - 127, 2004.

BEVERNAGE, Berber. **História, memória e violência de Estado: tempo e justiça**. Serra: Editora Milfontes / Mariana: SBTHH, 2018. Livro eletrônico (e-book).

BORIM JR., Dário. From Brazil to Sweden to Brazil: gender trouble in Fernando Gabeira. **Via Atlântica**, n. 33, p. 61 – 79, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/139920>. Acesso em: 15/05/2023.

BRAGA, Laura. Eleições na Argentina: Casa Rosada é isolada após ameaça de bomba. **Metrópoles**, 20 de outubro de 2023. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/brasil/eleicao-argentina-bomba-casa-rosada>. Acesso em: 25/10/2023.

BRASIL. **Ato institucional nº5, de 13 de dezembro de 1968**. São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 13 de dezembro de 1968. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-05-68.htm#:~:text=AIT%2D05%2D68&text=ATO%20INSTITUCIONAL%20N%C2%BA%20%2C%20DE,Vide%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20de%201988](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm#:~:text=AIT%2D05%2D68&text=ATO%20INSTITUCIONAL%20N%C2%BA%20%2C%20DE,Vide%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20de%201988). Acesso em: 22/07/2022.

BRASIL. **Ato Institucional nº 13, de 5 de setembro de 1969**. Institui a pena de banimento do Território Nacional para o brasileiro que se tornar inconveniente, nocivo ou perigoso à Segurança Nacional e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 5 de setembro de 1969. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-13-69.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-13-69.htm). Acesso em: 16/08/2023.

BRASIL. **Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979**. Concede anistia e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 28 de agosto de 1979. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6683.htm) Acesso em: 15/07/2022.

BRASIL. **Lei nº 10.559, de 13 de novembro de 2002**. Regulamenta o art. 8º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 13 de novembro de 2002. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110559.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110559.htm). Acesso em: 06/07/2023.

CHIAVERINI, Tatiana. **Origem da pena de prisão**. 2009. 120 p. Mestrado em Filosofia do Direito. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/8885/1/Tatiana%20Chiaverini.pdf>. Acesso em: 30/06/2023.

CINZENTO, Victor. Invasão ao Capitólio completa dois anos em meio a caos na escolha para presidente da Câmara nos EUA. **G1**, 06 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/01/06/invasao-ao-capitolio-completa-dois-anos-em-meio-a-caos-na-escolha-para-presidente-da-camara-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 25/10/2023.

CODATO, Adriano Nervo. O golpe de 1964 e o regime de 1968: aspectos conjunturais e variáveis históricas. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 40, p. 11 - 36, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2735>. Acesso em: 22/06/2023.

COWAN, Benjamin. **Securing sex**. Morality and repression in the making of Cold War Brazil. Chapel Hill: North Carolina Press, 2016, p. 145 - 179.

CRUZ, Vivian Montezano. **Lembrar para esquecer: a construção da memória social da esquerda armada no Brasil (1974-1988)**. 2016. 100 p. Mestrado em História. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (FRANCA), Franca. Biblioteca Depositária: UNESP/FCHS/Franca. Disponível em:

[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=4363198](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4363198). Acesso em: 15/06/2023.

D'ARAUJO, Maria Celina; JOFFILY, Mariana. Os dias seguintes ao golpe de 1964 e a construção da ditadura (1964 - 1968). In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O tempo do regime autoritário: ditadura militar e redemocratização. Quarta República (1964 - 1985)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. Livro digital [e-book].

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

FARIAS, Airton de. Rumores falam em luta armada: Fortaleza, 1968. **Revista Especialidades**. 1, v. 15, n. 1, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/19184>. Acesso em: 14/07/2023.

ESTADO DE MINAS. Bolsonaro elogia coronel condenado por tortura: 'Lutou por democracia'. **Estado de Minas**, Política, 27 de março de 2022. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/03/27/interna\\_politica,1355776/bolsonaro-elogia-coronel-condenado-por-tortura-lutou-por-democracia.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/03/27/interna_politica,1355776/bolsonaro-elogia-coronel-condenado-por-tortura-lutou-por-democracia.shtml). Acesso em: 25/10/2023.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

FERNANDO Gabeira. Biografia. **Câmara dos deputados**. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/deputados/74841/biografia> Acesso em: 16/06/2023.

FERNANDO Paulo Nagle Gabeira. **Lideranças políticas**. NEAMP, PUC-SP. Disponível em:

<https://neamp.pucsp.br/liderancas/fernando-paulo-nagle-gabeira> Acesso em: 16/06/2023.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018. Disponível em:

<https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310232018080>. Acesso em: 06/05/2023.

FICO, Carlos. A negociação parlamentar da anistia de 1979 e o chamado "perdão aos torturadores". **Revista anistia política e justiça de transição**, Brasília, n. 4, p. 318 - 333, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.corteidh.or.cr/tablas/r30005.pdf>. Acesso em: 26/09/2023.

FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 05 - 74, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3381/338151136002.pdf>. Acesso em: 14/03/2023.

FICO, Carlos. **O golpe de 64**: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

FRANCO, Marina. La "teoría de los dos demonios": un símbolo de la posdictadura en la Argentina. **Contracorriente**, v. 11, n. 2, 2014, p. 22 - 52. Disponível em:

[https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/34129/CONICET\\_Digital\\_Nro.2e287f0f-8311-40a3-861d-ca6f78a25e59\\_A.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/34129/CONICET_Digital_Nro.2e287f0f-8311-40a3-861d-ca6f78a25e59_A.pdf?sequence=2&isAllowed=y). Acesso em: 25/07/2023.

FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In.: SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

FRÓES, Lucas. Um embaixador alemão em troca de 40 presos políticos. **DW**, 8 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/um-embaixador-alem%C3%A3o-em-troca-de-40-presos-pol%C3%ADticos-da-ditadura/a-55847693>. Acesso em: 29/06/2023.

GABEIRA DISPAROU! **Pasquim**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 542, p. 26, 16 a 22 de novembro de 1979.

GABEIRA, Fernando. O mestre A. D. **Observatório da Imprensa**, 27 de março de 2012. Feitos & Desfeitos / Jornal de Debates. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/ed687-o-mestre-ad/> Acesso em: 12/06/2023.

GABEIRA, Fernando. **Onde está tudo aquilo agora?** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GABEIRA, Fernando. **O que é isso, companheiro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GARCÍA, Victoria. Testimonio literario latinoamericano: Una reconsideración histórica del género. **Exlibris (investigación)**, Buenos Aires, n. 1, p. 371 - 389, 2012. Disponível em: <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/exlibris/article/view/422/291>. Acesso em: 24/04/2023.

GARCÍA-ROMEU, José. Dictature, témoignage, histoire: paroles de victimes et de bourreaux dans les littératures argentine et chilienne (1983 – 2002). **Cahiers de Narratologie [En ligne]**, V. 15, p. 1 - 13, dez. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/narratologie/pdf/796>. Acesso em: 19/07/2022.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. **Revista Conexão Letras**, v. 3, n. 3, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55604>.

GONZAGUINHA; LUIZ GONZAGA. **Pequena Memória Para Um Tempo Sem Memória (A Legião dos Esquecidos) – Ao Vivo**. EMI Records Brasil Ltda, 1981. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1BSjO25ra0T8GAJ8nJP5nB>. Acesso em: 17/10/2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HARTOG, François. **Crer em história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 252 p.

**HÉRCULES 56**. Direção de Sílvio Da-Rin. Produção: Berna Ceppas e Kamal Kassin. 2007.

HERLER, Thomaz Joezer. **Formação e trajetória do primeiro MR-8: possibilidades e limites de construção de uma vanguarda revolucionária político-militar (1964 - 1969)**. 265 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE),

Marechal Cândido Rondon, 2015. Disponível em:

[https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/1722/1/Thomaz\\_Herler\\_2015](https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/1722/1/Thomaz_Herler_2015). Acesso em: 22/07/2022.

JELIN, Elizabeth. **La lucha por el pasado**: Cómo construimos la memoria social. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017. Livro eletrônico (e-book).

JORGE DREXLER. **Eco**. 2004. Madri: Dro East West. Disponível em:

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/5mp2f2LfC7roht9TKWgPMc>. Acesso em: 17/10/2023.

KINZO, Maria D'Alva G. A democratização brasileira. Um balanço do processo político desde a transição. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 4, 2001. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/spp/a/3NSCRgSjxx9mz3FCMNYFfQn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26/09/2023.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

LACAPRA, Dominick. **History, Literature, Critical Theory**. Ithaca, Nova York: Cornell University Press, 2013.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LÍSIAS, Ricardo. O que os fortes queriam? Uma análise de O que é isso, companheiro? e Os carbonários. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 48, p. 229 – 246, 2016.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/mXsbdtdNnmRq7HxcQtrLfxh/?lang=pt>. Acesso em: 13/09/2021.

MANIFESTO da ALN e do MR-8 (seqüestro embaixador americano no Brasil). 4 de setembro de 1969. **Marxists Internet Archive**, maio de 2006. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1969/09/04.htm> Acesso em: 12/06/2023.

MONTEIRO, Walmir dos Santos. **“Nada no bolso ou nas mãos”**: Influências do existencialismo sartreano na contracultura brasileira: 1960 - 1970. 2007. 141 p. Mestrado em História. Instituição de Ensino: Universidade Severino Sombra, Vassouras. Disponível em: <http://www.existencialismo.uerj.br/pdf/disserwalmir.pdf> Acesso em: 12/06/2023.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O lulismo e os governos do PT: ascensão e queda. In.:

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O tempo da Nova República**: da transição democrática à crise política de 2016: Quinta República (1985 - 2016). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Livro eletrônico (e-book).

MÜLLER, Angélica. 1968: memória dos atores e seus reflexos. **História Oral**, v. 10, n. 2, p. 51 - 64, jul.-dez. 2007. Disponível em:

<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/215/219>. Acesso em: 05/10/2022.

MÜLLER, Luana Chinazzo; VASCONCELLOS, Fernanda Cristine; SANTOS, Mauren de Souza Xavier. Sequestro do embaixador dos EUA e AI-14: um olhar sobre o imaginário nos

discursos de *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. **Anais de Resumos Expandidos. IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**. Vol. 1, n. 4, 2020.

NADEAU, Barbie Latza; GUY, Jack. Itália começa a remover nomes de mães lésbicas de certidões de nascimento. **CNN**, 21 de julho de 2023. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/italia-comeca-a-remover-nomes-de-maes-lesbicas-de-certidoes-de-nascimento/>. Acesso em: 25/10/2023.

NAPOLITANO, Marcos. O golpe de 1964 e o regime militar brasileiro: Apontamentos para uma revisão historiográfica. **Contemporânea: Historia y problemas del siglo XX**. V. 2, año 2, 2011, p. 209 - 218. Disponível em:

[https://www2.olimpiadadehistoria.com.br/vw/1JMb7TKgwNQ\\_MDA\\_fd2ae\\_/O%20golpe%20de%201964%20e%20o%20regime%20militar%20brasileiro.pdf](https://www2.olimpiadadehistoria.com.br/vw/1JMb7TKgwNQ_MDA_fd2ae_/O%20golpe%20de%201964%20e%20o%20regime%20militar%20brasileiro.pdf) Acesso em: 21/06/2023.

NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. **Antítese**, V. 8, n. 15, 9 - 44, nov. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1933/193343056003.pdf>. Acesso em: 19/07/2022.

OLIVEIRA, David Barbosa de; REIS, Ulisses Levy Silvério dos. A teoria dos dois demônios: resistências ao processo brasileiro de justiça de transição. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 01, 2021, p. 48 - 76. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rdp/a/KC9Vb9trk77JxvwnjCtJsHP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25/07/2023.

O PARTIDO. **Partido Verde**. Disponível em: <https://pv.org.br/opartido/>. Acesso em: 17/08/2023.

PADRÓS, Enrique Serra. A Operação Condor e a conexão repressiva no Cone Sul: a luta pela verdade e pela justiça. **Organon**, Porto Alegre, nº 47, jul.-dez., 2009, p. 15 - 38. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/177604>. Acesso em: 26/09/2022.

PAZ, Eliane Hatherly. Best-sellers da Redemocratização: os livros mais vendidos entre 1974 e 1985. **XXXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Belém, 2019.

Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0374-1.pdf> Acesso em: 13/06/2023.

PEREIRA, Rogério Silva; CURY, Maria Zilda. O que é isso, companheiro?, 40 anos: entre a autobiografia, o testemunho, a entrevista e a confissão. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 73, p. 210 - 277, ago. 2019. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/161916/155862>. Acesso em: 24/04/2023.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 3, p. 3 - 15, mar. 1989, Disponível

em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 25/09/2023.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. Sá (org.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014. Livro eletrônico (e-book).

QUADRAT, Samantha Viz. Operação Condor: O “Mercosul” do terror. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXVIII, n. 1, jun. 2002, p. 167 - 182. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/23793>. Acesso em: 26/09/2022.

REIMÃO, Sandra. Brasil, anos 70: mercado editorial e literatura ficcional brasileira. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, n. 20, 1993, p. 73 - 88. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/8215> Acesso em: 13/06/2023.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

REIS FILHO, Daniel Aarão; SÁ, Jair Ferreira de (Org.). **Imagens da Revolução: Documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961 - 1971**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1985.

REPULSA AO RAPTO DE ELBRICK. **Diário de Notícias (RJ)**, Rio de Janeiro, 05/09/1969. 1ª seção. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718\\_04&Pesq=Charles%20Burke%20Elbrick&pagfis=85959](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_04&Pesq=Charles%20Burke%20Elbrick&pagfis=85959). Acesso em: 21/07/2022.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/k5MsKMHv6ZQvPsF5vqvdkpB/>. Acesso em: 20/03/2023.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e o romantismo revolucionário. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFprmYrBPDSfK9McCQ/?lang=pt>. Acesso em: 17/07/2023.

ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In.: GALLEGRO, Esther Solano (Org.). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ROCHA, Lucas; et al. Criminosos invadem plenário do STF, Congresso Nacional e Palácio do Planalto. São Paulo e Brasília: **CNN**, 08 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/manifestantes-furam-bloqueio-e-entram-na-esplanada-em-brasilia/>. Acesso em: 25/10/2023.

RODEGHERO, Carla Simone. A Anistia de 1979 e seus significados, ontem e hoje. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. Sá (org.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014. Livro eletrônico (e-book).

ROLLEMBERG, Denise. Exílio: refazendo identidades. **História Oral**, v. 2, 1999, p. 39 - 73. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/9/82>. Acesso em: 23/08/2022.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610>. Acesso em: 19/04/2023.

SANTOS, Everton Silva; SILVA, Tamires Gomes da. A Passeata dos Cem Mil e seu vínculo com o Ato Institucional nº 5. **Anais do Seminário Internacional em Direitos Humanos e Sociedade**, Criciúma, v. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/AnaisDirH/article/view/4630>. Acesso em: 14/04/2023.

SANTOS, Rafael Fonseca. **JORNALISMO LITERÁRIO E CINEMA: Uma análise de O que é isso, companheiro?**. 2016. 103 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca George Alexander. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=4968655](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4968655). Acesso em: 15/06/2023.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, V. 20, n. 1, p. 65 - 82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf&lang=pt>

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.2, n.1, p. 3 - 20, jan./jun. 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. O Golpe. In.: SOARES, Gláucio Ary Dillon; D'ARAÚJO, Maria Celina (org.). **21 anos de regime militar: balanços e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

SONTAG, Ricardo; FERREIRA, Tainá Emília Queiroz; JACOB, Vitória Mendes. Banimento “em sua forma extra-constitucional” e cultura jurídica no Brasil (1969 - 1978). **Revista Culturas Jurídicas**, V. 4, N. 7, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/article/view/44760/28788>. Acesso em: 16/08/2023.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n.2, p. 272 - 284, mai. - ago. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/civitas/a/hpRyww6d63ZJFHPM6nXyRjF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10/02/2023.

TELES, Janaína de Almeida. **Memórias dos cárceres da ditadura: os testemunhos e as lutas dos presos políticos no Brasil**. 2011. Doutorado em História. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo. 519 p. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-31012017-140247/publico/2011\\_JanainadeAlmeidaTeles\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-31012017-140247/publico/2011_JanainadeAlmeidaTeles_VCorr.pdf). Acesso em: 14/08/2023.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRAVERSO, Enzo. Historia Y memoria. Notas sobre un debate. In: FRANCO, Marina; LEVIN, Florência. **Historia reciente: perspectivas y desafios para un campo en construcción**. Buenos Aires: Paidós, 2007, p.67-96.

TRAVERSO, Enzo. **La historia como campo de batalla. Interpretar las violencias del siglo XX**. Cidade do México: FCE, 2016.

VILLA, Marco Antonio. **Ditadura à brasileira – 1964-1985: a democracia golpeada à esquerda e à direita**. São Paulo: LeYa, 2014.

WOLFF, Cristina Scheibe. O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In.: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. **Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.